



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

**RAFAEL MARTINS REVADAM**

**Coronavírus: quando a ciência ganha as manchetes**  
- uma análise das reportagens científicas em tempo de  
pandemia

**CAMPINAS  
2023**

**RAFAEL MARTINS REVADAM**

**Coronavírus: quando a ciência ganha as manchetes**

- uma análise das reportagens científicas em tempo de  
pandemia

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Pallone de Figueiredo**

**Este exemplar corresponde à versão final da dissertação a ser defendida pelo aluno Rafael Martins Revadam em banca, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Simone Pallone de Figueiredo**

**CAMPINAS  
2023**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

R32c Revadam, Rafael Martins, 1988-  
Coronavírus: quando a ciência ganha as manchetes - uma análise das reportagens científicas em tempo de pandemia / Rafael Martins Revadam. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Simone Pallone de Figueiredo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Coronavírus. 2. Jornalismo científico. 3. Telejornalismo. I. Figueiredo, Simone Pallone de, 1967-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Coronavirus: when science makes headlines - an analysis of scientific reports in times of pandemic

**Palavras-chave em inglês:**

Coronaviruses

Science journalism

Television broadcasting news

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestre em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Simone Pallone de Figueiredo [Orientador]

Figueiredo, Simone Pallone de

Wilson da Costa Bueno

Fabiano Ormanze

**Data de defesa:** 17-11-2023

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2917-0794>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4907277498803693>



## **BANCA EXAMINADORA**

**Simone Pallone de Figueiredo**

**Wilson da Costa Bueno**

**Fabiano Ormaneze**

**IEL/UNICAMP  
2023**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

“Sou alguém que vive duvidando das certezas, das minhas e das alheias. E por isso estou sempre em carne viva”

– Eliane Brum

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais e à minha irmã por todo o apoio e incentivo para que eu retomasse os estudos e investisse na carreira científica, desde quando passei na especialização em Jornalismo Científico, em 2019, e inventei um mestrado logo em seguida. Aproveito para agradecer ao meu sobrinho, Felipe, que nasceu no meio dessa correria e teve que lidar com um tio enchendo o saco por videoconferência. Não seria o que sou se não fosse por vocês.

À professora Simone Pallone, minha orientadora não só nesta pesquisa de mestrado, mas também na minha especialização. Obrigado por todos os estímulos, os puxões de orelha, as confianças e o acolhimento. Se eu for 10% da pessoa incrível que você é, já me sinto realizado.

Agradeço também aos pesquisadores e docentes do Labjor/Unicamp, com destaque à Sabine Righetti, que acompanhou minha pesquisa até a banca de qualificação e em grupos de pesquisa, e que deu toques essenciais para a estruturação da análise; e à Germana Barata, cujas conversas de corredores foram essenciais para a minha evolução como cientista e como pessoa.

Um obrigado também às meninas da secretaria do Labjor, Andressa e Alessandra, sempre queridas em ajudar uma pessoa perdida nos processos burocráticos da academia. Obrigado por esses quase quatro anos de apoio e estímulo.

A minha mudança a Campinas trouxe também pessoas incríveis no caminho, a quem desejo agradecer:

À Mariana Hafiz, minha irmãzinha de alma, que conheci na especialização em Jornalismo Científico e não poderia imaginar tamanho vínculo. O processo de fazer ciência pode ser bastante confuso e solitário, mas contar com alguém tão especial no dia a dia faz toda a diferença. Obrigado pelas trocas cotidianas, pela escuta, pelas indicações de referência e, principalmente, por me permitir ter você na minha vida. Muito obrigado.

À Ana Augusta, a quem eu implico por sua sabedoria de “20 anos de academia”. Obrigado pelo acolhimento em Campinas, pelas broncas, pelos toques, abraços e pela torcida. E não é que deu tudo certo?

À Karina Francisco e à Mayra Deltreggia, minhas colegas de mestrado sob a orientação da professora Simone Pallone, pela parceria durante a elaboração de artigos, a participação de eventos e por serem as melhores companhias para explorar cidades pelo Brasil.

À Roberta Bueno, por todo o incentivo e torcida, e por se fazer presente mesmo quando eu perdia em compromissos. Te adoro.

Agradeço ainda aos demais campineiros e/ou mestrandos do Labjor: André, Bianca, Bruno, Camille, Clara, Daniel, Emanuely, Fernanda Mariath, Fernanda Quaglio, Flora, Inácio, Jacqueline, Jhonatan, Júlia, Laura, Marcelo, Mariana Zilli, Milena, Monica, Natália Aranha e Natália Flores.

Durante esse processo de pesquisa, tive a oportunidade de integrar a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entidade onde permaneço, atuando em sua equipe de comunicação. Aqui, agradeço a todos da SBPC que sempre me apoiaram na formação acadêmica: Carlos Henrique, Chris Bueno, Daniela Klebis, Mariana Mazza e Vivian Costa.

Também agradeço aos amigos de longa data, que sempre me incentivaram, mesmo com a nossa distância física: Aislan, Bruno, Daniel, Fernando, Gabriel, Guilherme, Ilenia, Jéssica Galter, Jéssica Trindade, Jeo, Joca, Lilliane, Marina Camargo, Nemo, Rafael Bueno, Rafael Nepomuceno, Roni, Stella, Wellerson e Willer. E aos amigos noveleiros, que fizeram questão de acompanhar a minha banca final: Fábio, Jeferson e João.

Por fim, agradeço a Deus por tudo. Realizar este mestrado significou mudar de cidade, mudar de emprego e mudar os caminhos escolhidos para o futuro. Por mais que eu goste de mudanças, elas não são fáceis. Agradeço a força, as oportunidades, os momentos de discernimento que me foram dados e as conquistas. E que venham mais mudanças.

## **RESUMO**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as mudanças ocorridas no jornalismo científico com a chegada do novo coronavírus, destinando a análise às matérias produzidas e exibidas nos telejornais Jornal Nacional, da TV Globo, e Jornal da Record, da Record TV, no mês de julho de 2020. Desde o ano de 2020, com a decretação de pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil enfrentou mudanças no comportamento da sociedade, acompanhando padrões internacionais. Além da recomendada reclusão social e de novas práticas de higiene, como o uso de máscaras e álcool em gel, houve também mudanças discursivas, vindas tanto de figuras políticas quanto dos meios de comunicação. O objetivo do estudo foi identificar, a partir do factual de urgência que colocou a ciência no dia a dia das pessoas, como os noticiários diários se apropriaram e difundiram os conhecimentos técnicos e científicos. A pesquisa também refletiu sobre dois fatores que afetaram diretamente as produções jornalísticas apresentadas pelos telejornais: a interferência do Governo Federal como anunciante e as medidas governamentais realizadas no período para dificultar o acesso aos dados sobre o panorama da covid-19 no país.

Palavras-chave: Coronavírus, jornalismo científico, telejornalismo

## **ABSTRACT**

This research aimed to analyze the changes that occurred in scientific journalism with the arrival of the new coronavirus, focusing on the reports produced and broadcasted on the TV news programs Jornal Nacional, from TV Globo, and Jornal da Record, from Record TV, in the month of July 2020. Since 2020, with the declaration of the pandemic by the World Health Organization (WHO), Brazil has faced changes in societal behavior, following international patterns. In addition to the recommended social isolation and new hygiene practices, such as the use of masks and hand sanitizer, there were also discursive changes from both political figures and the media. The study aimed to identify, based on the urgency of facts that brought science into people's daily lives, how daily news programs appropriated and disseminated technical and scientific knowledge. The research also reflected on two factors that directly affected the journalistic productions presented by the television news: the interference of the Federal Government as an advertiser and the government measures taken during the period to hinder access to data about the Covid-19 situation in the country.

Key words: Coronavirus, scientific journalism, television journalism

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Postagem da campanha “#O Brasil Não Pode Parar” veiculada no perfil do Instagram do Governo Federal	29
Figura 2 – Primeira tela do boletim da covid-19 exibido no Jornal da Record	91
Figura 3 – Segunda tela do boletim da covid-19 exibido no Jornal da Record	92
Figura 4 – Primeiro tipo de boletim de dados da covid-19 exibido no Jornal Nacional	95
Figura 5 – Segundo tipo de boletim de dados da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com dados do Ministério da Saúde	96
Figura 6 – Reportagem do Jornal Nacional explicando a nova metodologia de apresentação dos dados da covid-19, a média móvel	97
Figura 7 – Primeira tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com o panorama geral da pandemia no país	98
Figura 8 – Segunda tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com a média móvel de mortes	99
Figura 9 – Terceira tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com a média móvel de mortes	99
Figura 10 – Quarta tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com a situação dos estados	100
Figura 11 – Imagem de vídeo da coluna opinativa do jornalista Augusto Nunes no Jornal da Record	132

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição do total de matérias encontradas no Jornal Nacional e no Jornal da Record	79
Gráfico 2 – Panorama do total de matérias encontradas no Jornal Nacional	80
Gráfico 3 – Panorama do total de matérias encontradas no Jornal da Record	81
Gráfico 4 – Total de matérias científicas exibidas por dia nos telejornais analisados	84
Gráfico 5 – Tipos de matérias explorados por ambos os telejornais	86
Gráfico 6 – Temas abordados nas matérias científicas do Jornal da Record	87
Gráfico 7 – Temas abordados nas matérias científicas do Jornal Nacional	88
Gráfico 8 – Mapeamento das matérias que foram destaques no Jornal da Record	103
Gráfico 9 – Mapeamento das matérias que foram destaques no Jornal Nacional	104
Gráfico 10 – Comparativo entre matérias nacionais e internacionais no Jornal da Record	105
Gráfico 11 – Comparativo entre matérias nacionais e internacionais no Jornal Nacional	106
Gráfico 12 – Origem dos dados utilizados pelo Jornal da Record	108
Gráfico 13 – Análise do total de dados utilizados nas reportagens do Jornal da Record, divididos por localização (nacionais ou internacionais)	109
Gráfico 14 – Origem dos dados utilizados pelo Jornal Nacional	110
Gráfico 15 – Análise do total de dados utilizados nas reportagens do Jornal Nacional, divididos por localização (nacionais ou internacionais)	111
Gráfico 16 – Categorização das origens dos dados que aparecem no Jornal da Record	113
Gráfico 17 – Categorização das origens dos dados que aparecem no Jornal Nacional	114
Gráfico 18 – Origens dos dados que aparecem no Jornal da Record	115
Gráfico 19 – Origens dos dados que aparecem no Jornal Nacional	117
Gráfico 20 – Créditos dos entrevistados que apareceram no Jornal da Record	120
Gráfico 21 – Créditos dos entrevistados que apareceram no Jornal Nacional	123
Gráfico 22 – Entidades dos entrevistados que apareceram no Jornal da Record	126
Gráfico 23 – Segmentos das instituições dos entrevistados que apareceram nas reportagens do Jornal da Record	128
Gráfico 24 – Entidades dos entrevistados que apareceram no Jornal Nacional	129

Gráfico 25 – Segmentos das instituições dos entrevistados que apareceram nas reportagens do Jornal Nacional	131
Gráfico 26 – Mapeamento dos jornalistas que seguem contratados pela Record TV	138
Gráfico 27 – Mapeamento dos jornalistas que atuaram no Jornal da Record e seguiram na profissão	139
Gráfico 28 – Mapeamento dos jornalistas que seguem contratados pela TV Globo	140
Gráfico 29 – Mapeamento dos jornalistas que atuaram no Jornal Nacional e seguiram na profissão	142

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- AAAS – American Association for the Advancement of Science
- ABC – Academia Brasileira de Ciências
- AI-5 – Ato Institucional nº 5
- ANS – Agência Nacional de Saúde Suplementar
- APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
- Anvisa – Agência Nacional de Vigilância Sanitária
- BAAS – British Association for the Advancement of Science
- BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CDC – Centers for Disease Control and Prevention
- CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
- Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- FGV – Fundação Getúlio Vargas
- Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz
- Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- Imazon – Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia
- INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
- INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
- INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
- JN – Jornal Nacional
- JR – Jornal da Record
- Labjor/Unicamp – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas
- MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
- NASA – The National Aeronautics and Space Administration
- OMS – Organização Mundial de Saúde
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PHEIC – Public Health Emergency of International Concern (Emergência em Saúde)

Pública de Preocupação Internacional)

PNT – Painel Nacional de Televisão

Rio 92 – Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992

RSI – Regulamento Sanitário Internacional

Sabesp – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo

SAPO – Science Authomatic Press Observer

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UnB – Universidade de Brasília

Unesp – Universidade Estadual Paulista

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

Unigrejas – União Nacional das Igrejas e Pastores Evangélicos

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>23</b>
<b>1. O JORNALISMO CIENTÍFICO</b>	<b>38</b>
1.1 Ativismo científico	44
1.2 Uma ciência militar	46
1.3 Ascensão do jornalismo científico	49
1.4 Uma história nova para um velho jornalismo	51
1.5 Jornalismo Científico, um Google Tradutor da ciência	52
1.6 Jornalismo Científico, uma proposta de conceitualização	54
1.7 Crise sobre crise	56
<b>2. ESTRUTURA DE PESQUISA</b>	<b>60</b>
2.1 Objetivos	60
2.1.1 Objetivo Geral	60
2.1.2 Objetivos Específicos	60
2.2 Percurso metodológico	61
2.2.1 O corpus da pesquisa	61
2.2.2 Estrutura do método	65
2.4 A televisão como documento	67
2.5 Covid-19 e desinformação	70
2.6 Ciência, sociedade e tomada de decisão	71
<b>3. O ESTUDO</b>	<b>75</b>
3.1 Panorama geral das coberturas	77
3.2 Presença do jornalismo científico	83
3.3 Tipos de matérias	85
3.4 Temáticas mais abordadas	86
3.5 Boletins da covid-19	90
3.6 Visibilidade das matérias	102
3.7 Notícias nacionais x internacionais	105
3.8 Dados utilizados pelos telejornais	107
3.8.1 Categorias mais consultadas	111
3.8.2 Instituições que mais apareceram	115
3.9 Análises dos entrevistados	119
3.9.1 Instituições dos entrevistados	125
3.10 Record TV e o conceito de junk news	132
3.11 Análise dos jornalistas envolvidos nas coberturas	136
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>143</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>148</b>

## APRESENTAÇÃO

O ano era 2012. Jornalista formado há pouco mais de dois anos, eu vivia uma realidade incomum no comparativo com os demais colegas que se graduaram comigo – eu trabalhava numa redação. Era um jornal regional, responsável pela cobertura das sete cidades que integram a região chamada de ABC Paulista (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra).

Repórter de cultura, eu havia entrado quando era apenas estagiário, sendo promovido uma vez e prestes a obter a segunda promoção, quando completasse os três anos de casa – algo que não chegou a acontecer.

Se no começo a internet impulsionou jogos e contatos pelas redes sociais, naquela época, a revolução estava na difusão da informação. Se no passado recente, as redes sociais eram vistas como grandes ferramentas de socialização e comunicação, naquela época, a produção de conteúdo online ganhou força. Claro, sempre existiam os blogs (eu mesmo tive alguns tantos) mas, naquele momento, era a informação apurada, analisada e embasada que passava por uma revolução – a informação jornalística.

A internet começou a facilitar o acesso a muitas reportagens e o que não se tinha gratuitamente online era encontrado aos montes em sites piratas. As primeiras tentativas de paywall no país – ou seja, de acesso mediante a pagamento –, aplicadas nos sites do Grupo Globo e do UOL, eram facilmente dribladas. Bastava jogar no Google o título da matéria exclusiva que se queria ler para encontrar o texto na íntegra em algum site suspeito.

Em paralelo, os grandes administradores da cadeia jornalística menosprezaram a internet e seu poder revolucionário no consumo de informação. Os editores-chefes do jornal em que eu trabalhava diziam que a internet não mudaria hábitos, algo que ouvi até em um evento na sede da Editora Abril: “não se preocupem, a internet não vai tirar o prazer de se consumir um bom impresso”, disse o executivo em um auditório lotado durante a Semana Abril de Jornalismo. Fico me perguntando se ele ainda mantém a mesma opinião.

E enquanto o consumo de notícias se tornava cada vez mais acessível e gratuito, as redações demoravam para se adaptar ou aceitar a necessidade de adaptação ao online.

Como consequência, vieram as quedas drásticas nas vendas dos veículos impressos e, logo em seguida, as demissões em massa.

Todos os dias, eu recebia um boletim sobre as movimentações no mercado de comunicação, de uma instituição cujo nome não me recordo. Ele indicava quem foi contratado, quem foi promovido, quem trocou de emprego, um novo veículo que nasceu, etc. Por mais que houvesse as notícias de demissões, nos quase três anos em que eu recebi este material visualizei mais notícias positivas do que negativas. Até que o cenário mudou.

A primeira demissão em massa que me recordo foi no grupo UOL/Folha. Depois, Estadão e Grupo Globo. E não eram poucas demissões, passavam da centena de pessoas. A justificativa era a mesma: a culpa era da internet e da nova forma de se consumir informação. Afinal, por que comprar notícia se eu posso ter de graça? E os anunciantes, de olho nessa mudança de consumo, também passaram a preferir suas publicidades no digital ao invés dos veículos impressos. Isso fez com que os grupos de comunicação se reestruturassem. E, aqui, reestruturação e demissão eram quase que sinônimos.

Assim, as notícias sobre demissões vinham dia após dia, literalmente. Lógico, todos os jornalistas da redação em que eu trabalhava estavam assustados e em contato direto com outros jornalistas de outros veículos. Não se tinham notícias sobre cortes na nossa região, mas sabíamos que eles iam chegar, por mais que os editores falassem o oposto.

Até que chegou o dia em que eu parei de receber os boletins por e-mail, pois o demitido fui eu. O jornal que eu trabalhava fechou a sua versão impressa e cortou mais da metade de seu corpo de funcionários. Um ano depois, ele viria a demitir os funcionários que restavam e a decretar, oficialmente, o seu encerramento.

A pior coisa de lidar com um corte em massa não é a demissão, mas a recolocação no mercado de trabalho, tudo porque você passa a disputar vagas com centenas de pessoas, numa desigualdade avassaladora. Além disso, quando o contratante percebe que há um cenário de muitos candidatos para poucas vagas, o processo começa a se tornar mais abusivo, com remunerações cada vez mais baixas e exigências um tanto quanto absurdas.

Ironicamente, eu cheguei a ser selecionado para ser freelancer no Agora São Paulo, um veículo do grupo UOL/Folha. Cumpri dois dias, onde vi uma redação de mais de 100 máquinas e nem dez ocupadas. Ao término do trabalho, fui sondado sobre a possibilidade de me tornar colaborador fixo, mas teria que aguardar pelo menos três meses, até que o grupo terminasse as tratativas legais de todas as demissões em massa. Como eu não tinha esse tempo, segui tentando me recolocar no mercado.

Eu sempre tive uma adoração por política e, por mais que eu negasse, uma facilidade com economia – talvez herança da minha mãe e sua formação em ciências contábeis. Isso me fez entrar numa assessoria de imprensa focada em clientes destas áreas. Estava ganhando quase três vezes menos do que recebia no jornal, mas não podia reclamar, afinal, eu estava empregado.

Então, passei sete anos me especializando em assessoria de imprensa e, conseqüentemente, em contato com políticos e executivos. Percebi que muitos jornalistas não gostavam dessas áreas, o que acabou se tornando uma oportunidade de crescimento para mim. Já em 2019, eu era coordenador de núcleo de uma assessoria voltada a negócios, tecnologia e política, administrando de seis a oito pessoas. Eu não era feliz, não era o que eu desejava quando cursei jornalismo, mas ao menos ganhava uma boa grana.

Em paralelo, por conta do trabalho como assessor, eu vivia em contato com jornalistas que ainda estavam em redações e, mesmo não recebendo mais e-mails com boletins de cortes, eu sabia que as demissões não pararam. Não era incomum vender uma pauta antecipada a um jornalista e, no meio da negociação, ele anunciar a sua demissão ou simplesmente sumir, e caber à nossa equipe descobrir se alguém havia sido contratado em seu lugar.

Alguns grupos de comunicação conseguiram fazer das demissões marketing, como o Grupo Globo, que anunciou o projeto “Uma Só Globo”, uma integração das redações de todos os seus meios de comunicação, em prol de uma comunicação mais dinâmica, contínua, etc. Na verdade, sabíamos que era uma contenção de custos – pagar menos salas de redação e menos pessoas.

Por mais que a minha paixão sempre tenha sido a reportagem, eu não via qualquer perspectiva de voltar às redações. Até que eu fui diagnosticado com

ceratocone. Basicamente, ceratocone é uma doença que ataca seus olhos, é quando a sua córnea vai se deslocando, fechando, até que você perca a visão completamente. No meu caso, eu tinha até o final de 2019 para tratar a doença, que estava nos meus dois olhos, ou havia o risco de eu terminar o ano cego.

E como desgraça nunca é bobagem, já dizia o ditado, o estado da minha ceratocone era considerado intermediário, ou seja, não era caso de um transplante de córnea – normalmente usado para quem já perdeu a visão. Por isso, o plano de saúde se recusou a pagar o meu tratamento.

Por sorte, eu ganhava relativamente bem e juntava dinheiro para comprar uma casa, que sempre foi um sonho. Mas entre ter casa e ter visão, eu não tive muita escolha. Pedi as contas do meu antigo trabalho e gastei todas as minhas economias com a minha saúde.

Eu sabia que não podia simplesmente ficar os meses de tratamento da ceratocone sem trabalhar, então busquei alternativas. Assinei um serviço online chamado Blog do Cout, uma newsletter que vinha semanalmente com vagas e oportunidades de cursos de jornalismo e, em contato com o médico que cuidava do meu tratamento, eu fiz um cronograma de como eu poderia retomar ao trabalho gradativamente. Foram, ao todo, duas cirurgias e três microcirurgias que, com sucesso, conseguiram parar a minha doença. Sim, não há cura para a visão perdida, mas eu também consegui me adaptar a uma lente rígida que me possibilita recuperar a visão que perdi.

Enquanto eu me recuperava da primeira cirurgia, eu recebi um boletim sobre um curso de jornalismo científico na Unicamp, algo que me tentou bastante. Porque eu sempre quis seguir a carreira acadêmica – no passado, cheguei a fazer três anos de iniciação científica e estava numa especialização construindo o meu TCC já como um projeto de mestrado quando fui demitido do jornal. Com os anos tentando me realocar e obter a remuneração que tinha antes, os meus planos científicos ficaram para trás.

Na época, eu pensei: “Estudar em Campinas? Mas eu teria que abrir mão de tudo para isso”. Até que eu percebi, eu já havia cedido a tudo. Passei na primeira fase do processo seletivo da especialização e, enquanto me recuperava da segunda cirurgia, fui até Campinas para realizar a segunda fase, uma prova escrita. Agradeço por não haver câmeras, porque imagine a cena: uma pessoa com a córnea dilatada, quase beijando o

papel para conseguir ler palavra por palavra. E, mesmo na situação tragicômica, eu passei.

A especialização em jornalismo científico era uma vez por semana, todas as segundas-feiras, então, tecnicamente, eu poderia trabalhar de terça a sexta. Eu só enxergava vultos, forçava horrores os meus olhos, mas eu não podia parar. Tentei procurar um emprego fixo durante o primeiro semestre da pós-graduação. Ironicamente, os empregadores se incomodavam mais com o fato de eu não poder cumprir expediente às segundas do que com a situação da minha visão.

Após uma série de recusas, eu percebi que não dava para retomar ao mercado, não de maneira formal. Eu já fazia freelas pontuais, era a forma que eu tinha encontrado de trabalhar enquanto lidava com o meu tratamento de saúde, e comecei a buscar freelas mais fixos, que me ajudassem a custear a vinda a Campinas toda semana.

Aqui, vale um contexto: a especialização da Unicamp não era apenas destinada a jornalistas e a minha turma, que tinha cerca de 40 pessoas, era bem dividida entre jornalistas e cientistas de diversas áreas. Acontece que em quase todas as vezes que se debatia como o jornalismo científico era realizado, era comum ouvir dos cientistas vários ataques aos jornalistas. Eu juro que entendo, a minha profissão não colabora e muitos profissionais ou não são tão capacitados ou não tão éticos, mas o que me assustava é que muitas pessoas não conheciam a crise em que vivia o jornalismo. Sim, a crise que me demitiu.

Eu falei com muitas pessoas, eu queria saber o que elas achavam que precisava ser feito em prol do jornalismo científico e a maioria me falava: “os veículos precisam ter uma editoria própria de ciência”. Mas como, gente? Como se as redações perderam, pelo menos, 75% de seus profissionais? Como se aquele repórter que sobreviveu aos cortes, que antes era especializado, agora tinha que escrever sobre tudo? E mesmo sem dados oficiais, eu sabia, no contato com colegas, que uma das primeiras editorias fechadas dos veículos foi, exatamente, a editoria de ciência.

É claro, tudo o que estou afirmando aqui não possui embasamentos, são coisas que eu vi e vivi enquanto repórter, fixo ou freelancer, e assessor de imprensa. E ao refletir sobre o porquê da crise da imprensa não ser um tema familiarizado entre as pessoas, eu percebi: quem fala das crises mercadológicas é a imprensa, e a imprensa não

ia falar de uma crise envolvendo ela mesma. Afinal, quem se atreveria a investir num mercado quebrado?

Por isso, eu acredito que só quem viveu a crise a partir de 2012 no jornalismo sabe a real dimensão dela. Claro, existem movimentos que se propuseram a tabular o que aconteceu, como o Manual do Passaralho ou o Atlas da Notícia, mas mesmo eles têm informações limitadas, pois dependem do autocadastro de veículos ou de relatos pessoais.

Em 2020, eu estava no segundo semestre da especialização em jornalismo científico. Tivemos apenas um dia de aula presencial quando a pandemia da covid-19 chegou e, como muitos sabem, ela chegou avassaladora. Eu, que já produzia matérias científicas para os veículos do Labjor/Unicamp – como o podcast Oxigênio e a revista ComCiência – comecei a cobrir essencialmente cenários da pandemia. A pandemia e a saúde mental, a pandemia e os idosos, a pandemia e o mercado cultural, como a saúde nova pode rastrear possíveis novas pandemias, tudo era pandemia.

Em paralelo, comecei a acompanhar as mudanças no mercado jornalístico por conta da pandemia. A TV Globo, na época, havia mudado drasticamente sua grade: tirou três horas de programas diários de entretenimento para intensificar seu jornalismo. Veículos concorrentes se uniram para calcular os números diários de infectados e mortos pela covid-19, por conta das dificuldades no acesso à informação pelo Governo Federal. Além, claro, das falhas na cobertura: falsas curas, falsas apurações, mesmas fontes. O jornalismo científico brasileiro estava realmente igual ao passado? O que a pandemia estava fazendo ao jornalismo?

A minha pesquisa de mestrado, esta que você lerá nas próximas páginas, nasceu das minhas curiosidades sobre as mudanças na imprensa. Nasceu dos relatos que ouvi dos colegas repórteres sobre a dificuldade de cobrir algo que não se entendia bem. Nasceu das críticas que eu ouvi de cientistas, que cada vez tinham que se preparar para dar entrevistas e, muitos, nunca haviam feito isso. E nasceu de uma cobrança, cada vez maior, por uma imprensa científica adequada. Uma cobrança até que correta, mas que muitos não sabem que antes de uma pandemia, o jornalismo já estava doente.

Por isso, o objetivo deste estudo não é apontar culpados, não é criar uma rivalidade entre jornalismo e ciência, mas sim resgatar uma crise, um lado pouco

conhecido da história do jornalismo brasileiro, sem esquecer a precariedade que existe na divulgação da ciência nacional. Ao analisar o jornalismo televisivo durante a pandemia, eu quero identificar o que mudou, os certos e os errados, mas, principalmente, deixar uma questão a cada um que tiver contato com este estudo: o que podemos fazer pelo jornalismo científico hoje?

## INTRODUÇÃO

“No Distrito Federal e nas 26 capitais, as ruas se esvaziavam e comerciantes fecham as portas”, disse o jornalista William Bonner, na abertura do Jornal Nacional na noite daquela terça-feira, 24 de março de 2020. Bonner não poderia imaginar, mas naquele dia a televisão brasileira atingiria a sua maior audiência dos últimos cinco anos, segundo dados do Kantar Ibope (Padiglione, 2020; Globoplay, 2023).

Algumas manchetes justificam o ápice de audiência. A primeira, obviamente, era o *lockdown* espalhado por todo o país – ou seja, a pandemia do novo coronavírus havia paralisado oficialmente todo o comércio brasileiro. Mas não só no Brasil. Naquela mesma data, a comissão organizadora da Olimpíada de Tóquio anunciou o adiamento dos jogos mundiais, uma decisão inédita na história olímpica, e a Organização Mundial da Saúde, a OMS, colocou os Estados Unidos como o novo epicentro da covid-19 (Padiglione, 2020; Globoplay, 2023).

2020 foi um ano revolucionário, literalmente. Na televisão brasileira, 38 das 50 maiores audiências registradas entre 2015 e 2020 são daquele ano. 204 milhões de pessoas assistiram à televisão naqueles 365 dias, mais precisamente, durante 7 horas e 9 minutos por dia. (Padiglione, 2020). A televisão foi entretenimento, foi divertimento, foi distração, mas, acima de tudo, foi informação.

Porém, a história não começa em 2020, e sim no último dia de 2019. No dia 31 de dezembro daquele ano, autoridades de saúde da China notificaram a OMS sobre uma epidemia de casos de uma infecção respiratória até então desconhecida em Wuhan, uma área metropolitana da província de Hubei. Inclusive, os primeiros casos da doença foram chamados de “pneumonia de etiologia desconhecida” (Oliveira, Matos e Siqueira, 2020).

O Centro Chinês de Controle e Prevenção de Doenças, juntamente com outras entidades médicas regionais, começou a organizar um programa intensivo para investigar o que era aquele surto. Logo descobriu-se que esse agente infeccioso era um novo vírus da família do coronavírus, de sigla CoV. No dia 11 de fevereiro de 2020, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, anunciou mundialmente que a doença transmitida por esse novo vírus seria chamada de covid-19, que literalmente significa

“doença por coronavírus 2019” (Oliveira, Matos e Siqueira, 2020).

O problema é que não foi descoberto somente o vírus que causava a doença recém nomeada, os médicos perceberam que essa doença era extremamente contagiosa, o que fez com que se espalhasse pelo mundo em questão de dias. Um mês depois da descoberta da covid-19, no dia 30 de janeiro de 2020, a OMS classificou o surto como emergência em saúde pública de interesse internacional, ou seja, o mundo precisava acompanhar de perto sua evolução. Quase dois meses depois, no dia 28 de fevereiro, a OMS elevou a classificação da covid-19 para “nível muito alto de risco de pandemia”, e no dia 11 de março de 2020, com 118 mil casos da covid-19 espalhados em 114 países, e com 4 mil mortes já contabilizadas, não tinha como dar outro diagnóstico: o mundo estava vivendo uma pandemia (Oliveira, Matos e Siqueira, 2020; OPAS, 2020).

Aqui, é importante destacar o que é uma emergência em saúde pública de preocupação internacional, que vem da sigla em inglês, PHEIC (*Public Health Emergency of International Concern*, que tem o mesmo significado da tradução em português) (Schneider e Oliveira, 2020; WHO, 2019).

É fato que epidemias e pandemias fazem parte da história da humanidade e isso é a ciência quem diz. Para se ter uma ideia, foram encontrados vestígios de tuberculose em múmias do Antigo Egito – que é o período entre os anos 2.635 a 2.155 a.C. Estimativas apontam que a peste negra dizimou cerca de metade da população da Europa em 1348, e populações nativas da África e das Américas sofreram com a varíola no século XVI (Schneider e Oliveira, 2020; Egito.com, 2023).

Da história recente, a pandemia mais grave foi a de influenza. Em março de 1918, durante a I Guerra Mundial, foi identificado o primeiro caso nos Estados Unidos. Três semanas depois, mais de mil soldados estavam infectados. Essa influenza foi chamada de gripe espanhola, e estimativas apontam que ela tenha matado cerca de 50 milhões de pessoas no mundo (Schneider e Oliveira, 2020).

O fato é que esse histórico de doenças ajudou no desenvolvimento de uma visão de que a saúde humana e a saúde animal estão estritamente ligadas, um pensamento que existe desde o século XVIII e que foi crescendo conforme novas ameaças surgiram, como o HIV/Aids entre as décadas de 1970 e 1980, a “doença da vaca louca” (encefalopatia espongiforme bovina), em 1986 e a gripe aviária (influenza aviária), em

2003 (Schneider e Oliveira, 2020; Lettieri, 2021; Embrapa, 2023; Fiocruz, 2023).

Em 2004, com a Organização Mundial da Saúde bem instalada e atuante, foram intensificadas as reflexões de que, num mundo globalizado, é mais fácil as doenças ultrapassarem as fronteiras geopolíticas. Isso fez com que a entidade revisse o seu Regulamento Sanitário Internacional (RSI), exigindo que os países se comprometessem na capacidade de detectar, avaliar e informar rapidamente as possíveis emergências em saúde pública de preocupação internacional. Sim, foi a partir daí que surgiu o conceito das PHEIC (Schneider e Oliveira, 2020).

Basicamente, para uma epidemia ser considerada como PHEIC, ela precisa responder a quatro perguntas: Seu impacto na saúde pública é considerado grave? É um evento incomum ou inesperado? Existe probabilidade de uma propagação internacional? E, por fim, existe potencial para restrições de viagens e do comércio? Se duas de suas respostas forem positivas, então, sim, é uma emergência em saúde pública de preocupação internacional, e os países envolvidos têm até 24 horas da identificação de casos para posicionar a OMS (Schneider e Oliveira, 2020).

Do surgimento desse conceito até os dias de hoje, apenas seis eventos foram considerados PHEIC: a H1N1 (influenza A), em 2009; o ebolavírus, em 2014; o poliovírus selvagem, também em 2014; o zika vírus, em 2016; o ebolavírus novamente, em 2019; e, claro, a covid-19, em 2020 (Schneider e Oliveira, 2020).

Dado esse histórico, é possível dizer que a pandemia do coronavírus seguiu exatamente os protocolos mundiais de saúde: a China avisou a OMS bem na virada de 2019 para 2020 – não à toa, o nome é covid-19 –, a OMS emitiu seus primeiros alertas em janeiro, intensificou os mesmos alertas em fevereiro e, no começo de março, oficializou o estado mundial de pandemia.

Mas onde entra o Brasil nessa história? Bom, na época, o país vivia sob comando do presidente Jair Messias Bolsonaro e a principal autoridade de saúde do Governo Federal, ou seja, o ministro da Saúde, era o médico Luiz Henrique Mandetta.

Como explicam Di Giulio *et al.* (2023), é o Governo Federal que tem a responsabilidade de coordenar as ações de saúde pública do país, incluindo a preparação e o enfrentamento às epidemias, e isso deve ser feito por meio do Ministério da Saúde, que é o órgão responsável em regulamentar a estrutura organizacional dos serviços de

saúde, tanto públicos quanto privados, além de acompanhar a sua implementação e coordenação. Logo, os principais responsáveis pelo controle da pandemia de covid-19 no país eram o então presidente da República, Bolsonaro, e o ministro Mandetta.

Mandetta conta no livro *Um paciente chamado Brasil* que, assim que a OMS alertou os países sobre a existência da covid-19, em janeiro de 2020, a Secretaria de Vigilância em Saúde, um órgão do Ministério da Saúde, questionou a entidade internacional sobre a gravidade da doença, mas que, na sua interpretação, “houve muita dificuldade para que os dirigentes da OMS se pronunciassem” (Mandetta, 2020, p. 14-15).

Mesmo sem nenhum caso diagnosticado no país, no dia 22 de janeiro daquele ano, o Ministério da Saúde criou o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública, dedicado ao acompanhamento da covid-19, e começou a apresentar o seu boletim epidemiológico, que viria a compilar o total de casos e óbitos do novo coronavírus no Brasil (Ferrari, 2020).

Entretanto, até o dia 10 de fevereiro de 2020, o próprio Ministério da Saúde achava que a doença estava restrita à Wuhan, o território chinês onde surgiram os primeiros infectados (Mandetta, 2020). Essa realidade mudaria em duas semanas, já que no dia 25 de fevereiro, o Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, notificaria o estado paulista sobre o primeiro caso de internação – informação confirmada pelo próprio Ministério da Saúde no dia seguinte (Folha, 2020; Saldaña, 2020).

A partir do primeiro caso de covid-19 confirmado no país, o Ministério da Saúde começou a realizar coletivas de imprensa quase que diariamente, onde o próprio Mandetta, ou alguém de sua equipe, apresentava, sempre às 17 horas, o boletim epidemiológico com o total de casos suspeitos e casos confirmados. “Passamos a consolidar os números dos estados e isso passou a ser a matéria-prima das reportagens”, revelou o ex-ministro, em sua obra (Mandetta, 2020, p. 74-75).

Em paralelo, os demais atores do Governo Federal nada faziam. Como narra o próprio Mandetta (2020) em alguns trechos de seu relato: “O Palácio do Planalto [sede do Governo Federal] vivia como se o novo coronavírus não existisse” (p. 78); “Meus alertas entravam por um ouvido e saíam por outro. A verdade é que ninguém do entorno do presidente estava acreditando no risco de contágio” (p. 79-80).

A situação começou a mudar no dia 7 de março de 2020, quando o presidente Jair Bolsonaro e uma enorme comitiva viajaram para os Estados Unidos, num encontro com o então presidente americano, Donald Trump. A viagem durou cinco dias e, ao retornarem, o chefe da Secretaria Especial de Comunicação Social, Fábio Wajngarten, estava com febre e tosse. Dias depois ele seria diagnosticado com covid-19 (Mandetta, 2020).

No dia 11 de março, quando finalmente a OMS decretou a pandemia do novo coronavírus, o Brasil possuía apenas 69 casos confirmados e nenhuma morte. Mandetta foi convocado a dar esclarecimentos sobre a doença na Câmara dos Deputados e, segundo seu relato, após a explicação do que era a covid-19 e as medidas de prevenção – já que, na época, não havia vacina para a doença –, conseguiu a aprovação do primeiro crédito extraordinário de R\$ 5 bilhões para as ações do Ministério da Saúde (Mandetta, 2020).

O que o ex-ministro já percebia nos bastidores, a população brasileira viria a perceber com o passar dos dias: não havia espaço para políticas públicas contra a pandemia no Governo Bolsonaro:

(...) Tanto é que, da quase totalidade dos projetos criados para amenizar os impactos da pandemia – como o auxílio financeiro –, a maior parte veio do Congresso. De cada dez medidas de impacto social, nove se originaram no Congresso, não no [poder] Executivo (Mandetta, 2020, p. 87).

No dia 12 de março, Mandetta foi convidado por Bolsonaro a participar de sua live semanal – desde março de 2019, Bolsonaro realizava lives todas as quintas-feiras no Facebook para falar com seus apoiadores. O ex-ministro participou, mas ficou incomodado pelo presidente mal abordar a pandemia, se limitando apenas a cancelar uma manifestação que havia agendado para o domingo seguinte, dia 15, por conta dos casos de covid-19 (Mandetta, 2020; Cavalcante, 2022).

Mas foi no dia 24 de março que a situação chegou ao extremo. Em seu terceiro pronunciamento à rede pública de rádio e televisão, Bolsonaro começou a clamar para que as pessoas parassem com o isolamento social, uma medida apoiada pelos estados,

municípios e pelo seu próprio Ministério da Saúde. Ele apelou para que as pessoas retornassem “à normalidade”. Foi neste pronunciamento, também, que Bolsonaro deu uma de suas declarações mais polêmicas, ao chamar a covid-19 de “gripezinha” (Mandetta, 2020).

Sim, 24 de março de 2020, o primeiro dia do lockdown completo no país, o dia do adiamento das Olimpíadas de Tóquio, o dia em que os Estados Unidos foi considerado o maior polo de infecção do vírus – o dia de maior audiência da televisão brasileira nos últimos cinco anos.

\*\*\*

Para Mandetta, estava claro que não haveria apoio do Governo Federal na conscientização sobre a pandemia. Na época, o Ministério da Saúde trabalhava com três hipóteses, que variavam entre 30 mil, de 30 a 60 mil e 180 mil mortes pela covid-19, dependendo das políticas a serem adotadas nacionalmente (Mandetta, 2020).

Quando apresentou os números ao presidente, o então ministro da Saúde ouviu explicitamente de Bolsonaro que a sua preocupação era com a atividade econômica do país. O presidente, então, perguntou o que o ministro estava achando da atuação do governador de São Paulo, João Doria, na condução da pandemia. Na época, Doria incentivava o isolamento social como medida de prevenção à covid-19. Mandetta afirmou que concordava com as ações de Doria, só evitava elogiá-lo publicamente – aqui, dando a entender, por conta da disputa política que havia entre Bolsonaro e Doria na época (Mandetta, 2020).

Foi após esta conversa também, segundo Mandetta, que Bolsonaro passou a buscar a opinião de outras pessoas, como a médica Nise Yamaguchi, que defendia o medicamento cloroquina<sup>1</sup> como eficaz contra a covid-19, mesmo sem nenhuma prova científica sobre isso (Mandetta, 2020; Azevedo, 2022).

A estratégia de Bolsonaro era disseminar desinformação com o propósito de minimizar a gravidade da covid-19. A cloroquina, inclusive, foi um grande ator para esta estratégia. Ignorando a ausência de diagnósticos científicos, o então presidente

---

<sup>1</sup> Cloroquina é um medicamento usado no tratamento e profilaxia de malária. Também é utilizada no tratamento de amebíase extraintestinal, artrite reumatoide e lúpus eritematoso. Fonte: PFARMA - <https://pfarma.com.br/coronavirus/6882-bula-da-cloroquina.html>

passou a recomendar o uso do medicamento como tratamento precoce ao novo coronavírus, alegando que era mais fácil e barato investir em uma cura para a doença do que em uma vacina (Di Giulio, 2023).

Em paralelo, Bolsonaro também utilizava argumentos econômicos para minimizar a gravidade da pandemia. Afirmando que o país teria grandes prejuízos financeiros se parasse, ou seja, se respeitasse o isolamento social, sua gestão governamental criou a campanha “#O Brasil Não Pode Parar”, que foi veiculada nas redes sociais. No dia 31 de março de 2020, o Supremo Tribunal Federal ordenou que o Governo Federal retirasse a campanha do ar (Trindade e Gullino, 2020; Vital, 2020; Di Giulio, 2023).

Figura 1 - Postagem da campanha “#O Brasil Não Pode Parar” veiculada no perfil do Instagram do Governo Federal



Fonte: Trindade e Gullino, 2020

\*\*\*

Sem apoio dentro da estrutura governamental, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, resolveu buscar quem pudesse ajudar a difundir as recomendações

de seu ministério, e encontrou apoio na imprensa:

Então, no meio dessa confusão toda, tive um estalo. Percebi que não precisaríamos de campanha [publicitária] nenhuma. Eu iria usar a capacidade de comunicação do próprio Ministério da Saúde. Para que fazer propaganda no meio dessa enxurrada de cobertura? A imprensa já estava fazendo esse trabalho, e muito bem. Não fazia sentido gastar com publicidade (Mandetta, 2020, p. 152).

Não é de hoje que o jornalismo é usado como ferramenta de difusão de informações científicas em epidemias. Em 1665, a cidade de Londres tinha altos índices de mortalidade. O seu crescimento desordenado e a falta de saneamento básico formaram um ambiente perfeito para o surgimento de novas doenças, como a epidemia de cólera. Para ajudar na conscientização da população, o jornal London Gazette passou a divulgar com frequência notícias sobre o surto da doença, inclusive processos de quarentena que se impunham aos navios que chegavam nos portos londrinos (Bernardo, Bernardo e Pessôa, 2023).

Aqui no Brasil, a epidemia de cólera chegou em 1855 e a imprensa regional tem papel essencial em sua divulgação. O Jornal do Commercio, no dia 18 de dezembro, publicou um balanço da doença no Rio de Janeiro, incluindo o número de mortes. Já em 1862, o Diário de Pernambuco fez um balanço dos sete anos da epidemia, e de como a doença vivia de períodos de desaparecimentos e retornos (Bernardo, Bernardo e Pessôa, 2023).

Voltando à covid-19, Mandetta estava certo sobre o aumento da cobertura jornalística por conta da pandemia. No dia 16 de março de 2020, a principal emissora aberta do país, a TV Globo, realizou uma alteração inédita em sua grade de programação diária. Com a chegada do novo coronavírus, o canal retirou do ar dois de seus programas de entretenimento, o *Mais Você* e o *Se Joga*, para dar mais espaço aos telejornais locais e nacionais (Gshow, 2020).

Dois dias depois, a mesma TV Globo retiraria outro programa de entretenimento de sua grade, dessa vez o *Encontro com Fátima Bernardes*, para a criação de uma

atração jornalística voltada à cobertura da covid-19, o programa *Combate ao Coronavírus*, que ficou no ar por mais de dois meses, até o dia 22 de maio (Gshow, 2020; TV Grande Rio, 2020; O Tempo, 2020).

A TV Globo não foi o único meio de comunicação a reestruturar a sua cobertura jornalística durante a pandemia, mas por conta de seu alcance nacional, as suas alterações foram algumas das mais visíveis. Outras mudanças drásticas ainda aconteceriam – mas não enquanto Mandetta estivesse à frente do Ministério da Saúde.

Para usufruir do aumento da cobertura da imprensa que surgiu em março, Mandetta começou a participar mais ativamente das coletivas que o Ministério dava diariamente sobre os números de casos e óbitos da covid-19. Segundo o relato do ex-ministro, ele chegou a negociar os dados diretamente com jornalistas – Mandetta cita Natalia Cancian, da Folha de S. Paulo, Delis Ortiz, da TV Globo e repórteres da Record TV –, que recebiam os números antes das coletivas, além de orientações sobre quais dados poderiam dar maior ênfase em suas reportagens (Mandetta, 2020).

Até que na coletiva do dia 28 de março, Mandetta deu uma declaração polêmica: "Desliguem um pouco a televisão. Às vezes ela é tóxica demais. (...) às vezes, os meios de comunicação são sórdidos porque eles só vendem a matéria se for ruim". Segundo ele, a fala teve dois motivos: o primeiro era agradar Bolsonaro, que já estava incomodado com a popularidade do ministro e de seu Ministério; e o segundo motivo era a preocupação com a overdose de informações negativas que estavam chegando às pessoas (Mandetta, 2020, p. 155).

As falas de Mandetta não foram bem recebidas pela imprensa, que rebateu suas declarações. No mesmo dia, o Jornal Nacional fez um editorial – quando o veículo expõe o que pensa – repudiando a posição do ministro: "(...) é estarrecedor que ele [Mandetta] não reconheça que o nosso trabalho, o trabalho de todos os colegas jornalistas daqui da Globo, mas também de todos os veículos, é um remédio poderoso", afirmou a jornalista Ana Paula Araújo, uma das apresentadoras daquela edição do telejornal (Mandetta, 2020, p. 155-156).

Em sua obra, o ex-ministro disse que foi infeliz nas declarações e que não tinha a intenção de chamar a imprensa de sórdida, ao contrário, ele queria a imprensa do seu lado. Assim, no dia seguinte, Mandetta aproveitou a coletiva de imprensa do Ministério

da Saúde para pedir desculpas, algo que não foi bem visto pelo Governo Federal. “Foi nesse momento que os laços entre mim e o presidente Jair Bolsonaro se distenderam de vez. Ele não gostou nada de eu ter pedido desculpas à Globo” (Mandetta, 2020, p. 156).

Abril chegou e o Brasil contava com 8 mil casos da covid-19, 300 mortes e atritos maiores entre o presidente Jair Bolsonaro e o ministro Luiz Mandetta. No dia 3, Bolsonaro disse publicamente que o então ministro da Saúde precisava ter mais humildade e que ele e Mandetta não estavam se bicando. No dia 5, sem citar nomes, Bolsonaro ameaçou um ministro que estava tendo divergências com ele: “A hora dele não chegou ainda não. Vai chegar a hora dele. Que a minha caneta funciona” – uma indireta que o próprio Mandetta interpretou ser pra ele (Mandetta, 2020, p. 165-166).

No dia 6, o ex-ministro da Saúde foi convocado por Bolsonaro para uma reunião com os médicos Nise Yamaguchi e Luciano Dias Azevedo, defensores do uso da cloroquina no tratamento da covid-19, além da presença do ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações, Marcos Pontes, e demais entidades do Governo Federal (Mandetta, 2020).

Segundo o ex-ministro, Bolsonaro queria mudar a bula da cloroquina, para incluir a covid-19 na lista de doenças que eram tratadas com o medicamento. Como a mudança em bulas só pode ser realizada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), a ideia da comitiva pró-cloroquina era baixar um decreto presidencial que autorizasse o seu uso. Mandetta ressaltou que não haviam diagnósticos suficientes para isso, e sugeriu que, caso isso ocorresse, que fosse realizado com maior embasamento, com consulta a entidades médicas, como a Sociedade Brasileira de Imunologia e a Sociedade Brasileira de Anestesiologia (Mandetta, 2020).

Vale ressaltar que, na época, não havia comprovações científicas suficientes sobre a eficácia da cloroquina no tratamento da covid-19 – dois meses depois, apareceriam os primeiros estudos comprovando a ineficácia do medicamento (G1, 2020).

No dia 9 de abril, a emissora CNN Brasil teve acesso a uma conversa telefônica entre o ministro da Cidadania, Onyx Lorenzoni, e o deputado federal Osmar Terra. Na conversa, ambos aliados de Bolsonaro, afirmaram que não dava mais para o Governo Federal seguir com a política de isolamento social na pandemia e que, para isso, era

necessário tirar Mandetta do ministério. O vazamento dessa conversa só intensificou o clima entre a possível saída do médico do comando do Ministério da Saúde (Mandetta, 2020; Junqueira, 2020).

A situação já estava insustentável, como revelou o próprio Mandetta (2020): “A minha péssima relação com o presidente era assunto em todo o lugar, nos grupos de WhatsApp, em rodas de conversa. O país todo estava debatendo aquilo” (p. 215). Como complementam Bueno, Souto e Matta (2020): “o ministro Mandetta e sua equipe, com suas coletivas diárias para a imprensa e suas ações, parecem ter incomodado lideranças políticas do governo, incluindo o presidente da República, por tirarem o foco das discussões políticas de sua agenda econômica” (Bueno, Souto e Matta, 2020, p. 37-38).

Para Mandetta, quando Bolsonaro viu a adesão da população às medidas do Ministério da Saúde, ele criou uma teoria de que o isolamento social era uma conspiração de diversos atores políticos, entre eles o governador de São Paulo, João Doria, o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, além, claro, do próprio Mandetta: “(...) pois com a economia fechada e todo mundo em casa, ele não poderia seguir seu plano. Para ele, quem tivesse que morrer já iria morrer mesmo, não valia a pena parar tudo por causa disso” (Mandetta, 2020, p. 216-217).

Então veio o ato final, a gota d’água que, segundo o ex-ministro, foi uma entrevista exclusiva que Mandetta concedeu ao programa *Fantástico*, da TV Globo, no dia 12 de abril. Os próprios meios de comunicação do Grupo Globo, como a emissora de televisão e sua página na internet, destacaram uma das falas mais polêmicas de Mandetta: “Brasileiro não sabe se escuta o ministro ou o presidente”. Já para os pesquisadores Bueno, Souto e Matta (2020), a última cartada de Bolsonaro veio por conta dos seus embates constantes com Mandetta, principalmente porque ele queria que o Ministério da Saúde reforçasse a recomendação da cloroquina e de outros medicamentos comprovadamente ineficazes contra a covid-19 e parasse de indicar o isolamento social. O fato é que no dia 16 de abril de 2020, Mandetta foi exonerado do comando do Ministério da Saúde (Mandetta, 2020; Bueno, Souto e Matta, 2020; *Fantástico*, 2020).

\*\*\*

No dia 17 de abril de 2020, ou seja, um dia após a exoneração de Mandetta, o

Ministério da Saúde tinha um novo responsável, o médico Nelson Teich, que possuía experiência no sistema privado de saúde. Só que a gestão de Teich não duraria nem um mês, já que o especialista, assim como Mandetta, se recusou a assinar o protocolo que recomendasse a cloroquina e outros medicamentos sem eficácia comprovada para o tratamento da covid-19, como desejava o presidente Jair Bolsonaro. Assim, de livre vontade, ele deixou o ministério (Bueno, Souto e Matta, 2020).

Foi no dia 16 de maio que o Ministério da Saúde teve o seu terceiro gestor durante a pandemia, o general Eduardo Pazuello. Bolsonaro havia desistido de colocar pessoas técnicas na pasta ministerial – ou seja, médicos capacitados – pois, aparentemente, eles tendiam a seguir a ciência e a medicina. Bastaram quatro dias de Pazuello no poder e o Ministério da Saúde emitiu a nota que recomendava o uso da cloroquina em casos leves de covid-19 (Bueno, Souto e Matta, 2020).

Com Pazuello, houve também um desmonte das políticas estruturadas na gestão de Mandetta. As coletivas de imprensa realizadas pelo Ministério da Saúde foram se tornando cada vez mais esporádicas, até praticamente deixarem de existir, e boa parte do quadro técnico do Ministério, que já havia trabalhado em outras emergências de saúde, como o surto de zika vírus, deixou a pasta ministerial (Bueno, Souto e Matta, 2020).

Como explicam Bueno, Souto e Matta (2020): “a dificuldade de coordenação nacional e a falta de uma liderança que indicasse um caminho coerente para lidar com o vírus em escala (...) levaram a que a responsabilidade, na prática, ficasse a cargo de governadores e prefeitos” (p. 38-40).

Então, se intensificou o que o pesquisador Frederico Bertholini (2023, p. 47-48) chamou de “estratégia nacional brasileira de disseminação da covid-19”, ou seja, um conjunto de ações do próprio Governo Federal em prol da difusão do novo coronavírus pelo país. O autor dividiu a estratégia em três eixos: o primeiro foram as propagandas que o governo fazia contra o sistema público de saúde, como o incentivo a aglomerações, uma série de declarações falsas (as fake news) e o apoio à pseudociência, como o incentivo à cloroquina, que não tinha comprovação científica de eficácia para a covid-19. Já o segundo eixo foi o combate às iniciativas de governadores e prefeitos que buscavam conter a pandemia, e Bolsonaro usou a estrutura pública para isso, atrasando o repasse de recursos, tentando confiscar itens de saúde adquiridos pelos estados e municípios e, ainda, atrasando a vacinação contra a covid-19. O terceiro e último ponto

foi uma intensa atuação regulatória, já que o presidente começou a emitir uma série de decretos como urgentes que não tinham nada a ver com as políticas de prevenção e ainda tentou vetar leis destinadas a conter a pandemia, como as relacionadas à obrigatoriedade de usar máscara (Bertholini, 2023).

A estratégia de Bolsonaro também era contra a imprensa, afinal, ela era a responsável em difundir a real situação da pandemia no país. Além das coletivas de imprensa cada vez mais escassas, o Ministério da Saúde começou a atrasar a divulgação dos boletins epidemiológicos com o total de casos e óbitos pela covid-19. Nos dias 3 e 4 de junho, o boletim foi divulgado às 22h e o Ministério alegou problemas técnicos. Já no dia 5, a divulgação do boletim foi oficializada para às 22h, e Bolsonaro colocou em seu Twitter, “acabou matéria no Jornal Nacional”, em referência à cobertura realizada pela TV Globo, a quem chamou de “TV funerária” (Coletta e Saldaña, 2020).

Essa estratégia acirrou ainda mais os embates entre Bolsonaro e a TV Globo. No dia 5 de junho de 2020, a emissora interrompeu a novela que estava em exibição às 21h, colocou a sua famosa vinheta de Plantão e exibiu os dados da pandemia disponibilizados pelo Governo Federal. Essa medida, de usar a vinheta de plantão para falar da covid-19, acabou dando mais visibilidade a essas informações que Bolsonaro queria omitir (Hamon, 2020).

A visão de Bolsonaro sobre a imprensa como uma grande difusora das informações científicas se justifica. De acordo com a pesquisa *A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros*, realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) em 2015, a televisão é segundo meio de comunicação mais utilizado pela maioria dos brasileiros para se informarem sobre Ciência & Tecnologia, ficando atrás apenas da internet (CGEE, 2019).

A pesquisa realizada em 2019 foi a primeira em quatro edições em que a TV ficou atrás da internet como fonte preferencial no consumo de informações científicas. (CGEE, 2019). Infelizmente, não há uma edição mais atualizada do estudo, o que possibilitaria identificar se o aumento da audiência da televisão em 2020 tem relação direta com o aumento da confiança da população sobre esse meio de comunicação e a possível influência da pandemia de covid-19 no comportamento dos brasileiros em relação às escolhas de veículos para se informar sobre a covid-19 e sobre ciência, bem

como se a confiança da população na TV e na ciência sofreram alguma modificação.

Outro dado importante que a pesquisa trouxe – e que dá base para a preocupação de Bolsonaro com a imprensa e com a televisão – é que quando os entrevistados do estudo foram questionados sobre quais eram as suas fontes de maior confiança, os jornalistas apareceram em segundo lugar, na frente até mesmo dos cientistas – em primeiro lugar ficaram os médicos (CGEE, 2019).

Voltando às atitudes de Bolsonaro, a estratégia de dificultar o acesso aos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde teve uma consequência inédita na história da imprensa brasileira. No dia 8 de junho de 2020, os veículos O Estado de S. Paulo, Extra, Folha de S. Paulo, O Globo, G1 e UOL anunciaram a criação do Consórcio de Veículos de Imprensa (Folha, 2020).

Resumidamente, as redações dos três grupos de comunicação rivais Estadão, Grupo Globo e UOL/Folha – que representam todos os veículos envolvidos – se uniram para, em conjunto, montarem um índice dos números de infectados e mortos pela covid-19 no Brasil. Na prática, os jornalistas dessas redações passaram a acionar diretamente as secretarias de saúde dos estados, e assim conseguiram estruturar um panorama nacional da covid-19.

“O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes recentes de autoridades e do próprio presidente colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão”, diz a nota que anunciou a criação do Consórcio (Folha, 2020, s/p.).

Também é importante destacar o envolvimento de cientistas neste processo que, como explicado por diversos programas da TV Globo, foram consultados para ajudar no desenvolvimento de uma metodologia que pudesse mostrar o avanço e o declínio da doença semana após semana – a chamada média móvel. Três anos depois, o Consórcio ainda é visto como uma grande iniciativa e seus dados seguiram sendo utilizados pela imprensa até o ano de 2023, quando o Governo Federal, agora sob responsabilidade de Luiz Inácio Lula da Silva, voltou a divulgar os dados sobre a covid-19 no país.

Na análise de Di Giulio *et al.* (2023), por conta do histórico de ações realizadas durante o Governo Bolsonaro, “o Brasil é amplamente considerado um exemplo de fracasso institucional durante a pandemia” (p. 594). A estratégia de espalhar

informações falsas sobre a gravidade da covid-19, de modo a minimizar o cenário, criou um cenário de confusão e controvérsias.

Os autores também ponderam que as estratégias de resposta à pandemia realizadas por Bolsonaro, “além de dificultarem a coesão social, conduziram a políticas públicas incompatíveis e ao desperdício de recursos humanos e financeiros” (Di Giulio *et al.*, 2023, p. 599).

Até o fechamento desta dissertação, de 2020 a dezembro de 2023, o Brasil teve mais de 38 milhões de casos da covid-19, com 708.491 mortes<sup>2</sup> (Ministério da Saúde, 2023). Alguns pesquisadores refletem como teria sido se o país tivesse seguido uma campanha de conscientização, como seria se a maior autoridade do Brasil, o seu presidente, tivesse apoiado a ciência, ao invés de boicotá-la. Mas há um sentido de que o cenário poderia ter sido pior sem um jornalismo científico ativo, sem a preocupação pela difusão da informação.

---

<sup>2</sup> Dados do dia 31/12/2023. Fonte: Painel Coronavírus, Ministério da Saúde. <https://covid.saude.gov.br/>.

## 1. O JORNALISMO CIENTÍFICO

Tudo começa com censura. No século XVI, a igreja católica vivia uma era de influência, principalmente governamental. As imposições religiosas e, conseqüentemente, do Estado, eram comuns em diversas nações, com destaque às europeias, num regime que ditava o que fazer, como se portar e até mesmo quais informações deveriam chegar às populações. Foi nessa época que os cientistas começaram a ter os seus trabalhos acompanhados de perto pelos governos (Burkett, 1990).

Para se esquivarem das represálias e penalizações do Estado, os cientistas encontraram duas alternativas: a primeira era marcar encontros em cidades isoladas onde cada um poderia falar em voz alta os seus avanços em pesquisas. Já a segunda, de maior alcance, era trocar informações por meio de cartas. Assim, os pesquisadores começaram a escrever documentos que pareciam cartas pessoais, pois perceberam que esse tipo de correspondência chamava menos atenção dos órgãos de censura. Também era dessa forma que conseguiam fazer cópias dos escritos para envio a várias pessoas (Burkett, 1990).

Esse movimento é considerado o início da divulgação científica e do jornalismo científico, e ganhou muito mais força no século seguinte, quando um nome se destacou, o do alemão Henry Oldenburg<sup>3</sup>. Oldenburg não é conhecido por suas descobertas da ciência, mas sim por suas habilidades de escrita. Era ele o responsável por “traduzir” muitos dos estudos nos formatos de cartas e, assim, fazer com que as informações chegassem e fossem compreendidas por mais pessoas (Burkett, 1990; Oliveira, 2002).

É importante destacar que é comum na literatura sobre jornalismo científico utilizar tanto essa terminologia quanto “divulgação científica” como sinônimos – algo que acontece com frequência nas obras de Warren Burkett (1990) e de Fabíola de Oliveira (2002) – e que, coincidentemente, possuem o mesmo título, *Jornalismo Científico*.

---

<sup>3</sup> Henry Oldenburg (1619-1677) foi secretário fundador da Royal Society, a primeira agremiação de cientistas da Inglaterra, e também o criador da Philosophical Transactions, considerada a primeira revista do mundo sobre filosofia natural.

Em um de seus trabalhos mais recentes, o pesquisador Wilson Bueno (2022) afirma que a literatura sobre comunicação e divulgação científica, com ênfase às produções brasileiras, não tem contribuído, no decorrer dos anos, para o refinamento dos conceitos básicos que dão suporte teórico e prático. Essa falta de conceitualização faz com que não fique claro os limites do jornalismo científico e a sua abrangência.

Como o próprio pesquisador questiona: “a comunicação científica e a divulgação científica se confundem, ou seja, podem ser consideradas como expressões ou conceitos que designam o mesmo objeto? Se circunscrevem realidades que não se sobrepõem, quais são, então, suas características distintivas?” (Bueno, 2022, p. 11).

A diferenciação desses conceitos é algo mais recente, e aparece em autores como Maia e Gomes (2006), Costa (2010) e Cunha (2019), além do próprio Bueno (2022). Nesta pesquisa, ambos os conceitos serão considerados com distinção. Entende-se a divulgação científica como todo material dedicado para difusão da ciência, como livros, artigos, aulas, palestras, entre outros. Normalmente, ela é realizada pelos próprios pares, ou seja, os cientistas. Já o jornalismo científico, por mais que faça parte do conjunto de ações que compõem a divulgação científica, é a cobertura da ciência realizada pela imprensa.

Em sua obra, Maia e Gomes (2006) colocam o jornalismo científico como um item da divulgação científica, já que ele também atua como uma ferramenta de difusão da ciência. Entretanto, apesar de integrar este guarda-chuva da divulgação científica, o jornalismo científico pode nascer de origens distintas dessa divulgação, que tende a se apoiar ou se originar da academia. Além disso, o jornalismo científico não tem a obrigatoriedade de educar, sendo, acima de tudo, jornalismo – cuja função é noticiar.

Bueno (2022) também traz uma percepção complementar: por mais que a divulgação científica e o jornalismo científico tenham um objetivo em comum, a difusão das informações de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), ambos possuem aspectos bem distintos, que precisam ser destacados, como o público a que se destinam, os discursos utilizados e os ambientes utilizados para sua veiculação

Voltando à linha do tempo, um acontecimento possibilitou a criação do

jornalismo científico como conhecemos nos dias de hoje: o surgimento da imprensa no século XV. Esse surgimento não só trouxe novas possibilidades para a divulgação da ciência, por meio de novos tipos de publicações, como, conseqüentemente, criou a cobertura dos acontecimentos da ciência por meio do jornalismo, que se difundiu, principalmente, a partir do século XVII (Oliveira, 2002).

Mas enquanto a divulgação e o jornalismo científico cresciam mundialmente, o Brasil estagnava em matéria de produção e difusão de conhecimento, principalmente entre os séculos XVI, XVII e XVIII, em que viveu o seu ápice como colônia de Portugal, ou seja, um mero território de exploração (Moreira e Massarani, 2002).

Inclusive, a intervenção católica no país seguia firme e forte, como detalham Moreira e Massarani (2002): “O país tinha uma baixíssima densidade de população letrada, era mantido sob rígido controle e o ensino, quase unicamente elementar, esteve nas mãos únicas dos jesuítas até meados do século XVIII”(p. 44).

Essa situação começou a mudar no século XIX por dois motivos: o primeiro foi a vinda da família real ao Brasil, que acabou com uma legislação que proibia a impressão de livros e jornais em terras brasileiras. Já o segundo fator é que, nesse mesmo período, começaram a voltar para o país muitos brasileiros de classes sociais altas que foram para o exterior estudar. O conjunto desses dois fatores ajudou a desencadear as primeiras instituições de ensino superior do país, além de outras entidades que possuíam interesses científicos, como a Academia Real Militar (1810) e o Museu Nacional (1818) (Moreira e Massarani, 2002).

Durante esse mesmo período, um nome se destacou: o de Hipólito da Costa. Considerado um dos fundadores do jornalismo brasileiro por ter fundado o jornal *Correio Braziliense*, Hipólito da Costa foi também o editor do jornal entre os anos de 1808 a 1822. Na época, o *Correio Braziliense* era uma publicação mensal, editada na Inglaterra e, apesar de ser voltada para a cobertura política e econômica, trazia também informações científicas em suas edições (Melo, 2001, 2012; Moreira e Massarani, 2002).

Acontece que, antes de seu papel como editor, Hipólito cumpriu uma função diplomática a serviço da corte portuguesa: observar a economia agrícola dos Estados Unidos com o objetivo de identificar inovações científicas e tecnológicas que pudessem ser adaptadas para aplicação no Brasil. As suas considerações foram registradas no livro *Diário da minha viagem para a Filadélfia*, publicado em 1800. O seu apreço pela ciência continuou a aparecer, mas de forma recorrente no jornal que viria a comandar nos anos seguintes (Melo, 2001, 2012).

Inicialmente, o *Correio Braziliense* foi idealizado com autorização da corte portuguesa, mas essa mesma corte proibiu a publicação momentos antes de seu lançamento, numa censura prévia – já que o conteúdo do jornal nem havia sido analisado. Aliás, era comum naquela época a imprensa ser censurada antes de ser publicada. Até 1822, o *Correio Braziliense* contabilizou 175 edições, todas circulando bem pelo país – por meio de contrabando (Bucci, 2011).

Mas retornando ao jornalismo científico, como defende o pesquisador Gastão Thomaz de Almeida, a agricultura pode ser considerada a editoria precursora desse tipo de notícia, por conta do interesse econômico que a corte portuguesa possuía na época. Em paralelo às coberturas jornalísticas de Hipólito da Costa, em 1813, o primeiro jornal da Bahia, *A Idade d'Ouro*, já apresentava análises científicas sobre a plantação de cana de Caïena (Almeida, 1982).

E mesmo o tema de ciência não sendo necessariamente uma prioridade da imprensa controlada pela corte, foram encontradas algumas publicações científicas da época, como: *Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura* (1822); *Jornal Científico, Econômico e Literário* (1826); *O Beija-Flor, Anais Brasilienses de Ciências, Política, Literatura etc* (1830) e *Revista Brasileira de Ciências, Artes e Indústrias* (1830) (Almeida, 1982).

Ao todo, o Brasil viveu 417 anos de repressão e cerceamento à liberdade de expressão, como detalha Oliveira (2002), uma consequência da colonização portuguesa – não, à toa, uma das últimas nações a se distanciar da influência católica no mundo. Inclusive, a imprensa no Brasil já nasceu atrelada ao governo: no dia 10 de setembro de

1808 foi publicada a primeira edição da Gazeta do Rio de Janeiro, um jornal feito na Imprensa Régia, uma instituição ligada à corte de Dom João VI.

Enquanto o Brasil vivia uma era de controle jornalístico, os Estados Unidos e a Europa viviam outra, a do sensacionalismo. “Com o objetivo de despertar o interesse dos leitores frequentemente, [os jornalistas] enfeitavam suas matérias com o bizarro e o imaginário”, explica Burkett (1990, p. 32), em sua obra.

Um dos casos mais famosos ocorreu em 1895, quando a revista científica *Lancet*, voltada às descobertas médicas, publicou uma reportagem sobre uma técnica masculina para depilar os rostos usando raios catódicos. “Com esse apoio autoritário [da revista], médicos e charlatões (com frequência indiferenciáveis) aplicaram tragicamente altas doses de raios X a seus pacientes com propósitos depilatórios” (Burkett, 1990, p. 32).

No Brasil, a situação da imprensa – e, conseqüentemente, do jornalismo científico –, começou a mudar só na metade do século XIX, quando se instalaram as primeiras instituições de nível superior no país, e a partir da década de 1930, quando vieram efetivamente as universidades (Oliveira, 2002).

Foi no período entre o final do século XIX e começo do XX que começaram as movimentações da sociedade civil em prol da ciência, algo que ganharia mais força nas décadas seguintes. Em 1916 foi criada a Sociedade Brasileira de Ciências, que viria a se tornar a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Inclusive, foi na sede da ABC que surgiu a primeira rádio do país: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (Moreira e Massarani, 2002).

Além de uma programação musical e informativa, a Rádio Sociedade oferecia muitos cursos, como de idiomas (inglês e francês), sobre a história do Brasil, acerca da literatura brasileira e francesa, entre outros. Também nela foram transmitidas algumas palestras de divulgação científica, que narravam desde o nascimento de rios até teorias da química e da física (Moreira e Massarani, 2002).

Em nível de curiosidade, em maio de 1925, uma figura importante gravou uma locução para a Rádio Sociedade quando veio ao Brasil: Albert Einstein. Na sua breve narração, gravada em alemão e traduzida para o português, Einstein destacou a importância do rádio para a divulgação científica. “(...) Não posso deixar de, mais uma vez, admirar os esplêndidos resultados a que chegaram a ciência aliada à técnica, permitindo aos que vivem isolados os melhores frutos da civilização”, disse o físico, em sua gravação de poucos minutos (Moreira e Massarani, 2002, p. 53).

Foi também foi no período entre a passagem do século XIX para o XX que a profissão de jornalista começou a “adquirir identidade social” no país, como diz o pesquisador José Marques de Melo, já que foi nesta época que as organizações que editavam e publicavam revistas e jornais se converteram em empresas comerciais, logo, financiadas por publicidade – e, assim, precisavam de profissionais capacitados e comprometidos com a atividade noticiosa (Melo, 2012, p. 339).

Mas com exceção de veículos que já nasciam alinhados à ciência, como a Rádio Sociedade, a cobertura científica nos jornais era bem pequena, mais dedicada a eventos pontuais, como a visita de Einstein ao Brasil, realizada entre os dias 4 e 12 de maio de 1925, que também foi matéria em diversos veículos cariocas, entre eles o Jornal do Brasil e O Imparcial (Moreira e Massarani, 2002). E conforme a estrutura científica do Brasil foi se desenvolvendo, a noticiabilidade da ciência também se desenvolveu.

Para José Marques de Melo, o crescimento do jornalismo científico na imprensa, principalmente a popular, está estritamente alinhado com o surgimento das universidades e das entidades científicas da sociedade civil. Exemplos do tipo foram encontrados na mídia paulistana, uma das mais fortes na época. O jornal O Estado de S. Paulo, popularmente conhecido como Estadão, aumentou a sua cobertura de ciência na década de 1930, quando foi criada a Universidade de São Paulo, a USP. Já o seu principal concorrente, a Folha de S. Paulo, aumentou o espaço das reportagens científicas no final da década de 1940, período em que foi criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) (Melo, 1982).

Falando da cobertura na Folha de S. Paulo, quando o veículo intensificou a

presença da ciência em suas páginas é que um nome ganhou visibilidade: o de José Reis. Médico e professor da USP, Reis ganhou uma coluna científica dentro do jornal, que foi publicada todos os domingos entre os anos de 1947 e 2002, quando faleceu. Pela sua presença assídua e constante atuação, Reis é considerado um dos pioneiros do jornalismo científico brasileiro. Aliás, além de ser um dos maiores publicadores, Reis<sup>4</sup> também foi um dos fundadores da SBPC (Moreira e Massarani, 2002; Alves, 2021).

Apesar das movimentações importantes nessas décadas, não dá pra dizer que a ciência era popular. A visão da sociedade sobre a ciência só foi se modificar consideravelmente no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e, principalmente, após a Segunda, quando a indústria química ganhou protagonismo nas nações e a energia nuclear mobilizou vitórias. “A guerra produziu milhões de homens e mulheres ansiosos para serem educados nessas novas ciências”, explica Burkett (1990, p. 32).

Neste momento, a ciência ganha outra interpretação pelos países e passa a se tornar mais presente no dia a dia das pessoas. Mobiliza políticas de governo, abre debates sobre financiamento e, principalmente, aproxima o jornalismo científico da visão e reprodução que temos nos dias de hoje (Burkett, 1990).

### **1.1 Ativismo científico**

Se antes a ciência era simplesmente aceita pela sociedade ou vista como o inusitado ou grotesco, o papel dos cientistas como atores decisivos nas conquistas das guerras elevou a sua popularidade, principalmente na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando muitas pessoas chegaram a considerar a atuação científica na batalha mais importante do que a ação dos militares (Reis, 1982).

E aí, uma audiência que surgiu interessada na energia nuclear e na bomba atômica foi se interessando por demais temas do universo científico. A ciência espacial, por exemplo, encheu os olhos da população norte-americana: quando a primeira nave

---

<sup>4</sup> A relevância do médico na área do jornalismo científico rendeu-lhe a nomeação de programas e cursos com seu nome. A USP criou no final dos anos 80 um Núcleo de Estudos sobre Jornalismo Científico com o nome José Reis; o Prêmio de Jornalismo Científico que o CNPq oferece anualmente a profissionais ou instituições também recebe o nome, assim como o Programa de Incentivo ao Jornalismo da FAPESP.

tomou os céus, a imprensa local dobrou o espaço que dedicava à ciência (Reis, 1982).

Pode-se dizer que aqui no Brasil houve um acompanhamento da tendência internacional. Para Oliveira (2002), a ciência ganhou destaque nacional a partir da década de 1940, entrando na agenda política e despertando a curiosidade da população. E a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC, é um dos destaques da época.

A SBPC foi criada em 1948. Naquele ano, o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, queria transformar o Instituto Butantan, centro de pesquisas do estado paulista, em uma cadeia produtiva de soro antiofídico. Por isso, ordenou que o diretor da instituição, Eduardo Vaz, demitisse todos os pesquisadores das áreas de química e endocrinologia, já que seus estudos não tinham relação direta com a produção de soro. Vaz acatou as ordens do governador, o que gerou uma mobilização da comunidade científica local (Fernandes, 2000; Fioravanti, 2019).

Um dos principais nomes deste período é o do médico Maurício Rocha e Silva, que se tornaria um dos fundadores da SBPC. Entre 1940 e 1946, Rocha e Silva passou temporadas nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde manteve contatos com cientistas locais e acompanhou a forma com que eles se organizavam (Fernandes, 2000).

Quando voltou ao Brasil, Rocha e Silva começou a organizar um movimento de cientistas similar às instituições internacionais que conheceu, a American Association for the Advancement of Science (AAAS) [em português, Associação Americana para o Avanço da Ciência] e a British Association for the Advancement of Science (BAAS) [em português, Associação Britânica para o Avanço da Ciência], e percebeu que a mobilização contra as demissões no Instituto Butantan seria um bom momento para isso (Fernandes, 2000).

Quando nasceu, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência foi idealizada para uma articulação extremamente ativista, lutando pela melhoria das condições do trabalho científico no país. As principais pautas eram a defesa de contratos de tempo integral aos pesquisadores, melhores salários e o fim da interferência governamental em universidades e demais institutos de pesquisa. Havia também mais um obstáculo: os governos não reconheciam a importância da ciência no país, o que mudou após a Segunda Guerra Mundial (Fernandes, 2000).

Nos anos 1950, o considerado sucesso da ciência e da bomba atômica como fator decisivo para a vitória dos Estados Unidos na guerra encheu os olhos de muitas nações, incluindo o Brasil. Para os governantes, a energia nuclear significava o controle de uma nova fonte de energia, e a nação que a dominasse seria uma nação desenvolvida. Já para a comunidade científica, o que inclui a SBPC, era uma oportunidade do país se envolver em um campo científico ainda em desenvolvimento e alcançar os países chamados de primeiro mundo (Fernandes, 2000).

O alinhamento de interesses entre a SBPC, governos e até mesmo militares, todos interessados nos avanços que a energia nuclear poderia proporcionar, aproximou esses atores, o que incrementou a institucionalização da ciência no Brasil. Na prática, isso significou a criação de órgãos federais dedicados à ciência, como o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ambos de 1951 (Fioravanti, 2019).

A visão nacionalista desenvolvimentista, que defendia o investimento em ciência e, conseqüentemente, na energia nuclear, durou alguns anos, mas a morte trágica do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, em 1954, rompeu a aliança entre civis e militares, e as atividades e recursos dedicados à área nuclear foram gradativamente deslocados para outros campos. (Fioravanti, 2019).

O Brasil viria a olhar novamente para a ciência como motor de desenvolvimento do país anos mais tarde, em um dos períodos mais controversos da articulação da comunidade científica: a ditadura militar.

## **1.2 Uma ciência militar**

O golpe militar no Brasil, em 1964, mudou as dinâmicas políticas, econômicas e sociais do país. Entretanto, para a ciência brasileira, o período foi extremamente controverso. Ao mesmo tempo em que estudantes, professores e pesquisadores foram vítimas de repressão do autoritarismo militar, a ciência brasileira teve o seu maior investimento governamental, algo nunca vivido na história do país (Fernandes, 2000).

Quando os militares tomaram o poder, eles derrubaram um regime democrático que tinha grande apelo popular, o que fez com que chegassem ao comando do país sem qualquer legitimidade. Para conquistar o apoio da sociedade, duas estratégias foram realizadas: a primeira era divulgar, de forma massiva, os erros e fracassos do governo anterior; já a segunda foi vender uma gestão extremamente técnica, focada no desenvolvimento do país. E esse desenvolvimento só viria com apoio à ciência (Fernandes, 2000).

Na prática, isso representou aumentos significativos nos fundos para pesquisa, além de melhorias nas condições de trabalho dos cientistas. O regime militar também elogiava a importância da ciência em seus discursos públicos e, pela primeira vez, houve a criação de uma política nacional de ciência (Fernandes, 2000).

Para a implementação de sua política, o regime militar contou com a participação ativa da Academia Brasileira de Ciências (ABC). No I Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1973-1974), a ABC foi nomeada como assessora do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia e foi responsável em coordenar alguns projetos de pesquisa. Já no II Plano Básico (1975-1979), o regime militar reforçou os poderes dados à ABC e lhe atribuiu o poder de negociar e assinar acordos de cooperação científica com outros países (Fernandes, 2000).

E se a ABC estava participando explicitamente das políticas científicas dos governos militares, a SBPC contribuiu para dar suporte a essas políticas. Como detalha Fernandes: “(...) há pouca dúvida de que os crescentes financiamentos destinados à ciência e à tecnologia também tenderam a fazer com que a SBPC em geral apoiasse o regime” (2000, p. 34).

Entretanto, ao mesmo tempo em que o regime militar apoiava a ciência, ele também agia contra cientistas e institutos de pesquisa que ousassem criticá-lo. Algumas instituições passaram por grandes intervenções na época, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Brasília (UnB). E as comunidade científica, majoritariamente, mudou de postura quando o apoio militar acabou, lutando contra o regime (Fernandes, 2000).

Em dezembro de 1968, com o decreto do Ato Institucional nº 5, conhecido como AI-5, o Congresso Nacional foi fechado e o controle do regime militar se tornou ainda

maior, principalmente quando o general Garrastazu Médici se tornou presidente. “Todos os canais de livre expressão dentro da sociedade civil foram bloqueados. Houve uma repressão implacável aos movimentos estudantis e de guerrilha urbana e uma tentativa de conter o descontentamento da classe operária”, detalha Fernandes, em sua obra (2000, p. 36).

Para piorar a situação, o milagre econômico que os governos militares venderam, muito com o apoio da ciência, simplesmente não ocorreu. O Brasil entrou em uma crise econômica e as políticas científicas foram abortadas. Toda decisão, agora, cabia unicamente ao corpo de militares. A comunidade científica começou a ser excluída dos processos de decisão e, mais do que isso, também se viu como alvo do autoritarismo (Fernandes, 2000).

Com o AI-5, os direitos individuais de civis poderiam ser cassados, e foi o que realmente ocorreu com políticos, artistas e cientistas. Entre alguns pesquisadores que tiveram que se isolar em outros países, estão: o sociólogo Florestan Fernandes, o físico Mario Schenberg e o fisiologista Alberto Carvalho da Silva, todos expulsos do corpo docente da Universidade de São Paulo (Ferreira e Capozzoli, 2019).

Segundo dados da Comissão da Verdade da Universidade de São Paulo (CVUSP), das 434 pessoas mortas ou desaparecidas no Brasil durante a ditadura militar, 47 eram da USP, sendo 39 estudantes, 6 professores e 2 funcionários (Ferreira e Capozzoli, 2019).

Após o AI-5 e a entrada de cientistas sociais em seu corpo atuante, a SBPC ganha força nos anos seguintes por enfrentar o regime militar, desempenhando um papel crítico similar ao que exerce nos dias de hoje. Inclusive, com o fim da ditadura, a entidade passou a atuar diretamente na construção de artigos da nossa atual Constituição Federal, criada em 1988 (Fernandes, 2000; Oliveira, 2002).

Em sua obra, Fabíola de Oliveira (2002) também credita ao regime militar de 1964 a 1984 o mérito de um grande período de desenvolvimento científico e tecnológico, já que o Governo Federal apoiava projetos que pudessem levar o país à independência e soberania, mesmo que as decisões políticas acerca da ciência não tivessem quaisquer participações da sociedade. Ou seja, era autoritária, mas era ciência.

Aqui, cabe uma reflexão às percepções de Oliveira (2002). Apesar da autora afirmar que o período militar foi um grande período para o desenvolvimento científico e, conseqüentemente, para quem trabalhava para divulgar a ciência, seja da imprensa ou não, a mesma autora afirma que o jornalismo científico tinha que seguir à risca as orientações da censura. Além disso, quando publicadas, as peças de jornalismo científico (notícias, reportagens, notas, etc.) tinham que se submeter às temáticas impostas pelo Governo Federal, como as coberturas sobre a Transamazônica, as grandes hidrelétricas e os programas aeroespacial e nuclear (Oliveira, 2002). Ou seja, considerando o panorama jornalístico, é válido sim ressaltar o crescimento da atividade da imprensa neste período, mas não dá para se vangloriar desse momento, com uma imprensa e uma ciência sem liberdade de expressão.

### **1.3 Ascensão do jornalismo científico**

Assim como a sociedade científica foi se organizando e criando entidades para a sua representação, os jornalistas científicos também. Mesmo em plena ditadura militar, em 1977 foi fundada a Associação Brasileira de Jornalismo Científico. A entidade começou a ser pensada sete anos antes, quando foi ministrado o primeiro curso de jornalismo científico do país, na Universidade de São Paulo (Melo, 2012).

Já em 1979 foi criado o primeiro programa de TV dedicado à ciência, o Nossa Ciência, que era exibido pelo canal governamental de educação, a TV Educadora. Infelizmente, o programa teve apenas dez episódios e saiu do ar logo em seguida. Segundo entrevista com a jornalista Erika Franziska, que era responsável pela pesquisa de conteúdo do Nossa Ciência, as dificuldades financeiras e administrativas da TV Educadora levaram ao fim da atração. Por ser uma emissora governamental, a TV Educadora não podia trabalhar com cotas de patrocínio, o que acelerou o fim do primeiro programa científico do país (Moreira e Massarani, 2002; Brasiliana, 2023).

Já em 1984, a TV Globo criou o Globo Ciência, que revolucionaria a forma de transmissão da ciência pela televisão com sua linguagem mais jornalística. (Moreira e Massarani, 2002). Entretanto, enquanto ficou no ar, o Globo Ciência foi mudando de

formato diversas vezes, conforme seus objetivos e retorno da audiência. Após aproximadamente 30 anos, o programa saiu do ar, no dia 2 de agosto de 2014 (Moreira e Massarani, 2002; Memória Globo, 2023).

E se a ciência dava ibope – ou seja, tinha audiência televisiva – haviam também pessoas ansiosas para lê-la. Literalmente. Em 1982 foram criadas duas publicações científicas relevantes, ambas, não-coincidentemente, desenvolvidas pela SBPC: a revista *Ciência Hoje*, criada com o objetivo de difundir a ciência à população, principalmente a ciência produzida no Brasil, e o *Jornal da Ciência*, publicação mais voltada ao debate das políticas científicas (Moreira e Massarani, 2002). Hoje, ambas as publicações ainda existem, mas exclusivamente em formato online.

Seguindo o caminho da *Ciência Hoje*, outras publicações científicas surgiram na mesma década. De empresas privadas vieram a *Galileu* (antiga *Globo Ciência*, criada em 1991) e *Superinteressante* (1987), respectivamente das editoras Globo e Abril; a edição brasileira da *Scientific American* (2002), da Editora Duetto; e de entidades científicas surgiram, por exemplo, a *Revista Pesquisa* (1999), da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); a *Minas Faz Ciência* (1999), da Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais); e a *Unesp Ciência* (2009), da Unesp (Universidade Estadual Paulista) (Moreira e Massarani, 2002; Bueno, 2009; Flores e Silveira, 2011; Burgierman, 2016; Pesquisa FAPESP, 2023; Grillo, 2009).

Além disso, houve também a organização de editorias de ciência em grandes jornais impressos (os já citados *Estadão* e *Folha de S. Paulo*, e *O Globo*) e coberturas científicas de impacto em veículos segmentados e/ou regionais (*Valor Econômico*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, *O Povo*) (Oliveira, 2002; Bueno, 2009).

O fato é que os anos 1980 e 1990 também foram beneficiados por uma série de acontecimentos que impulsionaram a cobertura científica na imprensa, como a passagem do cometa Halley (1986), o anúncio equivocado da fusão a frio (1989) e a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992 – mais conhecida como Rio 92 (Oliveira, 2002).

No final da década de 1990, mais especificamente em março de 1999, foi criada a primeira pós-graduação lato sensu em jornalismo científico do país. Idealizado pelo

Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp), o curso segue abrindo turmas e visa “a institucionalização das atividades do jornalismo e da divulgação científica” (Vogt, 2003, p. 84).

Para dar visibilidade às produções jornalísticas realizadas pelos estudantes do curso e também permitir que eles exerçam o jornalismo científico, foi criada a revista eletrônica ComCiência, juntamente com a primeira turma do curso, em 1999. Um ano depois, a publicação passou a ser parte das publicações da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) (Vogt, 2003).

Os avanços da biotecnologia e os crescentes problemas ambientais alavancaram, a partir da década de 1990, a chamada era do conhecimento, onde o poder da informação ganhou uma nova dimensão (Caldas, 2003). E o Brasil, agora sem família real controlando a imprensa e sem ditadura militar acompanhando de perto as sociedades científicas, se mostrou um país propício para a difusão da ciência.

#### **1.4 Uma história nova para um velho jornalismo**

Dentro dos estudos de História há uma percepção de um fenômeno naturalizado: nas narrativas dos acontecimentos, uma prática comum é sobrepor alguns eventos e, conseqüentemente, deixar outros invisíveis, uma conduta muito presente nas construções de narrativas nacionais.

Explico: vamos considerar a história do Brasil, como ela é difundida popularmente. Existe uma linha do tempo, certo? Nós somos ensinados sobre alguns acontecimentos desde a educação básica, e eles tendem a ser comemorados ou rememorados eventualmente. Tudo começa pelo Descobrimento, em 1500, passa pela Independência, depois a Abolição da Escravatura, vem a República, a Ditadura Militar, e assim por diante.

Não é que o Brasil só tenha vivido esses períodos, mas esses períodos ganharam destaque nacional. São datas marcantes do calendário do país, e seus personagens, como Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I e a Princesa Isabel, acabaram sendo figuras de conhecimento popular.

Mas o que isso tem a ver com o jornalismo científico?

Nos tópicos anteriores, foi feita uma narrativa, uma tentativa de linearidade dos acontecimentos do jornalismo científico, como a História do Brasil que a gente aprende na escola. Só que a História, nesse caso a ciência que estuda a história mesmo, percebeu que essa prática de linearidade das coisas, da narrativa, não existe.

Um movimento chamado História Nova identificou exatamente o que expliquei acima: que quando se destaca alguns acontecimentos, outros tendem a ficar invisíveis. E mais: que uma história tende a ser contada de uma perspectiva majoritária, quando há diversas narrativas envolvidas. No caso da História do Brasil, a gente sabe a narrativa produzida pelos portugueses e pelos governos. E como seria o Brasil contado pelos indígenas? Ele seria tão heróico? Acredito que estaria mais para um genocídio, uma visão defendida por alguns estudiosos, como a filósofa Marilena Chauí em sua obra *Brasil - Mito fundador e sociedade autoritária* (2013).

Com a popularização da internet, grandes veículos passaram a digitalizar os seus acervos, e aí a história do jornalismo científico ganhou outros tons. A cada dia são descobertos novos periódicos, personalidades e espaços dentro de jornais e revistas especialmente pensados para a difusão da ciência (Moura (2), 2012).

E como a internet armazena uma quantidade infinita de informações, e ainda não houve gente suficiente para vasculhar essas milhões de páginas que chegam com a história da imprensa brasileira, é possível sim que cada vez mais surjam novos personagens nessa história do jornalismo científico.

Isso significa que há mais da ciência na imprensa do que na revista *Ciência Hoje*, nas extintas reportagens de TV do Globo *Ciência*, ou mesmo nas ainda presentes *Superinteressante*, *Galileu*, *ComCiência*, *Ciência e Cultura*, *Pesquisa*. Mas é importante entender um começo, que não deve ser o único começo, para que ele não seja uma história única, mas que reflita o que é esse jornalismo científico que temos no país e qual o seu caminho.

### **1.5 Jornalismo Científico, um Google Tradutor da ciência**

Outra consequência das definições do passado sobre o jornalismo científico é a

limitação do seu objetivo enquanto produção jornalística. Da literatura produzida entre os anos 1990 e os primeiros anos da década de 2000, é natural atribuir ao jornalismo científico a função de tradutor, afinal, a ciência, dotada de uma linguagem técnica, necessitava de uma readequação narrativa para ser compreendida pela população.

Burkett (1990), em sua obra, atribui aos “escritores da ciência”, em referência aos jornalistas, a responsabilidade de buscar o significado das descobertas científicas para o seu público, e isso só era possível por meio do “processo de tradução” (p. 8-9). Em linhas gerais, cabia ao jornalista compreender o impacto da descoberta científica no dia a dia e, assim, trazê-lo para uma linguagem mais compreensível ao público.

Já Oliveira (2002), provavelmente pelos anos que sucedem sua obra em comparação com a de Burkett, começa a questionar o papel desse jornalismo meramente reprodutor – e tradutor – das descobertas científicas, alegando que no Brasil, o jornalismo científico não saiu de sua “fase romântica”, onde não há análises e exposição de contrapontos (p. 39).

Entretanto, o tom essencialmente crítico sobre essa função de tradutor do jornalismo científico veio, mais especificamente, na virada do século. Bueno (2004) já começa a ver a gravidade desse comportamento do jornalismo científico de divulgar irrestritamente as descobertas da ciência sob a justificativa de que a ciência é de extrema importância para a sociedade. Ou seja, o jornalismo científico precisava tratar a ciência como tratava outras editorias: questionando o que seria publicado.

Para Caldas (2003), já que o jornalismo científico tem exatamente este papel de divulgador da ciência – e, conseqüentemente, um papel de educador da sociedade – ele precisa ser questionado, analisado. Não basta traduzir a descoberta científica, é necessário contextualizá-la, interpretá-la e, principalmente, apurá-la. “Raras foram as vezes em que a própria pesquisa do cientista foi objeto de questionamento quanto à sua validade científica ou interesse social” (p. 73).

Segundo a literatura produzida no começo do século XXI, o jornalismo científico brasileiro ainda alimentava características da época da ditadura militar: um jornalismo majoritariamente governamental ou focado essencialmente em descobertas científicas (principalmente internacionais), com um número escasso de fontes consultadas e, como dito acima, um discurso mais informativo do que analítico.

Questionar a ciência reflete também, como defende Caldas (2003), na mudança da estrutura desse jornalismo. Reflete no envolvimento de demais atores além de cientistas e governos, como pessoas do poder legislativo (senadores, vereadores e deputados). Envolve ouvir a população, debater orçamentos, políticas públicas, tecnologia, entre outros temas.

### **1.6 Jornalismo Científico, uma proposta de conceitualização**

Assim como as definições de jornalismo científico e divulgação científica se mesclam nas obras de Burkett (1990) e Oliveira (2002), outra característica em comum destas e outras reflexões sobre o jornalismo científico é a ausência de uma definição clara sobre o que é esse tipo de jornalismo.

Talvez por sua nomenclatura ser um tanto óbvia – jornalismo científico, um jornalismo sobre ciência –, as teorias acerca desse tipo de produção tendem a se aprofundar mais em recortes históricos e em mostrar como a ciência está imersa em diversos ambientes. Isso faz com que o jornalismo científico esteja presente em uma pluralidade de editorias, mas não se apresenta ou se discute definições do que é esse jornalismo científico.

Entretanto, durante as etapas de análise de referências bibliográficas e em conversas com pesquisadores em grupos de estudo, se viu a necessidade de definir claramente o que será considerado como jornalismo científico nesta pesquisa. Para isso, será utilizada uma definição baseada nos conceitos defendidos pelos pesquisadores Carlos Vogt, Marcelo Knobel, Yuriy Castelfranchi, Rafael Evangelista e Vilson Gartner.

Em 2006, Vogt, Knobel, Castelfranchi, Evangelista e Gartner desenvolveram um programa para capturar automaticamente as reportagens científicas produzidas no jornal Folha de S. Paulo. Durante o desenvolvimento do sistema, intitulado SAPO (*Science Automatic Press Observer*), os pesquisadores identificaram que a mensuração apenas das matérias presentes na editoria de ciência seria insuficiente, já que as temáticas científicas se manifestavam em diferentes editorias. Sendo assim, definiram o que seriam produções jornalísticas sobre ciência, tecnologia e sociedade, um conceito que acredito atender a diversidade do jornalismo científico. Logo, são consideradas produções do jornalismo científico:

- Reportagens sobre avanços tecnológicos de ponta, como nanotecnologia, biotecnologia, metaverso, inteligência artificial, entre outros;
- Coberturas sobre política de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) e seus impactos. Tratam de recursos para a área, gestão, parcerias, legislação;
- Reportagens médicas, já que a medicina é considerada ciência da vida. Aqui, não só a área médica em si é apurada, mas também outros temas acerca desse universo, como indústrias farmacêuticas, políticas de saúde, etc.;
- Matérias sobre meio ambiente que vão além da divulgação de pesquisas ecológicas, abordando temas interdisciplinares como a invasão em terras indígenas, queimadas, exploração ilegal, criação de reservas, mudanças climáticas, entre outros;
- Reportagens sobre ciências humanas e sociais, considerando assim matérias sobre comportamento, repercussão política, globalização, etc. Aliás, como a economia é uma ciência humana e social, as suas reportagens também são incluídas, mas não as que se limitam a indicadores ou taxas, e sim as que analisam o cenário econômico no seu aspecto social. Por exemplo, o impacto da inflação no valor da cesta básica ou como o aumento do preço da carne tem incentivado comportamentos alimentares irregulares;
- E, por fim, o entendimento de que reportagem científica não é apenas aquela que se propõe a explicar conceitos e estudos da ciência, mas também temas em que a ciência e a tecnologia têm papel importante, como aborto, política nuclear, poluição, etc. Neste tópico, permito uma expansão das ideias dos autores: serão consideradas reportagens em que a temática não é necessariamente sobre ciência, mas que a reportagem recorre à presença de um cientista para explicar vertentes do assunto explorado (Vogt *et al.*, 2004).

Em 2012, o estudo da plataforma SAPO foi refeito, entretanto, em sua nova versão, não houve o descritivo colocado acima, detalhando a presença do jornalismo científico em diferentes espaços dos jornais. Como adição, o novo estudo ressaltou que é possível também encontrar o jornalismo científico em espaços opinativos dos veículos – seja colunas de opiniões de especialistas ou nas antigamente chamadas “cartas de leitores” (e chamadas agora de “cartas à redação”), seções onde o público-consumidor expressa seus pontos de vista (Vogt *et al.*, 2012; Gonçalves e Figueiredo, 2019).

Assim, é possível considerar como jornalismo científico todo espaço de um

produto jornalístico (seja reportagem ou seção de opinião) que fale do universo científico, mas também todo espaço, independentemente da temática ou editoria em que se encontra, que recorra a uma fonte científica ou a um dado científico para explicar o seu assunto.

### **1.7 Crise sobre crise**

Em 2006, o professor Wilson Bueno já alertava para uma crise que o jornalismo brasileiro sofreria: a crise de gestão. Para o pesquisador, essa crise não tinha a ver com a realidade econômica do país, mas com visões obsoletas no comando das grandes empresas de comunicação - a sua maioria, ainda, empresas familiares (Bueno, 2006).

Essas famílias, na ânsia de se manterem no comando dos grupos de comunicação, impediam que novos parceiros comerciais chegassem e que novas ideias surgissem para trazer uma administração moderna e profissionalizada, fazendo com que as empresas se tornassem frágeis e vulneráveis (Bueno, 2006).

Como consequência, os anos 2000 começaram com o desaparecimento de títulos de jornais e revistas, processos acelerados de aquisições e fusões de empresas jornalísticas e apropriação de meios de comunicação por igrejas. Também houve demissões em massa em alguns conglomerados de notícias, como a Folha de S. Paulo, a Gazeta Mercantil e o Jornal do Brasil (Bueno, 2006).

Como complementa Bueno: “Muitos veículos, individualmente ou em conjunto, estão batendo às portas do BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], buscando irrigar suas receitas à custa do Governo, num processo de capitulação que pode ser fatal para a independência de suas linhas editoriais” (2006, p. 529).

Infelizmente, a crise identificada por Bueno no começo do século somente se intensificou com o passar dos anos. Um levantamento realizado pelo veículo Meio & Mensagem em 2015 apontou que, no período entre 2009 a 2015, o Brasil perdeu oito jornais: Gazeta Mercantil (2009), Jornal do Brasil (2010), O Estado do Paraná (2011), Jornal da Tarde (2012), Diário do Povo (2012), Diário do Comércio (2014), O Sul (2014) e Brasil Econômico (2015) (Pacete, 2015).

Outro levantamento, realizado em 2018 pelo portal Poder 360, identificou mais

três fechamentos de jornais naquele ano: Diário de São Paulo, A Cidade e Gazeta de Alagoas, além das demissões de 7.817 funcionários e o encerramento de 28 revistas, a grande maioria do Grupo Abril – que, naquela época, havia pedido recuperação judicial por conta de uma dívida no valor de R\$ 1,6 bilhão (Yahya, 2018; Giudice, 2020).

Três anos após a decretação de falência da Editora Abril, já em 2021, o famoso prédio onde era a sua sede, localizado em São Paulo, foi colocado à venda. Na época, a jornalista Brenda Fucuta, que integrou o time de profissionais do extinto grupo de comunicação, escreveu:

O anúncio do leilão, no site Imóveis com Desconto, foi tão sem graça que quase me fez chorar. Palavras jogadas sem cuidado, cores monótonas, texto de varejo. Para quem passou a vida criando ou lendo as tão bem trabalhadas páginas das revistas da editora, a peça publicitária que anuncia a venda do prédio não deve ser vista como um detalhe, mas como uma metáfora do seu fim, pobre e melancólico (Fucuta, 2021, s/nº).

Outro movimento narrado por Bueno e que se intensificou com o passar dos anos foi a venda de veículos de imprensa para empresas. Ainda sobre a quebra do Grupo Abril, sua principal revista de economia e negócios, a Exame, foi vendida em 2019 para o banco BTG Pactual. Podem entrar na lista também a venda do portal Infomoney para a corretora XP Investimentos em 2011 e a venda do site Canaltech para a rede de varejo Magazine Luiza, em 2020 (G1, 2019; Pavini, 2011; Baguete, 2020).

Ironicamente, em outro artigo, escrito quatro anos antes das suas previsões sobre a crise na imprensa citadas no começo deste tópico, o mesmo Bueno alertava sobre a aproximação econômica entre veículos e empresas:

As parcerias entre as redes de notícias e grupos financeiros e industriais (de telecomunicações, de tecnologia da informação, do lazer/entretenimento, etc), agora e mais ainda no futuro, ameaçam, dramaticamente mais do que qualquer outra época, a independência editorial dos veículos, se é que alguma vez se possa ter pensado seriamente nesta possibilidade (Bueno, 2001, p. 185).

E uma crise que começou com problemas de gestão, desencadeou uma crise financeira profunda. Para Sabine Righetti (2008), este panorama, que afeta principalmente o jornalismo impresso, pode ser explicado em três tópicos: a queda da circulação dos jornais e do número de leitores; a queda de participação dos jornais no total das verbas destinadas à publicidade; e o crescimento da internet como um meio de comunicação, principalmente numa concorrência direta ao jornalismo impresso (p. 10). Nesse caso, não se trata de um cenário exclusivamente brasileiro, mas um desafio da imprensa a nível global.

Entretanto, engana-se quem acha que a crise na imprensa segue apenas os veículos impressos. O portal *A Conta dos Passaralhos*, que mapeou as demissões em redações realizadas entre os anos de 2012 a 2018, encontrou, além de demissões em massa nos jornais, cortes em rádios, televisões e em veículos online (Spagnuolo, 2018).

O portal independente afirmou também haver uma dificuldade nesse mapeamento, por três motivos: o primeiro é que muitas demissões de jornalistas não são nem noticiadas pela imprensa especializada no mercado de comunicação; o segundo motivo é que a análise contabilizou notícias de demissões em massa, mas houve também cortes pontuais nas redações que não foram contabilizados; e o terceiro ponto é que muitos profissionais desligados eram terceirizados, ou seja, contratados como prestadores de serviços (via CNPJ), essas demissões são mais difíceis de serem rastreadas porque não passam por sindicatos (Spagnuolo, 2018).

Ao todo, o levantamento do *A Conta dos Passaralhos*<sup>5</sup> identificou as demissões de 8.047 funcionários de redações, sendo 2.617 jornalistas. Considerando apenas a categoria Rádio e TV, onde se enquadram os veículos a serem analisados nesta pesquisa, foram identificados 1.334 jornalistas demitidos (A Conta dos Passaralhos, 2023).

Em paralelo às dificuldades da imprensa em geral, o jornalismo científico também enfrenta suas próprias dificuldades. Se em 2013, a Associação Brasileira de Jornalismo Científico contabilizava que haviam 500 pessoas que exerciam a cobertura científica na imprensa pelo país, sendo 90% jornalistas, hoje, esse número não possui qualquer atualização, já que a entidade se encontra com as atividades paralisadas desde

---

<sup>5</sup> Passaralho é um termo informal usado para tratar de dispensa relativamente grande de funcionários nos meios de comunicação, ou seja, demissões em massa.

2020 por conta de problemas jurídicos e financeiros (Massarani, Bauer e Amorim, 2013; Fernandes, 2023).

Nas palavras de Bueno (2001, p. 185), esse cenário geral da imprensa é “nebuloso”, principalmente para o jornalista científico, que precisa realizar um trabalho cada vez mais crítico, já que suas reportagens acabam, muitas vezes, exercendo um papel fundamental de alfabetização científica na sociedade. E o que acontece quando um jornalismo precarizado se depara com uma pandemia global?

## **2. ESTRUTURA DE PESQUISA**

### **2.1 Objetivos**

#### **2.1.1 Objetivo Geral**

- Analisar as mudanças ocorridas no jornalismo científico com a chegada do novo coronavírus, destinando a análise às produções televisivas no horário nobre.

#### **2.1.2 Objetivos Específicos**

- Analisar e identificar as mudanças realizadas nos veículos de comunicação durante o período de pandemia;
- Analisar as mensagens passadas pela mídia televisiva;
- Identificar e analisar as narrativas defendidas por cada emissora;
- Mensurar o espaço obtido pelo factual científico nos jornais televisivos durante a pandemia do novo coronavírus, de modo a possibilitar comparações com os períodos pré e pós-pandemia.

## **2.2 Percurso metodológico**

### **2.2.1 O corpus da pesquisa**

Para esta pesquisa foi estruturado um recorte que pudesse criar uma amostragem comparativa. Entende-se que o estudo de um único canal televisivo/veículo não daria as dimensões necessárias para compreender a pluralidade de narrativas, visto que existem comportamentos e posicionamentos diferenciados em cada emissora de TV, algo que foi intensificado no período de pandemia.

Sendo assim, a análise engloba dois canais, fazendo um recorte temporal. A escolha dos veículos foi feita segundo a audiência, ou seja, optamos pelas emissoras que possuem o maior alcance de público e, conseqüentemente, maior influência na sociedade.

Segundo dados do Kantar Ibope, em 2021, as duas emissoras que tiveram maior audiência no ano foram Rede Globo (1º lugar, 31,2% do total de audiência) e Record TV (2º lugar, 11,2%).

Na elaboração do desenho desta pesquisa, utilizou-se os dados do Painel Nacional de Televisão (PNT) de 2019, já que os dados de audiência mais recentes saíram somente em 2022 quando esta pesquisa já estava em desenvolvimento. O PNT era uma iniciativa aberta do Ibope que trazia as principais audiências anuais, e cuja última edição pública saiu em 2019 – apontando também Globo e Record nas primeiras posições. Entretanto, desde 2020, o Ibope passou a disponibilizar tais informações apenas para empresas contratantes; as informações de 2021 foram obtidas pelo jornalista Ricardo Feltrin por meio de uma fonte anônima. (Padiglione, 2020; Feltrin, 2022)

Como os relatórios de 2019 e 2021 apontaram a mesma tendência, que segue um padrão de anos anteriores também, optou-se por fixar a análise priorizando a Rede Globo e a Record TV. Para isso, foram selecionados os principais produtos jornalísticos diários de ambas as emissoras – o Jornal Nacional e o Jornal da Record.

Após a definição dos programas, houve o questionamento sobre o recorte

temporal. No primeiro momento, e em contato com outras pesquisas que analisaram os mesmos produtos jornalísticos, foi identificada a técnica de semana construída, na qual se cria uma amostragem aleatória que possa atender uma periodicidade relativamente grande.

Como explica Ramalho e Silva (2013), utilizando a técnica de semana construída é possível analisar programas exibidos durante um mês de determinado telejornal selecionando aleatoriamente um programa exibido em uma segunda-feira entre todas as segundas do mês, outro numa terça entre todas as terças, e assim sucessivamente. (p. 78).

Por mais que esta técnica permita uma análise de um longo período temporal – Ramalho e Silva (2013) a utilizou para analisar um ano de exibições do Jornal Nacional, o seu fator de aleatoriedade não permite identificar a continuidade de narrativas das coberturas jornalísticas.

Assim como em telenovelas e demais produtos, entende-se que a televisão trabalha com o conceito de continuidade: ela cria uma rotina de atrações para que essas e seus respectivos discursos sejam acompanhados diariamente. Essa estratégia é seguida principalmente nos produtos de dramaturgia, em que as histórias deixam ganchos para os episódios seguintes, mas também em produtos jornalísticos, quando há séries de reportagens ou coberturas contínuas.

Além disso, a partir do momento em que o objeto de análise é o jornalismo científico e envolve um factual contínuo, como é a pandemia, a segunda questão é entender o quão factual essa pandemia se mostrou para ser notícia continuamente, pois como dizem alguns teóricos, o factual da ciência não é o mesmo factual do jornalismo.

Essa questão de noticiabilidade e de como o factual da ciência e o factual da imprensa são diferentes foi vista na obra de Ricardo Henn (2002) que, após analisar a cobertura de três acontecimentos – o incêndio nas florestas do estado de Roraima; a epidemia da dengue nas regiões Sudeste e Nordeste; e o flagelo da seca no sertão nordestino – percebeu que os acontecimentos perderam força midiática, mesmo com suas consequências ainda presentes. (p. 9-10)

Como explica Henn, “passada a euforia das primeiras notícias, a menção desses fatos na imprensa tornou-se, a cada dia, mais escassa, mesmo que a dengue persistisse, a

seca provocasse outras vítimas e as nossas florestas continuassem à mercê de novos sinistros.” (Henn, 2002, p. 9-10)

Sendo assim, optou-se por considerar um período contínuo de um mês, um tempo considerado grande para a televisão, já que o meio de comunicação tende a responder rapidamente ao comportamento de sua audiência, alterando e mudando características de seus programas e, até mesmo, retirando programas da grade, conforme os dados de audiência e a sua repercussão.

Com a definição do recorte temporal, o desafio foi escolher um período em que houvesse uma cobertura contínua da pandemia, mas sem grandes acontecimentos que trouxessem mudanças de cobertura. Por exemplo, se analisarmos a pandemia numa linha do tempo, principalmente considerando o seu primeiro ano, 2020, é possível ver que após a efervescência do estado de urgência dos primeiros meses, tanto a população como os meios de comunicação já estavam minimamente adaptados à nova realidade, chamada diversas vezes de “novo normal”.

Nesse sentido, começou um processo de eliminação de meses, até chegar em um período minimamente estável, por assim dizer. Os primeiros meses da pandemia e que ocasionaram mudanças nas grades de programação, no caso, março, abril e maio de 2020, foram excluídos. Em junho, parte das mudanças na grade da Rede Globo foram desfeitas, como a retirada de programas de entretenimento para a cobertura da pandemia. As atrações *Encontro com Fátima Bernardes* e *Mais Você* voltaram ao ar e o jornalístico *Combate ao Coronavírus* teve sua última edição. Apenas o *Se Joga* não voltou ao ar, o que fez com que o *Jornal Hoje* mantivesse uma duração estendida, de quase duas horas.

Sendo assim, chegou-se ao mês de julho de 2020. Neste período, a gestão da pandemia não teve mudanças significativas, ou seja, não houve descoberta de cura, evolução da doença ou qualquer outro fator que pudesse impulsionar a produção de mais matérias. Entretanto, alguns casos pontuais não mobilizaram uma cobertura extra, mas possibilitaram a análise da noticiabilidade na pandemia.

Por exemplo, nesse período, um caso famoso ocorreu em Santos, cidade do litoral de São Paulo, onde um desembargador do Tribunal de São Paulo foi filmado humilhando um guarda civil e rasgando a multa que havia recebido por estar sem

máscara. Este caso foi explorado durante semanas para auxiliar na conscientização da população, e a identificação de quanto tempo um factual é explorado só será possível na análise do jornalismo transmitido dia após dia.

Outro fator que motivou a escolha do mês de julho de 2020 foi o fato de que ambas as emissoras selecionadas, Record e Globo, passaram por mudanças significativas na sua estrutura jornalística e na forma de cobrir a pandemia, objeto de análise desta pesquisa.

No caso da Record, a emissora colocou no ar as primeiras mudanças que vinha planejando após a troca de seu vice-presidente de jornalismo: saiu Douglas Tavolaro – que pediu demissão para comandar a implementação da CNN Brasil – e entrou Antonio Guerreiro. Apesar dessa troca de cargos ter ocorrido no começo de 2019, as alterações nas grades e produtos jornalísticos com a gestão de Guerreiro vieram somente 1 ano e 6 meses depois, exatamente em julho de 2020.

A curto prazo, a gestão de Guerreiro alterou um produto jornalístico da Record, em especial, a revista eletrônica Domingo Espetacular. Entretanto, como sua gestão foi vista como mais atenta às notícias e com valorização do jornalismo, entende-se que é necessário um estudo das mudanças aplicadas, principalmente no meio de um factual científico de suma importância, como a pandemia da covid-19.

Já na Rede Globo, a principal mudança foi o uso dos dados do Consórcio de Veículos de Imprensa. Apesar do anúncio de sua criação ter ocorrido no mês de junho, foi somente um mês depois que os dados dessa iniciativa se tornaram públicos, e passaram a ser utilizados em todos os veículos pertencentes aos grupos de comunicação envolvidos: UOL-Folha, Globo e Estadão.

A chegada do Consórcio modificou o tempo da cobertura de dados da covid-19, já que os boletins com números de infectados e mortos passaram de 30 a 40 segundos para até 10 minutos de duração, com gráficos e metodologias que permitiram comparativos com semanas anteriores, recortes de estados e municípios mais infectados, panorama nacional consolidado, entre outras informações/outros dados importantes para o público em geral/para a audiência dos telejornais.

### 2.2.2 Estrutura do método

Definido o recorte temporal, o próximo passo foi desenhar o modelo da análise a ser executada. Para a realização da pesquisa foi escolhida a análise de conteúdo integrada com duas vertentes, análises qualitativa e quantitativa. A análise quantitativa busca trazer números, como: quantas matérias científicas foram publicadas durante o período, quais os temas mais abordados, em quais editorias se encaixam, quais as fontes mais consultadas, quais as instituições científicas que mais apareceram, qual o tempo das reportagens dedicadas à ciência, qual a temporalidade dos assuntos abordados – ou seja, por quanto tempo permeou determinado fato; a sua noticiabilidade – entre outros.

Além disso, a análise quantitativa também possibilitará uma comparação com as características de jornalismo científico apresentadas por Burkett (1990), mas principalmente por Oliveira (2002). Em sua obra, Oliveira (2002) chamou a atenção sobre como o jornalismo científico brasileiro era essencialmente direcionado às coberturas internacionais e, quando trazido para o ambiente nacional, tinha o Governo Federal como principal fonte para as reportagens.

A obra de Oliveira foi escrita em 2002, mas edições seguem sendo reimpressas, ou seja, impressas sem alterações – a última identificada é datada de 2023. Algumas ideias trazidas em sua obra estão em desacordo com o que foi visto na cobertura da ciência, principalmente considerando o período de pandemia, a partir de 2020, quando a ciência nacional obteve mais destaque que a internacional e cientistas ficaram conhecidos para além das instituições que representam.

Além da análise quantitativa, outro objetivo deste estudo é entender como o conteúdo das reportagens, enquanto textos e discursos, são passados ao telespectador. Para isso, foi realizada uma análise de conteúdo, inspirada nos conceitos de mesmo nome, defendidos por Martin W. Bauer (2004), e análise temática, de Antonio Joaquim Severino (1991).

Bauer (2004) explica que a análise de conteúdo (AC) auxilia no entendimento de contextos, pois permite “reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. Em outras palavras, a AC é pesquisa de opinião pública com outros meios.” (p. 192)

Bauer também destaca o uso da AC no comparativo entre veículos jornalísticos para entender as diferenças de coberturas (Bauer, 2004, p. 194), como é um dos objetivos deste estudo. O especialista reforça o aspecto histórico da técnica, no qual o texto reproduz características da sociedade em que se encontra:

A análise de conteúdo é uma construção social. Como qualquer construção viável, ela leva em consideração alguma realidade, neste caso o corpus de texto, e ela deve ser julgada pelo seu resultado. Este resultado, contudo, não é o único fundamento para se fazer uma avaliação. Na pesquisa, o resultado vai dizer se a análise apresenta produções de interesse e que resistam a um minucioso exame; (...) A metodologia da análise de conteúdo possui um discurso elaborado sobre qualidade, sendo suas preocupações-chave a fidedignidade e a validade, provindas da psicometria. (Bauer, 2004, p. 203)

Já o conceito de análise temática, desenvolvido por Antonio Joaquim Severino em sua obra *Metodologia do Trabalho Científico*, defende a necessidade da problematização para contextualizar o discurso a ser estudado:

(...) na tentativa da apreensão da mensagem do autor, capta-se a problematização do tema, porque não se pode falar coisa alguma a respeito de um tema se ele não se apresentar como um problema para aquele que discorre sobre ele. (...) Pergunta-se, pois, ao texto em estudo: como o assunto está problematizado? Qual dificuldade deve ser resolvida? Qual problema a ser solucionado? (...). Captada a problemática, a terceira questão surge espontaneamente: o que o autor fala sobre o tema, ou seja, como responde à dificuldade, ao problema levantado? Que posição assume, que ideia defende, o que quer demonstrar? (Severino, 1991, p. 50)

Por meio da análise de conteúdo também se buscou compreender os casos de ausência de reportagens sobre o novo coronavírus dentro dos programas jornalísticos. Em um estudo-teste realizado sobre as coberturas da pandemia nos programas Domingo Espetacular e Fantástico (que será melhor contextualizado nos próximos tópicos),

percebeu-se que a revista eletrônica da Record chegou a dedicar em uma de suas edições de 10 a 20 minutos para matérias de entretenimento e apenas 30 segundos para os dados da pandemia no país.

Por fim, a análise de conteúdo também permite traçar aspectos políticos dentro da relação entre emissoras e Governo Federal. Contextualizando no exemplo da análise-teste, ao mesmo tempo em que a Record não exibiu dados sobre o coronavírus a nível nacional e mundial, é sabido que a emissora vem recebendo a maior verba federal para comunicação desde o 1º trimestre de 2019, segundo levantamento do portal UOL. O jornalista Eugênio Bucci, em artigo publicado na obra *Agenda Brasileira* (2011), aponta receios nessa relação entre governos e mídia:

(...) Até este início de século XXI, governantes de esquerda e de direita têm em comum essa percepção dos meios de comunicação como ferramentas para moldar a opinião pública - e não como instâncias de debate e de diálogo. Assim é que, ao mesmo tempo que convive com a censura, a nossa sociedade convive também com outras formas de pressão do Estado sobre a comunicação social. A propaganda de governo - no nível federal, estadual ou municipal - nos meios privados, paga com dinheiro público, é uma dessas formas. O Estado se tornou um dos maiores anunciantes do mercado publicitário no Brasil. Inventamos mais essa figura: o Estado-anunciante, que se agiganta à medida que abusa de seu imenso poder econômico".  
(Bucci, 2011, p. 277)

Nesse cenário, a *relevância*, principal critério para definição de noticiabilidade de um fato, que deveria ser seguido, muitas vezes dá lugar ao interesse econômico, servindo de instrumento para narrativas ideológicas. Lembrando que o silêncio, a omissão de temas de interesse nacional, também é uma maneira de dizer.

#### **2.4 A televisão como documento**

A escolha do meio televisivo como objeto de análise deste projeto parte de duas linhas. A primeira é de que a tv e suas produções exercem um papel de documento, já que seus programas reproduzem características das épocas em que foram idealizados. Como explica a pesquisadora Silvia Romano (2001) no artigo *Las noticias televisivas*

*como fuentes de la historia*, ao defender a análise de produções televisivas, elas:

(...) constituyen parte de nuestro patrimonio cultural y fragmentos de una memoria histórica en imágenes y sonidos que testimonian, a su modo, diversos aspectos de la realidad del período. Entendemos que el documento audiovisual permite incursionar en ciertas dimensiones de lo real inaccesibles a través de otras fuentes y puede servir de materia prima y campo de observación para producir nuevo conocimiento, para problematizar o enriquecer lo conocido, sugerir nuevos interrogantes y hipótesis. (Romano, 2001, p. 02)

Apesar de definir os materiais televisivos produzidos entre os anos de 1960 e 1970, os significados dados por Romano se enquadram nos dias de hoje quanto à importância de ainda se analisar reportagens de tv. Em livre tradução, a pesquisadora afirma que as matérias dos telejornais retratam uma realidade fragmentada, (re)constituída e interpretada tanto pelo idealizador da reportagem (a emissora responsável) quanto pelo aparelho televisivo. Mas, ao mesmo tempo, essas reportagens são parte dessa realidade, ou seja, os textos informativos moldam o contexto na mesma medida em que dependem dele. Por isso, as reportagens também são responsáveis pela criação de significados (Romano, 2001, p. 02).

A combinação entre texto e imagem também faz com que o material televisivo tenha uma linguagem multicolorida, o que representa uma maior riqueza enquanto documento científico:

El audiovisual es a su vez un lenguaje - abigarrado - porque expresa sentimientos e ideas, significa objetos o textos y comunica informaciones mediante la combinación de diversos tipos de significantes y de una pluralidad de códigos típicos del medio (movimientos de la cámara, la relación entre lo visual y lo sonoro, etc.) y otros que no lo son (notaciones gráficas, el habla, la música, etc.). El conjunto de imágenes y sonidos presenta una concatenación de situaciones, en las que tienen lugar acciones y operan personajes en ambientes específicos (...). En este sentido, los movimientos de cámara y el montaje de planos-secuencias tienen una función narrativa (Romano, 2001, p. 06).

Vera Íris Paternostro, em sua obra *O Texto na TV*, complementa a argumentação de que a combinação entre imagem e texto faz da televisão um meio de comunicação extremamente rico, já que a imagem em movimento passa muito mais emoção ao público do que a imagem parada, caso dos meios impressos, e ganha mais força se combinada com texto objetivo, direto e informativo, caso do telejornalismo (Paternostro, 1999, p. 61).

E apesar das limitações que o formato impõe, principalmente na exigência ao factual, marca do jornalismo, o telejornalismo tem um importante fator de engajamento:

Se a televisão se impõe através da informação visual, é ainda limitada quanto à análise da mensagem que emite. A programação da TV – e aqui estamos falando da TV aberta – tem um ritmo contundente, próprio da sua natureza como meio de comunicação de massa, e acaba voltada à transmissão de notícias de maneira breve, o que se considera desvantagem da TV (superficialidade) aliada a uma vantagem (imagem) gera um movimento peculiar dentro do processo global de informação. A TV estimula e provoca o interesse e a necessidade de se ampliar o conhecimento dos fatos: acreditamos no poder motivador da TV enquanto meio de informação (Paternostro, 1999, p. 63-64).

A escolha da TV se deu também porque no ano de 2020, a televisão foi um dos meios cuja cobertura científica mais se intensificou ou modificou em razão da pandemia do novo coronavírus, como detalhado em tópicos anteriores.

No Brasil, um estudo do Kantar Ibope apontou que, em 2020, 204 milhões de brasileiros assistiram à televisão, com um consumo de 7h09 por dia, o que representa um aumento de 37 minutos em relação à média de 2019, e o maior tempo dos últimos cinco anos (Padiglione, 2021).

Em 2020, também foram registradas 38 das 50 maiores audiências nos últimos cinco anos, e o maior pico foi no dia 24 de março, quando foi anunciado o fechamento do comércio em todas as capitais do país e foi divulgado o alerta da OMS que colocava os Estados Unidos como o novo epicentro mundial da pandemia da covid-19

(Padiglione, 2021).

Já em 2021, duas das principais emissoras brasileiras tiveram quedas de audiência: Globo e SBT, segundo dados do Painel Nacional de Televisão (PNT), estudo mensurado pelo Kantar Ibope e divulgado com exclusividade pelo jornal Folha de S. Paulo (Folha, 2021).

A audiência total da Globo passou de 12,4 pontos em 2020 para 11,6 pontos em 2021, já a do SBT foi de 4,3 pontos para 3,6. Vale destacar que em 2020, cada ponto de audiência correspondia a 203.309 espectadores, e em 2021 esse valor passou a representar 205.377 pessoas (Folha, 2021).

Sobre a Globo, as principais quedas ocorreram em seus produtos de teledramaturgia, mostrando que o telejornalismo seguiu forte, mesmo com a redução do público televisivo. A emissora também justificou que parte do seu consumo midiático migrou para a sua plataforma de streaming, Globoplay.

A mensuração da audiência das plataformas de streaming do país segue em desenvolvimento pelo Kantar Ibope, mas parte de seus resultados não foram divulgados. O que se sabe é que em 2021, a audiência do streaming cresceu 27% no período chamado de média-dia, das 7h à meia-noite, totalizando 7,5 pontos. Isso significa que o streaming foi o 2º lugar de audiência em 2021, superando todas as emissoras de tv, com exceção da Rede Globo.

Nessa análise, o Ibope considerou o total de audiência de todas as plataformas que oferecem conteúdo fora da grade linear da televisão, como Netflix, Globoplay, Disney+, HBO Max, além de YouTube e conteúdos consumidos via DVDs e videogames. Entretanto, o instituto monitora apenas os conteúdos vistos em aparelhos televisivos, desconsiderando o consumo em aparelhos móveis, como celulares e tablets.

## **2.5 Covid-19 e desinformação**

Outro ponto que embasa a importância deste estudo é o cenário de desinformação no qual se encontra o Brasil, e que se intensificou com a pandemia da covid-19. Movimentos antivacina e que negam os recursos para prevenir o contágio, como o isolamento social e o uso de máscaras, e ainda o apoio ao uso de medicamentos

sem comprovação científica, mostram uma visão anticiência e, conseqüentemente, contra a divulgação científica. Esses movimentos e perfis ganharam força, principalmente por meio das mídias digitais como YouTube, Twitter, Facebook e WhatsApp, que têm se mostrado como principais difusores dessas ideias negacionistas<sup>6</sup>.

Em 2019, antes que o coronavírus chegasse, a Organização Mundial da Saúde já identificava o movimento antivacina como uma grande ameaça à saúde global. É o que apontam os cientistas Dayane Fumiyo Tokojima Machado, Alexandre Fioravante de Siqueira e Leda Gitahy no estudo *Natural Stings: Selling Distrust About Vaccines on Brazilian YouTube*:

The World Health Organization considered vaccine hesitation as one of the greatest threats to global health in 2019. With the decrease in immunization coverage, 170 countries registered cases of measles, increasing 300% when compared to the first three months of 2018. In this scenario, Brazil was the sixth country by reported cases of measles in 2019, despite the National Immunization Program, one of the strongest Brazilian public health policy programs, offering 20 different types of vaccines free of charge to the population (Machado, Fioravante e Gitahy, 2020, p. 01).

As estratégias antivacinação utilizam narrativas diversas, mas seguem uma linha similar, envolvendo essencialmente narrativas pessoais, e levantando bandeiras errôneas, nas quais colocam a saúde coletiva como algo passível de liberdade de escolha (Machado, Fioravante e Gitahy, 2020).

## 2.6 Ciência, sociedade e tomada de decisão

Por fim, analisar os discursos jornalísticos sobre a ciência é também entender qual a relação da ciência com a sociedade, principalmente em uma realidade na qual as pessoas têm suas percepções sobre o que é ciência, mas não se sentem próximas do

---

<sup>6</sup> Em 2023 essas empresas têm sido alvo de preocupação no Brasil e suas ações têm reforçado a necessidade de regulamentação, em discussão neste momento no Congresso e entre membros da academia e da sociedade civil.

universo científico.

Nesse patamar de distanciamento, uma terceira figura aparece: a política, na qual seus representantes são os responsáveis pelas tomadas de decisão inspiradas na ciência e que afetam a população – como na pandemia, em que a produção de vacinas, a conscientização da covid-19 e até a desinformação tiveram origens políticas.

No artigo *Science and Democracy*, a pesquisadora de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia Sheila Jasanoff reflete inicialmente as linhas de estudo entre ciência e democracia, que sempre esbarram no panorama político. A ciência, quando analisada sob o prisma político, gera diferentes questões ou hipóteses. Entre elas, será que a política molda a ciência ou é a ciência que governa o poder político? E os políticos? Eles utilizam o conhecimento científico para influenciar as decisões tomadas nas cadeiras do poder? (Jasanoff, 2017).

Tais questões, segundo a especialista, se tornaram mais urgentes de serem trazidas no período moderno, quando excessivas mudanças institucionais começaram a afastar as pessoas dos governos: o estado-nação se tornou o principal representante do poder político e, ao mesmo tempo, os cidadãos foram excluídos das tomadas de decisões vindas de especialistas (Jasanoff, 2017).

E conforme as definições de ciência, tecnologia e política foram evoluindo, começou-se a pensar quem eram os poucos autorizados a falar sobre muitos. Enquanto os cientistas eram consultados para falar sobre áreas da natureza, cabia aos políticos falarem sobre os desejos públicos, as necessidades e os interesses das populações. Ambos os porta-vozes, cientistas e políticos, ganharam e passaram a exercer certa autoridade, em um panorama excludente, já que as pessoas comuns, também interessadas em legitimar as tomadas de decisão, foram excluídas (Brown *apud* Jasanoff, 2017).

Além desse elemento da autoridade, a relação entre ciência e política envolve, ainda, a forma como o conhecimento é gerido e compartilhado. Sobre isso, cabe a reflexão acerca de qual o impacto político a informação é capaz de causar. Esta é uma questão encabeçada por Dorothy Nelkin em seu artigo *The Political Impact of Technical Expertise*. Utilizando como exemplo as tecnologias de velocidade e energia (como aeroportos, geradores de energia, represas ou rodovias), Nelkin (1975) explica que

quando um tema atinge debates de controvérsia ferrenhos, os cientistas, cujo conhecimento dá a base técnica para os debates, passam a ocupar debates políticos:

This 'public' role of science has generated concern both within the profession and beyond; for a scientist's involvement in controversial issues may violate the norms of scientific research, but have considerable impact on the political process. As scientists are called upon to address a wider range of controversial policy questions, 'problems of political choice [may] become buried in debate among experts over highly technical alternatives' (Brooks apud Nelkin, 1975, p. 35).

Para Nelkin, a chamada autoridade do conhecimento – o que podemos considerar como a credibilidade da informação – é creditada diretamente às autoridades científicas. As informações dadas por cientistas são consideradas racionais porque se baseiam em dados ou em demais processos racionais. Em livre tradução, a autora afirma que a ciência é amplamente considerada como um meio de despolitizar questões públicas (Nelkin, 1975).

Por este motivo, há a apropriação da análise científica, já que, se a ciência possui tamanha credibilidade e respeito, ela é usada para remover conflitos em determinadas questões, e atribuir veracidade às decisões:

Policy makers find that it is efficient and comfortable to define decisions as technical rather than political. Technical decisions are made by defining objectives, considering available knowledge, and analyzing the most effective ways of reaching these objectives. Debate over technical alternatives need not weigh conflicting interests, but only the relative effectiveness of various approaches for resolving an immediate problem. Thus, scientific knowledge is used as a 'rational' basis for substantive planning, and as a means of defending the legitimacy of specific decisions (Nelkin, 1975, p. 36-37).

Segundo Nelkin (1975), a controvérsia geral nos dilemas político-científicos

aparece quando a complexidade das decisões políticas parece exigir um conhecimento altamente especializado, e as pessoas que controlam este conhecimento têm um poder considerável. Ao mesmo tempo, as bases democráticas afirmam que toda pessoa deve ter a influência de decidir em questões políticas que afetam as suas vidas, independente do conhecimento que possuem.

Mesmo não sendo uma controvérsia científica, já que há um consenso da ciência sobre as temáticas que envolvem a covid-19, a aproximação dos conhecimentos científicos à população, em função da pandemia, também reflete os pontos listados acima, sobre a relação político-científica e os autores das tomadas de decisões. Analisar o jornalismo televisivo nesse panorama, pode ajudar a compreender a apropriação do discurso científico e como ele é passado à sociedade, levando-se em consideração o peso dos veículos de comunicação e dos porta-vozes da política e também da ciência.

### 3. O ESTUDO

Conforme detalhado nos tópicos anteriores, a pesquisa analisou todas as edições dos telejornais Jornal Nacional (JN), da TV Globo, e Jornal da Record (JR), da Record TV, exibidas no mês de julho de 2020, de modo a identificar como foi a cobertura científica dos programas televisivos naquele período.

Ao todo, foram analisadas 54 edições dos telejornais, sendo 27 de cada emissora, correspondentes aos programas exibidos entre os dias 1 e 31 de julho de 2020, de segunda a sábado (os telejornais selecionados não são exibidos aos domingos). O mês de julho de 2020 foi escolhido por ser considerado um mês estável dentro da pandemia, ou seja, não houve grandes fatos que mobilizassem coberturas especiais para além da urgência em saúde que o mundo vivia já há alguns meses. Analisar este período é entender como se deu a cobertura cotidiana da pandemia, num momento em que profissionais da imprensa e sociedade já estavam minimamente familiarizados com a covid-19.

A escolha por analisar todas as edições exibidas ao longo de um mesmo mês se deu para identificar a continuidade das coberturas. Em toda a sua grade, a televisão é pensada para construir hábitos, ou seja, para que o público a acompanhe diariamente, sempre no mesmo horário. Esse mecanismo pode ser bem visualizado nas telenovelas, onde os capítulos costumam terminar com “ganchos”, situações que somente serão desenvolvidas no dia seguinte, forçando assim o telespectador a assistir dia após dia para acompanhar toda a história.

Apesar de não ser uma obra de ficção, o telejornalismo também se utiliza de ganchos para despertar a curiosidade e fazer com que o público ligue a televisão diariamente. Esses ganchos normalmente são temas que se desenvolverão completamente ao longo de um determinado período; temas que podem não ser necessariamente factuais ou coberturas mais detalhadas de temáticas cotidianas.

Por exemplo, durante a análise, percebeu-se que o Jornal da Record realizou séries de reportagens que duraram quase uma semana inteira (cinco edições), pegando uma mesma temática e trazendo diferentes abordagens de segunda a sexta. E, ao final de cada matéria especial, o telespectador era informado de que o assunto continuaria no dia

seguinte, até a chegada da reportagem final às sextas-feiras. O estudo encontrou duas coberturas especiais que seguiram essa estrutura: a primeira, sobre a importância de espaços religiosos na pandemia e a segunda, sobre denúncias que a Igreja Universal estava recebendo em Angola, por não obedecer as ordens locais de fechamento dos espaços religiosos devido à probabilidade de contaminação da covid-19 (não, à toa, abordagens de cunho religioso, por se tratar de uma emissora evangélica).

Já o Jornal Nacional utilizou outra estratégia. Com exceção de eventos que se desenrolaram ao longo de uma mesma semana, as temáticas especiais (normalmente não-factuais) duravam de dois a três dias. Entretanto, o telejornal também recorreu a quadros diários para instigar a audiência cotidiana: como o boletim de dados da pandemia, que calculava os avanços da doença sempre comparando com períodos anteriores, e as seções Solidariedade S.A., que anunciava doações de empresas para o combate ao coronavírus, e Aqui Dentro, com depoimentos de profissionais da saúde que estavam na linha de frente do combate à covid-19 – este quadro não foi considerado como jornalismo científico, pois eram especialistas apresentando impressões pessoais, carregadas de emoção, e não informações científicas.

### 3.1 Panorama geral das coberturas

O primeiro passo do estudo foi contabilizar quantas matérias foram exibidas em cada edição dos telejornais e classificá-las em categorias. Tradicionalmente, nas pesquisas sobre telejornais, essas categorias são criadas pelos próprios pesquisadores, com base nas temáticas que são apresentadas em cada reportagem. Esse é o método realizado em pesquisas como as de Andrade (2004), Alberguini (2007) e Silva (2013).

Diferentemente do jornalismo impresso, em que as matérias são agrupadas em cadernos, o que facilita a sua classificação em casos de estudos científicos, o telejornalismo não dispõe de uma divisão clara das editorias de cada reportagem, fazendo com que as suas tabulações fiquem a cargo das metodologias de cada pesquisa. No caso do referencial teórico utilizado neste estudo, Andrade (2004) e Alberguini (2007) criaram categorias inspiradas nas divisões do jornalismo impresso, enquanto que Silva (2013) analisou apenas as temáticas das matérias, trabalhando com as que considerou como temas de ciência e descartando as demais.

Este estudo também criou uma categorização para classificar todas as matérias exibidas nos telejornais. Entretanto, para que essa categorização fosse aproximada da estrutura de produção do jornalismo televisivo, ela foi inspirada nas editorias existentes no Jornal Nacional, apresentadas no livro *Jornal Nacional: a notícia faz história* (Memória Globo, 2004), acrescentando também outras categorias complementares, com base nas temáticas das reportagens exibidas.

O Jornal Nacional foi escolhido como base da categorização, pois ele revolucionou o formato do telejornalismo brasileiro, inspirando muitos dos programas que viriam a ser idealizados posteriormente à sua criação, como é o caso do Jornal da Record.

Seguindo a estrutura do Jornal Nacional, foram desenhadas as seguintes categorias: *Brasil* (ou Geral), que aborda os acontecimentos específicos de cidades e municípios, *Política*, *Economia*, *Esportes* e *Internacional* (Memória Globo, 2004).

Como o objetivo do estudo é mapear o jornalismo científico produzido pelos telejornais, foi acrescentada a categoria de *Ciência & Tecnologia* e, durante a tabulação, também se viu a necessidade de criar outras cinco categorias: *Errata*, *Opinião*

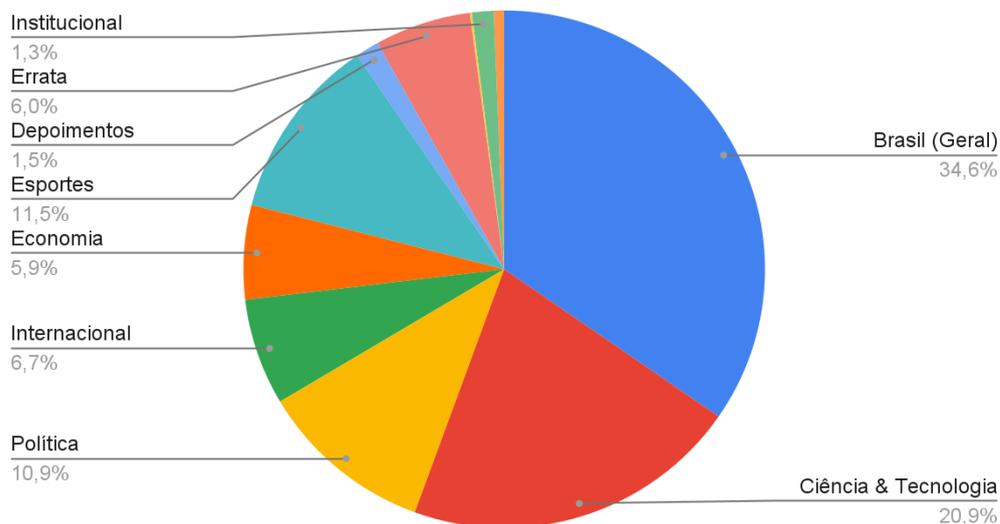
*(Comentarista), Depoimentos, Religião e Institucional.*

A primeira, *Errata*, refere-se à correção de dados informados erroneamente pelos programas; a segunda, *Opinião (Comentarista)*, é para tabular os quadros em que comentaristas dão suas opiniões pessoais – recurso presente somente no Jornal da Record – e a terceira, *Depoimentos*, foi dedicada para separar a série *Aqui Dentro*, do Jornal Nacional, que reuniu depoimentos de profissionais da saúde sem, necessariamente, envolver trabalhos de apuração jornalística. Por fim, houve o acréscimo da categoria *Religião*, já que ambos incluíram em suas programações matérias com somente palavras de fé, e da categoria *Institucional*, quando o telejornal usou o espaço para falar dele mesmo e/ou de sua emissora.

Ao todo, foram encontradas 1.562 matérias nos telejornais, sendo 792 (50,7%) do Jornal da Record e 770 (49,3%) do Jornal Nacional. Diferentemente do que a teoria do jornalismo científico aponta sobre televisão, com ênfase nos diagnósticos de Fabíola de Oliveira (2002), em que afirma que a ciência não é pauta prioritária da TV, a temática científica foi a 2ª categoria mais encontrada na pesquisa, ficando atrás apenas da editoria de Brasil, como mostra o Gráfico 1, que traz a distribuição dos diferentes temas nos telejornais estudados

Gráfico 1 - Distribuição do total de matérias encontradas no Jornal Nacional e no Jornal da Record

### Total de matérias - JN e JR



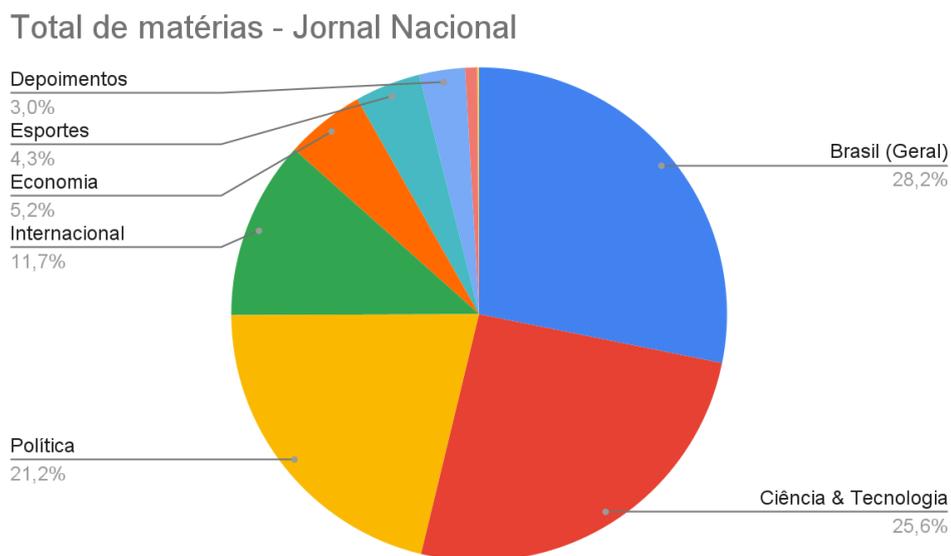
Fonte: Autoria própria

Este dado mostra que, apesar de ambos os telejornais não priorizarem, em seus cotidianos, a cobertura de ciência, durante a pandemia essa temática foi sim priorizada. É importante ressaltar que a editoria Brasil (Geral) refere-se a um conjunto infinito de temáticas, como acidentes, políticas regionais (na pandemia, com uma presença massiva de anúncios de abertura e fechamento de comércios, aplicação de multas para falta de uso de máscara, etc.), além de coberturas sobre crimes, festividades, entre outros. Portanto, é uma categorização que abrange muitos conteúdos, o que favorece um maior número de coberturas.

Estar em 2º lugar entre as editorias mais abordadas, ficando atrás apenas dessa editoria plural, é um excelente resultado para o jornalismo científico, o que reforça como as emissoras priorizam o tema em suas coberturas durante o período analisado.

Cabe destacar que este panorama, da ciência listando como o 2º tema mais abordado, esteve presente em ambos os telejornais (Jornal Nacional e Jornal da Record), como mostram os gráficos 2 e 3:

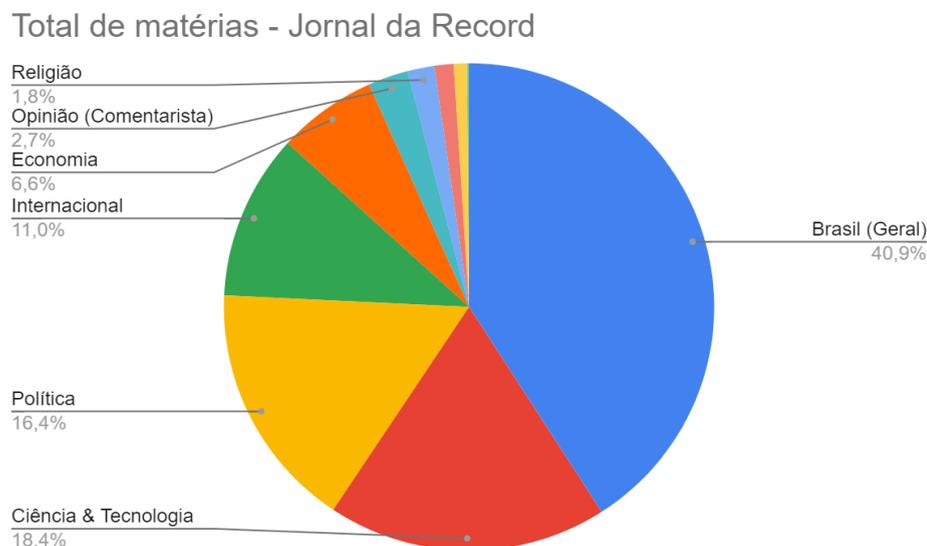
Gráfico 2 - Panorama do total de matérias encontradas no Jornal Nacional



Fonte: Autoria própria.

Apesar de ter veiculado menos reportagens do que o Jornal da Record, o Jornal Nacional veiculou mais matérias científicas do que o concorrente (197 a 130), inclusive, tendo edições com mais cobertura de ciência do que da editoria de Brasil (Geral). A sua cobertura perdeu força mais para o fim do mês, provavelmente pelo desgaste que o público vinha sentindo da cobertura contínua sobre a covid-19 – um ponto que será melhor abordado nas próximas análises.

Gráfico 3 - Panorama do total de matérias encontradas no Jornal da Record



Fonte: Autoria própria.

Como pode ser visto, apesar das matérias de Ciência e Tecnologia serem a 2ª maior temática do telejornal da Record TV, a sua presença não corresponde nem à metade da quantidade de matérias da editoria de Brasil (Geral).

Aqui, cabe reforçar um panorama. Quando assumiu o Governo Federal, em 2019, Bolsonaro reestruturou a distribuição de verbas publicitárias para as TVs abertas, destinando os maiores valores a emissoras que tinham discursos alinhados com a sua gestão. Em primeiro lugar nesta distribuição estava a Record TV, que abocanhava 42,6% do total dos recursos governamentais (Fabrini, 2023). Essa realidade foi modificada apenas em 2021, quando a TV Globo voltou a receber a maior fatia.

A disponibilização de recursos federais teve consequência direta no conteúdo exibido por essas emissoras. Uma análise da mesma metodologia aplicada às revistas eletrônicas Fantástico (Globo) e Domingo Espetacular (Record) mostrou que o programa da Record evitava, ao máximo, falar da pandemia, ao ponto de uma edição de 3 horas de duração falar da pandemia durante apenas 40 segundos – citando o boletim de dados do Ministério da Saúde. A emissora transmitiu mais a palavra “coronavírus” no intervalo comercial, já que um dos anunciantes era o desinfetante Casa & Cuidado, que se intitula “eficaz contra o Coronavírus”, do que durante o programa em si

(Revadam, Francisco e Figueiredo, 2022).

Esperava-se que, na análise do Jornal da Record, fossem identificadas as mesmas características agravantes da cobertura no Domingo Espetacular, o que, felizmente, não se concretizou. Entretanto, na análise de conteúdo do JR foi possível ver que não havia um movimento do telejornal para explorar o potencial da pandemia nas matérias, o que foi identificado com frequência no Jornal Nacional. A pandemia apareceu mais em matérias que eram de interesse da emissora, como uma série de reportagens contra o fechamento das igrejas durante o período, que se utilizou até da menção de estudos e especialistas para falar da importância da fé em situações graves de saúde.

### 3.2 Presença do jornalismo científico

A partir deste tópico, o estudo considerará apenas as matérias que foram tabuladas como científicas. Conforme o arcabouço teórico apresentado nos capítulos anteriores, foram consideradas matérias de jornalismo científico todas as matérias que falassem explicitamente de ciência, como as que abordaram novos estudos ou o andamento na produção de vacinas. Também entraram no escopo da análise toda e qualquer matéria que abordasse assuntos para além do universo da ciência e que utilizasse bases científicas em sua apuração – seja a menção a estudos e entidades ou entrevistas com especialistas. Entende-se, assim, que o jornalismo científico está além da cobertura tradicional do que se considera ciência, podendo ocupar uma diversidade de temáticas e editorias.

Por exemplo, durante o período analisado, a região Sul do Brasil atingiu as temperaturas mais baixas daquele ano. A cobertura desse fato, essencialmente, não foi científica, já que se limitava a mostrar cidades sob a neve. Entretanto, quando surgiram reportagens que consultaram pesquisadores para falar do impacto do frio, o tema foi tabulado como cobertura científica.

Sobre o comparativo entre o Jornal Nacional e o Jornal da Record, o primeiro recorte para mensurar a presença do jornalismo científico foi a identificação de quantas matérias científicas cada telejornal exibiu por dia e, por meio disso, calcular a média da cobertura científica em ambos os produtos televisivos. Nesse cálculo, o Jornal Nacional exibiu sete matérias científicas por dia, enquanto que o Jornal da Record, exibiu cinco.

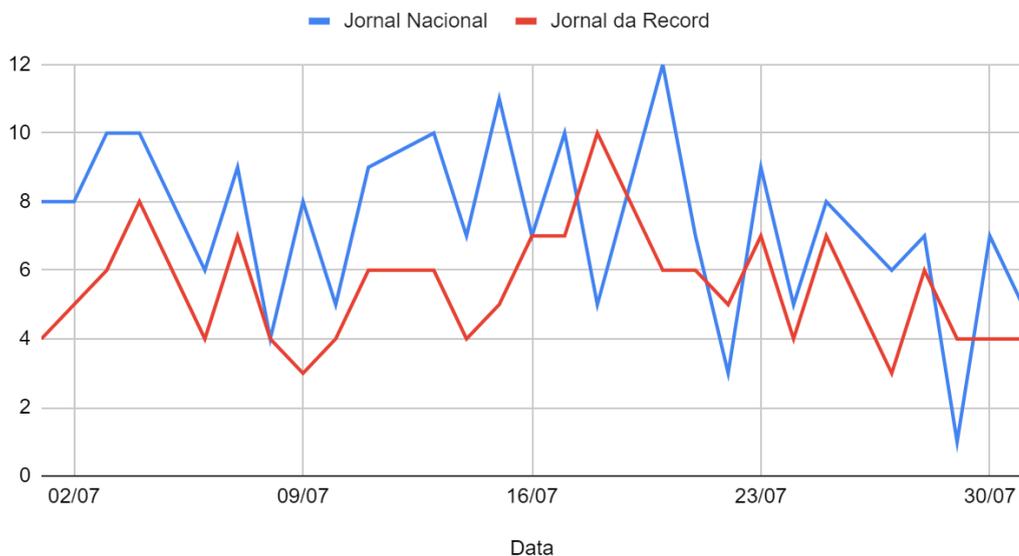
No decorrer de julho de 2020, a TV Globo vinha exibindo mais reportagens científicas do que a Record TV, o que se intensificou a partir da segunda semana do mês, quando a emissora expandiu o boletim de dados do Consórcio de Veículos de Imprensa. Entretanto, a partir do dia 20, houve um declínio na cobertura científica da emissora, incentivado pela retomada da cobertura esportiva – que estava paralisada desde o começo da pandemia –, mas também por identificar o desgaste do público em relação à enxurrada de notícias, fruto de uma cobertura excessiva sobre a covid-19.

Os dois telejornais, mesmo com bastante oscilação no número de matérias sobre ciência, mantiveram a frequência entre 4 e 10, sendo que o Jornal da Record atingiu o

número de 10 notícias científicas apenas uma vez, no dia 18/07, enquanto o JN atingiu várias vezes esse patamar, chegando a apresentar 12 notícias no dia 20.

Gráfico 4 - Total de matérias científicas exibidas por dia nos telejornais analisados

### Matérias científicas exibidas por dia



Fonte: Autoria própria.

É importante destacar que, apesar da Globo ter sido a emissora nacional que mais investiu na cobertura da pandemia, retirando três horas da sua programação de entretenimento e destinando ao jornalismo, parte das mudanças na sua grade já haviam sido revertidas em maio de 2020, por conta da queda de audiência. O programa Combate ao Coronavírus, por exemplo, criado pela urgência na cobertura, ficou apenas três meses no ar.

No período analisado por esta pesquisa, alguns programas de entretenimento já haviam voltado ao ar, mas os telejornais Hoje e Jornal Nacional ainda estavam com tempo prolongado – o primeiro, ultrapassando 1h30 de duração e o segundo tendo 1h de duração (apesar de sempre ocupar uma faixa de duração de 1 hora, o JN possui, normalmente, 45 minutos de programa, com os demais 15 minutos sendo ocupados por inserções comerciais).

### 3.3 Tipos de matérias

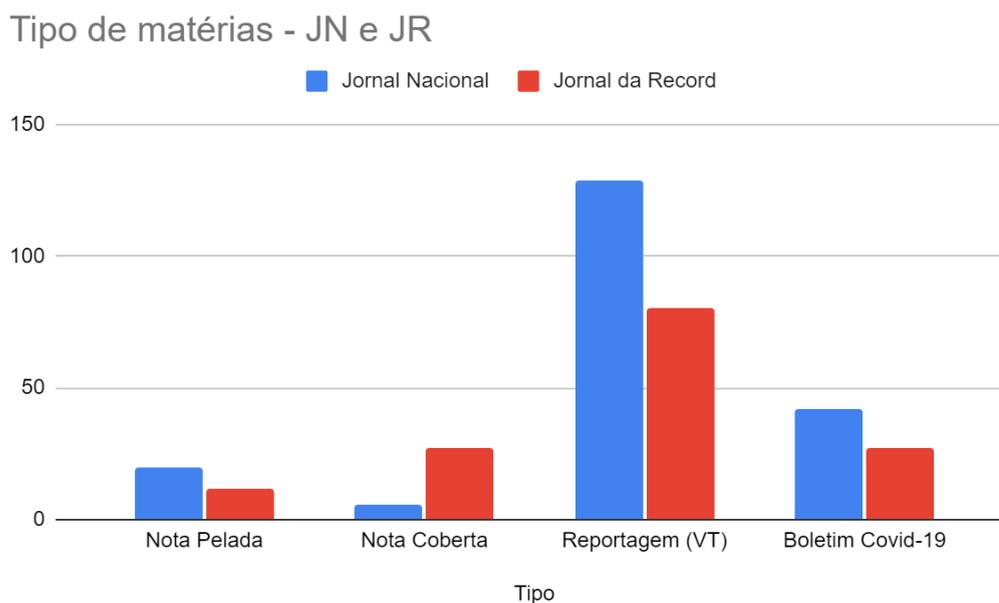
Para identificar também o tipo de cobertura realizada por cada emissora, houve a classificação de cada matéria exibida. Para isso, a pesquisa utilizou a tipologia das reportagens televisivas, que é a aplicada normalmente pelos telejornais.

*Matéria*, aqui, se refere a toda notícia apresentada nos jornais. E a notícia, segundo a teoria do jornalismo televisivo, pode ser apresentada de diferentes formas. Ela pode ser uma *nota pelada*, quando o âncora do jornal simplesmente apresenta a notícia, sem qualquer inserção de imagem, ou *nota coberta*, quando o mesmo âncora dá a notícia e aparecem imagens ilustrando o que está sendo dito (Memória Globo, 2004).

Há ainda a *reportagem*, que também pode ser chamada de VT (videotape), que é a cobertura completa, com o âncora introduzindo um fato e um repórter seguindo na cobertura, amparado por recursos visuais. Inclusive, aparecendo no vídeo na maioria das vezes (Memória Globo, 2004).

Por conta da atipicidade da cobertura da pandemia, houve a inclusão de uma quarta categoria, *Boletim da covid-19*, que, como o nome sugere, é o boletim com os dados da pandemia no país. A fonte dos dados utilizados pode variar: a Record recorreu somente ao Ministério da Saúde, enquanto a Globo utilizou dados do Ministério da Saúde, do Consórcio de Veículos de Imprensa e, em alguns casos, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do jornal americano The New York Times, no qual se inspirou em algumas das análises que realizou com dados do Consórcio – isso mostra também como a cobertura da Globo se esforçou para apresentar panoramas mais amplos da pandemia, ao contrário da Record.

Gráfico 5 - Tipos de matérias explorados por ambos os telejornais



Fonte: Autoria própria.

Como o gráfico 5 mostra, a cobertura do Jornal Nacional sobre a pandemia foi bem mais aprofundada, já que o telejornal recorreu, o máximo possível, a explorar o formato que mais permite aprofundamento dos temas – e que ocupa maior tempo das edições do telejornal –, as Reportagens (VTs), enquanto que o Jornal da Record não hesitava em trazer informações importantes por meio de notas cobertas.

Outra característica importante desse gráfico é o uso dos Boletins da Covid-19. Enquanto a Record TV se limitava a exibir um boletim por dia, a TV Globo explorou o recurso massivamente, chegando a exibir, em diferentes dias, dois boletins por dia. Principalmente no final do mês, era comum que a emissora começasse as suas edições com uma versão simplificada do boletim, como se fosse uma nota pelada e focando na fala do âncora, e encerrasse com um boletim mais completo, que contava com, aproximadamente, seis gráficos e apresentação de um repórter especializado no panorama da pandemia.

### 3.4 Temáticas mais abordadas

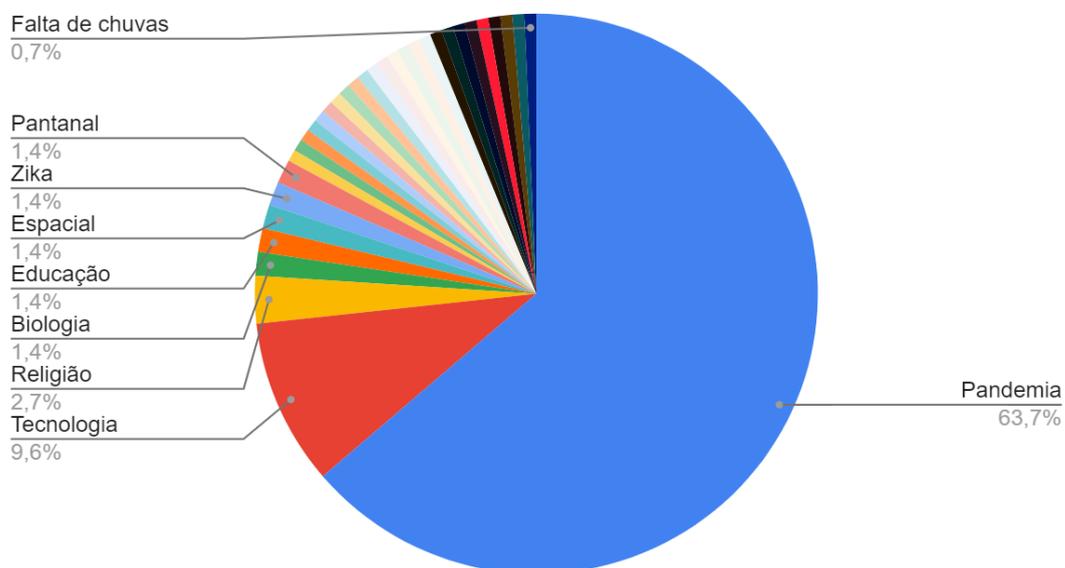
Por conta do período analisado, julho de 2020, esperava-se que a pandemia da

covid-19 fosse o tema mais recorrente da cobertura científica de ambos os telejornais, o que se concretizou.

No caso do Jornal da Record, como apresentado no Gráfico 6, o novo coronavírus foi tema de 63,7% das matérias, seguido por matérias sobre tecnologia (9,6%) e matérias religiosas (2,7%) – na série de reportagens que o telejornal produziu contra o fechamento de espaços religiosos na pandemia, 4 das 5 reportagens citaram dados e/ou utilizaram cientistas sociais para falar a importância da fé na sociedade.

Gráfico 6 - Temas abordados nas matérias científicas do Jornal da Record

### Temas das matérias científicas - JR



Fonte: Autoria própria.

Ao todo, o Jornal da Record explorou 33 temáticas por meio do jornalismo científico. A pandemia foi tema de 93 matérias, seguida pelas já citadas matérias sobre tecnologias (14), com ênfase a novos produtos e serviços, e as matérias religiosas (4).

Como foram muitos temas abordados – e a maioria abordados uma única vez – a ferramenta para elaboração de gráficos não consegue legendar todas as temáticas envolvidas. Por este motivo, optou-se em transcrever os temas no corpo do texto de análise, já que apenas a inclusão do gráfico não seria o suficiente para dar o panorama da cobertura realizada pela Record TV. Além dos três temas mais abordados (pandemia, tecnologia e religião), cinco temas apareceram em duas matérias. São eles: Biologia,

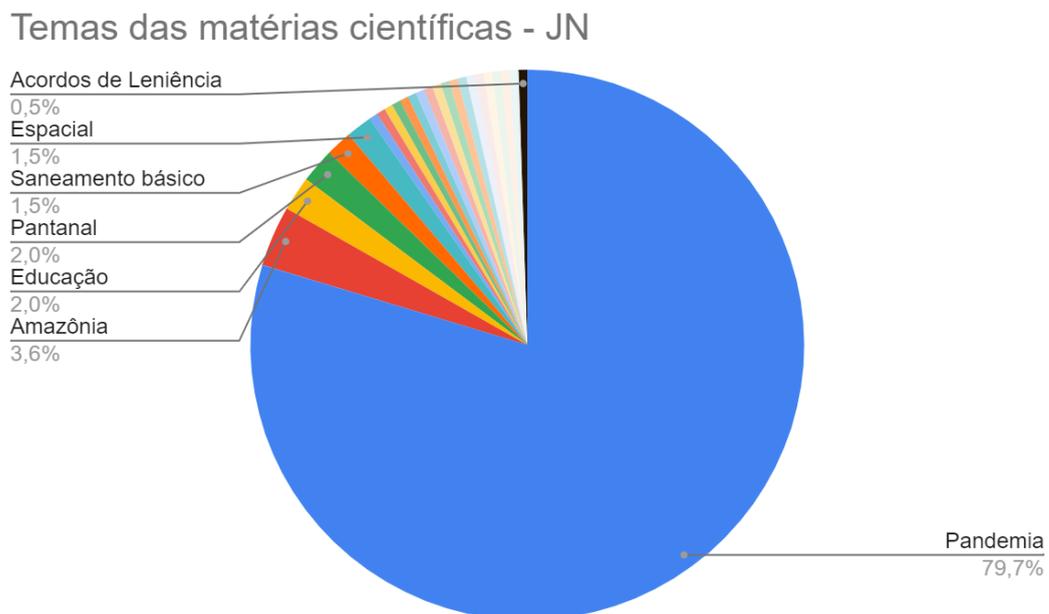
Educação, Ciência Espacial, Zika Vírus e Pantanal.

Outros 25 temas apareceram uma única vez: Abuso religioso, Aeronaves, Aids, Amazônia, Analfabetismo, Assédio às mulheres, Comércio, Cotas raciais, Doença do Coração, Eleições, Falta de chuvas, H1N2, História, HPV, Indústrias, Intolerância social, Método contraceptivo, Novo tipo de exame, Política, Procedimentos médicos, Química, Restauração, Resgate de animais, Saneamento básico e Tumores.

Por este tópico também é possível identificar a influência do Governo Federal nos temas abordados pelo telejornal, algo que se tornará mais visível na análise dos boletins da covid-19. Não coincidentemente, assuntos que o Governo Federal da época tentava minimizar ou abafar tiveram uma cobertura quase nula pelo Jornal da Record.

No período analisado, o Pantanal teve altos índices de queimadas, mas o Jornal da Record realizou apenas duas matérias científicas sobre o tema, o que corresponde a 1,4% da cobertura científica do telejornal. A Amazônia, que também viveu um grande período de queimadas, protagonizou apenas uma reportagem, o que corresponde a 0,7% da cobertura científica.

Gráfico 7 - Temas abordados nas matérias científicas do Jornal Nacional



Fonte: Autoria própria

Já no Jornal Nacional, não só a cobertura sobre a pandemia de covid-19 teve

maior destaque (79,7%), como as situações no Pantanal e na Amazônia figuram entre os temas de maior cobertura, como mostra o Gráfico 7.

A Amazônia foi o segundo tema mais abordado pelo Jornal Nacional, protagonizando 7 reportagens (o que representa 3,6% do total da cobertura científica). Em terceiro lugar estão a situação do Pantanal e a cobertura sobre Educação, ambos com 4 matérias (2%). Na época, se debatia também as dificuldades do ensino a distância por conta da pandemia, o que justifica a presença das pautas educacionais.

Dois temas pautaram 3 reportagens: Ciência Espacial e Saneamento básico. Outros 19 temas tiveram apenas uma matéria: 2 de julho na Bahia (a impossibilidade da comemoração dos festejos de independência do estado), Abandono educacional, Acordos de Leniência, Alzheimer, Aquecimento da Terra, Antártida, Comércio, Dengue, HIV, Homeoffice, Infodemia, Investigação antifascismo, Investimento em ciência, Medicamentos, Mercado de trabalho, Nuvem de gafanhotos, Reestruturação do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), Roubo de cloro e Vacinação.

O que é interessante analisar é que, de modo geral, o jornalismo científico televisivo está majoritariamente atrelado a demandas sociais. Ele é utilizado para falar de novas doenças e novos tratamentos, da situação da população sobre os direitos garantidos na Constituição Federal, como o acesso à educação e moradia de qualidade (tema explorado nas coberturas sobre saneamento básico), e também da situação do planeta e como isso reverbera nas ações humanas, dado as coberturas sobre as queimadas no Pantanal e na Amazônia, já citadas, mas também na reportagem especial realizada pelo Jornal Nacional sobre como o planeta Terra está ficando cada vez mais quente e como isso nos afeta como seres humanos e cidadãos.

Outro ponto interessante, e que mostra que o jornalismo científico pode ir além das questões de saúde e doença ou do jornalismo ambiental, temas que são mais frequentes, foi o seu uso recorrente em ambos os telejornais para embasar cenários econômicos. Dados foram usados e especialistas foram consultados para trazer as situações de empresas, indústrias, além de reflexões sobre o desemprego e medidas legais para o mercado de trabalho (principalmente em relação aos impactos ocorridos devido à pandemia).

Essa difusão de temas envolvendo as coberturas do Jornal Nacional e do Jornal

da Record só comprova a conceitualização de jornalismo científico utilizada nesta pesquisa: o jornalismo científico vai além das coberturas tradicionais de ciência e pode ser encaixado em qualquer temática de interesse da sociedade.

### **3.5 Boletins da covid-19**

Outro ponto importante da pesquisa são os boletins com dados da pandemia no país, que foram exibidos diariamente, tanto no Jornal Nacional quanto no Jornal da Record. A análise desses boletins também conseguiu apontar os interesses de ambos os produtos televisivos em conscientizar ou não seus telespectadores sobre o panorama da covid-19.

Começando com o Jornal da Record, cabe reforçar que a emissora, na época, era alinhada aos discursos do Governo Federal e de seu principal interlocutor, o então presidente Jair Messias Bolsonaro. Durante toda a sua gestão, Bolsonaro minimizou a pandemia ao máximo, indo contra as medidas de prevenção à covid-19 e até dificultando o acesso da imprensa aos dados oficiais de infectados e mortos no Brasil.

Por ser parceira do presidente em exercício – e, no mês analisado pela pesquisa, a emissora de TV aberta que recebia a maior parcela da verba publicitária federal – a Record TV não passou pela dificuldade que outros veículos e grupos de comunicação passaram, sobre não conseguir os números diários do Ministério da Saúde. Ao contrário, a emissora exibiu diariamente esses indicadores, usando somente a interpretação que a pasta ministerial disponibilizava à imprensa.

O boletim da covid-19 exibido diariamente no Jornal da Record era um boletim extremamente curto, com duração média de 30 a 40 segundos, em que a âncora do telejornal, a jornalista Christina Lemos, apenas mencionava os números que eram apresentados em um telão, sem qualquer interpretação.

Esse boletim apresentava cinco dados: o total de casos no país, o total de mortes no país, os últimos registros (nas últimas 24 horas), o total de recuperados e o total de casos em acompanhamento – e eram apresentados em duas telas.

Figura 2 - Primeira tela do boletim da covid-19 exibido no Jornal da Record



Fonte: Reprodução/Record TV.

O primeiro agravante do boletim exibido pelo Jornal da Record é que, numa definição simples, ele é um mero amontoado de números sem qualquer interpretação. A âncora tem o trabalho de apresentar os números relativos a cada tópico, sendo estes cada vez maiores, e os passa com rapidez. Quem se informou sobre a pandemia na Record não consegue, por esse boletim, saber qual a situação do país: se os casos estavam subindo ou caindo, se as mortes seguiram em alta, qual era a diferença do cenário brasileiro a cada 24 horas, entre outras questões.

Para se ter uma ideia, em 2020, cada ponto de audiência na TV aberta equivalia a 716.007 telespectadores, segundo o Painel Nacional de Televisão, pesquisa do Kantar Ibope que mede a audiência televisiva. Nesse mesmo ano, a Record TV teve média de audiência de 4,4 pontos, se consolidando no 2º lugar entre as emissoras abertas mais assistidas, ficando atrás apenas da TV Globo (Notícias da TV, 2020; Padiglione (2), 2020).

Na prática, isso significa que 3 milhões e 150 mil pessoas, em média, se informaram sobre a pandemia pela Record TV e, conseqüentemente, consumiram este boletim que não trazia informações consistentes sobre o andamento da emergência em saúde no Brasil.

E esse indicador pode ser pior se considerarmos que vivemos numa era digital, onde o consumo dos programas de televisão não são somente ao vivo e muitos são disponibilizados online. No caso do Jornal da Record, ele possui um canal próprio no

YouTube que contava, até o fechamento desta pesquisa, com 3,8 milhões de inscritos (Jornal da Record, 2023).

É importante destacar também que a estimativa acima foi feita considerando-se a média de audiência da Record TV, mas que existem notícias que afirmam que o Jornal da Record em 2020 possuía audiência média de 7,5 pontos, ou seja, maior do que a média da emissora (Dracz, 2022). Isso significa, na prática, que o telejornal teve audiência de 5 milhões e 370 mil pessoas. Como as notícias que falam sobre a audiência do telejornal foram publicadas em portais com credibilidade comprometida por trazerem, por vezes, notícias com caráter muito publicitário ou institucional a favor da Record, optou-se, neste estudo, em dar enfoque à média de audiência da emissora, divulgada diretamente pelo Kantar Ibope.

Para não dizer que não houve análises dos números da pandemia pelo Jornal da Record, no dia 09 de julho, a âncora diz que “os números são altos, mas se mantêm estáveis”, numa tentativa explícita de minimizar a situação; e no dia 16, o programa começa destacando que o Brasil havia chegado aos 2 milhões de casos da covid-19, mas não houve qualquer tom alarmante desse resultado quando o boletim foi apresentado.

Figura 3 - Segunda tela do boletim da covid-19 exibido no Jornal da Record



Fonte: Reprodução/Record TV.

Na segunda tela do boletim exibido pelo Jornal da Record há o segundo agravante: a apresentação do total de pessoas que se recuperaram da covid-19. A apresentação desse dado de recuperados corresponde a uma estratégia que o Governo Federal adotou na época, chamada de “Placar da Vida”, onde, nas redes sociais e no site

do Ministério da Saúde, eram divulgados e destacados os números de pessoas recuperadas.

Essa estratégia foi criada pela Secretaria de Comunicação Social (Secom) no dia 27 de abril de 2020, a pedido do ministro da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos, que reclamou que a cobertura jornalística sobre a pandemia era focada em “caixão, corpo e número de mortes”, e se resumia em uma “maciça divulgação desses fatos negativos” (Lemos, 2020, s/p).

Em maio de 2020, o portal BBC Brasil fez uma reportagem criticando a divulgação dos dados de pessoas recuperadas e os cientistas consultados foram categóricos ao dizerem que essa estratégia estimulava o negacionismo em relação à covid-19, já que não dava a real dimensão da pandemia no país, e ainda transmitia uma falsa ideia de que o cenário brasileiro estava melhorando (Lemos, 2020). É exatamente a mesma mensagem passada pelo Jornal da Record.

Cabe destacar: essa mensagem foi transmitida diariamente a, pelo menos, 3 milhões de pessoas. Uma mensagem que não trazia interpretações dos números apresentados, não dava a real dimensão crescente da pandemia no Brasil e que, no seu final, ainda tentava passar um ar de otimismo sem qualquer embasamento científico.

Trazendo essa análise para o campo ético, no ano 2000, o jornalista e pesquisador Eugênio Bucci escreveu a obra *Sobre Ética e Imprensa*. Utilizando o exemplo da TV Globo no período das Diretas Já, quando a emissora exibiu cenas de uma manifestação em 1984 que pedia eleições para a Presidência da República e o Jornal Nacional distorceu o fato, alegando que se tratava de uma comemoração pelo aniversário da cidade de São Paulo, o pesquisador é categórico – a imprensa se move por interesses políticos (Bucci, 2000).

Na prática, significa que a imprensa brasileira toma decisões que passam por cima do seu objetivo principal, que é informar o cidadão. O cidadão tem o direito à informação, até para saber como agir mediante à apresentação dos fatos. A partir do momento em que um meio de comunicação distorce uma informação por conta da relação de poder que possui, ele toma uma postura extremamente contrária à ética do jornalismo e ao direito do cidadão (Bucci, 2000). Exatamente o que foi feito pela Record TV em seu boletim sobre a covid-19. E é o que Bucci questiona:

O que interessa saber é de que lado têm permanecido as emissoras de televisão: se ficam do lado do direito à informação ou do lado das conveniências comerciais e políticas que exigem sacrifício da ética. Como regra, elas têm preferido a segunda alternativa. Eticamente, portanto, agem de forma condenável (Bucci, 2000, p. 34).

Essa situação é ainda mais grave se lembrarmos que as emissoras de televisão aberta, como Globo e Record, só estão no ar por meio de autorização do Governo Federal. Como explica Bucci (2000), as frequências televisivas, ou seja, os espaços que são ocupados pelas emissoras e cuja programação é transmitida nacionalmente, são pertencentes ao povo. O Estado, em nome do povo, concede esses espaços à iniciativa privada. Isso reforça ainda mais o comprometimento que essas emissoras precisam ter com as informações que veiculam. O autor ainda complementa que, dado este panorama, “o cidadão tem legitimidade para exigir que essa exploração comercial [Governo Federal x emissoras públicas] não o desrespeite” (p. 35).

Seguindo para a análise do boletim da TV Globo, é importante mencionar que a emissora criou e utilizou três tipos diferentes de boletins para apresentar os dados da covid-19 no Brasil. Os dois primeiros, mais simples, foram usados diariamente até a data de 9 de julho, quando a emissora anunciou sua nova forma de apresentar os indicadores da pandemia.

Preferencialmente, a emissora utilizou os dados do Consórcio de Veículos de Imprensa. Anunciado no dia 8 de junho de 2020, o Consórcio foi uma parceria entre os veículos O Estado de S. Paulo, Extra, Folha de S. Paulo, O Globo, G1 e UOL para que, em conjunto, suas redações conseguissem mapear a situação da pandemia de covid-19 no país (Folha, 2020). Na prática, os repórteres das respectivas redações se dividiram para acionar os governos estaduais e, assim, montarem o próprio indicador do coronavírus, contendo o total de casos, o número de casos por dia, recortes regionais, entre outras informações.

O Consórcio foi estruturado por conta de uma série de ações que o Governo Federal fez na época para dificultar o acesso às informações sobre a pandemia no país. Por exemplo, o boletim do Ministério da Saúde que contabilizava o total de casos e mortes no país por conta da covid-19 era divulgado às 17h quando a pasta ministerial era comandada por Luiz Henrique Mandetta – até o dia 17 de abril –, mas,

posteriormente, seu horário de divulgação foi alterado para às 19h e, por fim, às 22h, o que inviabilizou o uso dessa informação nos telejornais e jornais impressos.

Essa medida foi realizada de propósito pelo Governo Federal, visto que, ao anunciar a mudança de horário do boletim para às 22h, o então presidente Jair Bolsonaro comemorou em seu Twitter: “Acabou matéria no Jornal Nacional” (Folha, 2020).

Como o Consórcio de Veículos de Imprensa foi anunciado em junho de 2020, esta pesquisa conseguiu pegar seus primeiros dias de atividade e suas mudanças metodológicas. Os primeiros boletins exibidos pelo Jornal Nacional que utilizaram os dados do Consórcio possuíam estrutura similar aos boletins do Jornal da Record, mas sem a exibição dos dados de recuperados:

Figura 4 - Primeiro tipo de boletim de dados da covid-19 exibido no Jornal Nacional



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Apesar deste boletim ter as mesmas características simplistas do boletim do Jornal da Record, em que não é possível visualizar um panorama da pandemia e se limitando à noticiabilidade de números, o Jornal Nacional teve atitudes diferentes para complementar as informações que veiculava.

O boletim, normalmente, era acompanhado por demais matérias que trouxessem o estado (mais ou menos grave) da pandemia, como declarações da OMS (Organização Mundial de Saúde) e matérias sobre lotação de leitos de UTI em cidades e estados. Além disso, enquanto esse boletim costumava abrir as edições do Jornal Nacional, um

segundo boletim era apresentado em blocos seguintes, com os dados do Ministério da Saúde.

Por conta das dificuldades colocadas pelo Governo Federal para disponibilizar os dados, já narradas nesta pesquisa, não havia periodicidade quanto ao uso dos dados do Ministério da Saúde pelo Jornal Nacional, que se pautou por muitas edições somente pelos dados do Consórcio de Veículos de Imprensa. Quando a metodologia elaborada pelo Consórcio foi aprofundada, o que resultou em um boletim mais detalhado – a ser apresentado em breve – este boletim do Ministério da Saúde parou de ser exibido.

Figura 5 - Segundo tipo de boletim de dados da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com dados do Ministério da Saúde



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Como a figura 4 mostra, este boletim chega a ser mais simples do que o boletim anterior, com um dos âncoras do telejornal creditando o Ministério da Saúde em sua fala e trazendo os números em uma caixa de texto pequena. Por ser exibido no meio do telejornal, ele não tem toda a contextualização do boletim anterior, e sua duração média é de 5 segundos, já que são apenas falados os dados.

No dia 9 de julho de 2020 há a grande mudança na apresentação dos dados da pandemia pelo Jornal Nacional. É a partir dessa data que o programa ganha um novo tipo de boletim, bem mais detalhado, e para de exibir o boletim listado acima, com os dados do Ministério da Saúde – o telejornal segue mencionando os dados da pasta ministerial eventualmente, em algumas reportagens.

Para apresentar o novo boletim e a metodologia científica utilizada, o Jornal Nacional fez uma reportagem especial introduzindo a nova dinâmica de apresentação dos dados:

“A partir de hoje, o Jornal Nacional vai divulgar um indicador utilizado por diversos veículos da imprensa internacional, a chamada média móvel. Para calcular essa média, os especialistas em dados somam o número de mortes ou casos nos últimos sete dias e dividem o resultado por sete. Por exemplo, o total de mortes no estado de São Paulo na primeira semana de julho foi de 1.712, dividindo por sete, chegamos ao número médio de 245 mortes por dia neste período. Quando a gente acompanha a variação dessa média ao longo do tempo, é como se em vez de um retrato de um instante, a gente tivesse um vídeo da evolução da pandemia, o que ajuda a compreender melhor o comportamento da doença. Segundo os infectologistas, um indicador mais fácil e mais preciso para entender os rumos da covid-19 no país”, explicou o repórter Alan Severiano.

Figura 6 - Reportagem do Jornal Nacional explicando a nova metodologia de apresentação dos dados da covid-19, a média móvel



Fonte: Reprodução/TV Globo.

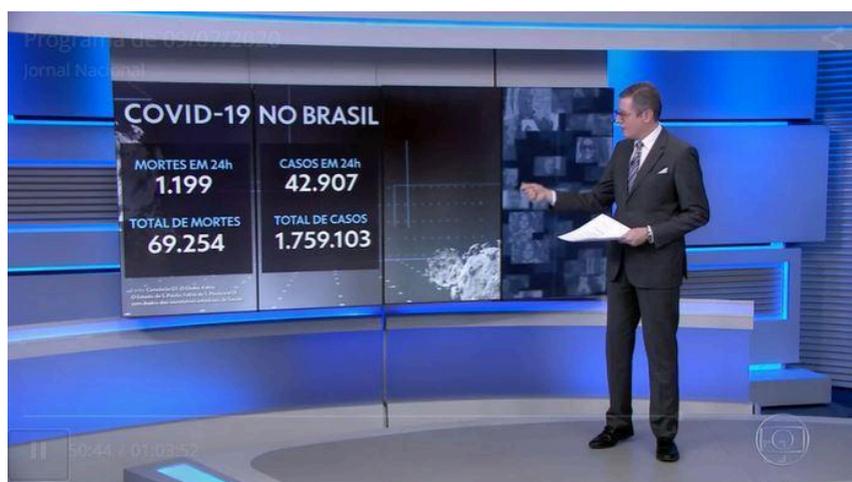
Essa movimentação do Jornal Nacional de, juntamente com outros veículos, criar um novo indicador para apresentar os dados da covid-19 no Brasil, consultar especialistas e modelos internacionais para desenvolver uma metodologia que pudesse dar um melhor panorama da doença no país (como exemplifica a fala de Severiano transcrita acima) e, principalmente, desenvolver uma reportagem e um discurso para

explicar a metodologia de forma didática ao seu público são elementos que mostram a preocupação do telejornal em noticiar adequadamente a situação da pandemia.

O boletim detalhado possuía quatro gráficos principais: o total de mortes e de casos, dados que já estavam presentes nos boletins anteriores, a média móvel de casos no país, a média móvel de óbitos no país e a situação dos estados. Além desses gráficos, a cada edição, o boletim destacava alguns estados, que estavam em altas ou quedas. Esse boletim tinha duração entre 6 a 10 minutos.

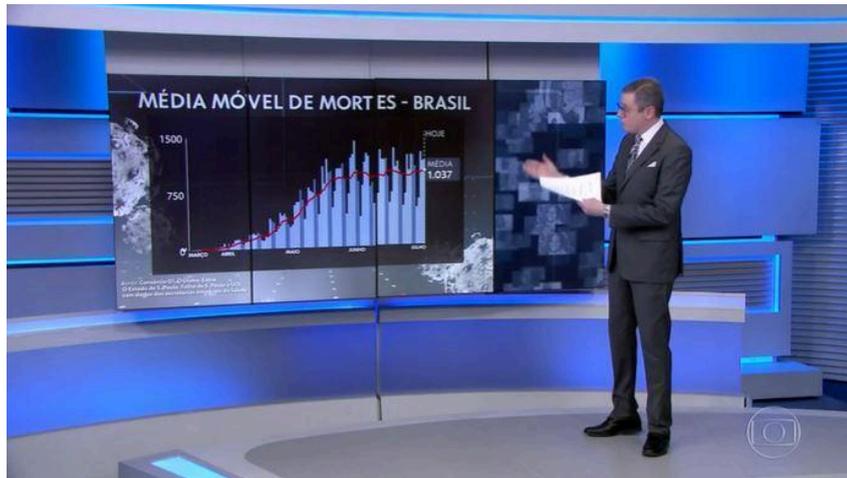
O novo boletim elaborado pelo Jornal Nacional foi apresentado na maioria das vezes pelo jornalista Márcio Gomes que, nos primeiros meses de pandemia, apresentou o programa Combate ao Coronavírus, quando a TV Globo retirou programas de entretenimento e intensificou a cobertura jornalística.

Figura 7 - Primeira tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com o panorama geral da pandemia no país



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Figura 8 - Segunda tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com a média móvel de mortes



Fonte: Reprodução/ TV Globo.

Figura 9 - Terceira tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com a média móvel de mortes



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Figura 10 - Quarta tela do novo boletim da covid-19 exibido no Jornal Nacional, com a situação dos estados



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Apesar do novo boletim representar um crescimento no tempo dedicado aos dados da covid-19, já que os outros tipos de boletins exibidos pela TV Globo não tinham mais do que um minuto de duração, no decorrer do mês de julho foi identificada uma redução do tempo ocupado por ele. Se na primeira semana de exibição não era raro que o boletim durasse aproximadamente 10 minutos, na última semana, ele já havia perdido mais de 1/3 de seu tamanho, tendo duração média de 5 a 6 minutos.

Essa redução de tempo não foi exclusividade dos boletins, mas esteve presente em toda a cobertura da pandemia pelo Jornal Nacional, como foi identificado pelo colunista do portal UOL, Maurício Stycer. Analisando a última semana de julho de 2020 e a primeira de agosto, o colunista percebeu que o tempo ocupado pelas reportagens acerca da covid-19 caiu, em uma semana, de 30 minutos para 10 minutos (Stycer, 2020).

É possível interpretar que essa redução foi consequência da saturação do público sobre a temática da covid-19, a própria TV Globo já havia identificado quedas de audiência na programação sobre a pandemia em meses anteriores.

Em maio de 2020, o programa Combate ao Coronavírus saiu do ar e seu espaço voltou a ser ocupado pelo programa de entretenimento Encontro com Fátima Bernardes. Mesmo não afirmando que a retirada do programa foi por questões de audiência, o

Combate ao Coronavírus atingiu, em seu primeiro mês, março, 12 pontos de audiência, mas já no segundo esse número havia caído para 8 (Volpato, 2020).

No mês de junho de 2021, o portal Notícias da TV teve acesso a um comparativo dos dados de audiência do Jornal Nacional ao longo dos anos, produzido pelo Painel Nacional de Televisão (PNT), pesquisa do Kantar Ibope. Nele, é possível visualizar a queda de audiência que o JN teve durante a pandemia. Em 2020, a média de audiência do telejornal da Globo foi de 27,8 pontos, o que representa 0,2 a menos do que em 2019, quando o programa teve média de 28 pontos. Apesar de não consolidar os dados de 2021, já que esses resultados foram divulgados no meio daquele ano, os dados prévios mostraram que a audiência do JN cairia ainda mais, chegando a 25,5 pontos (Andrade, 2021).

Isso significa que, apesar da televisão brasileira ter atingido em 2020 as maiores audiências dos últimos cinco anos (Padiglione, 2021), essas audiências foram picos, e que, na média geral, houve sim uma fuga da população das informações sobre a covid-19 com o passar dos dias.

Entretanto, saindo da questão da audiência e considerando a linha do tempo da cobertura da pandemia pela TV Globo, ela mostrou que, mesmo que involuntariamente, a emissora seguiu uma das principais recomendações dos pesquisadores sobre a elaboração de um bom jornalismo científico. Não coincidentemente, tanto o extinto programa Combate ao Coronavírus quanto o boletim analítico com dados da pandemia exibido no Jornal Nacional foram comandados pelo mesmo jornalista, Márcio Gomes. Ao manter um mesmo profissional em produtos importantes da cobertura científica na pandemia, a emissora possibilitou uma especialização do jornalista sobre o tema, o que refletiu diretamente na qualidade da informação que foi passada ao telespectador.

Como explica a professora Fabíola de Oliveira (1982), é importante a existência de jornalistas especializados em determinadas temáticas da ciência, “pois eles são os únicos profissionais que podem traduzir, em linguagem coloquial, a difícil linguagem (pelo menos para os leigos) dos cientistas” (p. 110-111).

### 3.6 Visibilidade das matérias

Um dos principais pontos que a obra de Fabíola de Oliveira (2002) sobre o jornalismo científico brasileiro traz é que as reportagens científicas não são colocadas como reportagens de destaque dentro dos veículos e/ou programas que as veiculam. Essa é uma das percepções trazidas por Fabíola de Oliveira em sua obra *Jornalismo Científico*, de 2002. Para saber se esse panorama se manteve durante a pandemia de covid-19, esta pesquisa analisou se as matérias científicas exibidas no *Jornal Nacional* e no *Jornal da Record* ocuparam posições de destaque nas edições dos telejornais.

No telejornalismo, uma matéria é destaque quando ela é anunciada na escalada do telejornal. A escalada são as manchetes ou chamadas principais do jornalismo televisivo. No começo de cada edição, os âncoras falam, em frases curtas de efeito, o que será exibido, de modo a atrair a atenção do telespectador. Entretanto, não há tempo para abordar tudo o que será transmitido, então cabe à produção do telejornal selecionar os principais temas e colocá-los na abertura (Paternostro, 1999; Moraes, 2015, 2022).

Além da escalada, outro espaço em que são colocadas as matérias de destaque é no final de cada bloco, onde um âncora anuncia o que será exibido no bloco seguinte, após o intervalo comercial, com a intenção de reter a audiência até o final do telejornal.

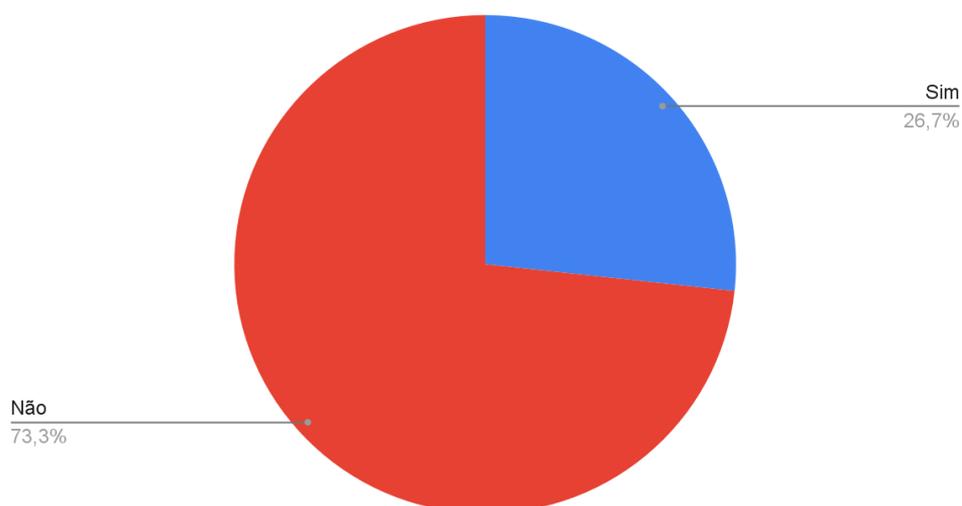
Para analisar se a constatação de Oliveira (2002) sobre o jornalismo científico não ter destaque seguiu durante a pandemia de covid-19, esta pesquisa analisou se matérias científicas identificadas nos dois telejornais foram anunciadas na escalada ou na chamada para o bloco seguinte.

Analisar o espaço das matérias dentro dos telejornais é compreender se o jornalismo científico é visto como fator de importância nas redações televisivas, ou visto também como um artifício engajador de audiência. Nesse aspecto, os telejornais analisados tiveram comportamentos editoriais extremamente diferentes.

No caso do *Jornal da Record*, como apresentado no Gráfico 8, das 146 matérias científicas exibidas no período, apenas 39 foram incluídas na escalada ou no final do bloco, o que representa 26,7% do total do jornalismo científico produzido e veiculado pela emissora.

Gráfico 8 - Mapeamento das matérias que foram destaques no Jornal da Record

## A matéria foi anunciada como destaque da edição? - JR

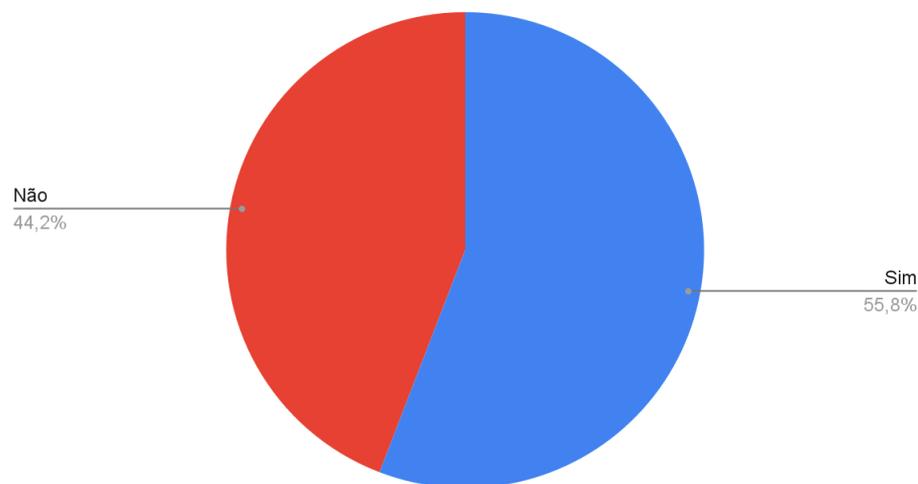


Fonte: Autoria própria.

Pode-se dizer que a ausência de destaque às matérias científicas na Record TV reflete a característica da emissora em repercutir o mínimo possível do panorama da covid-19, já que este foi o principal tema da cobertura científica no período analisado. Esse posicionamento, inclusive, é equivalente ao posicionamento do Governo Federal na época, de tentar abafar ou minimizar o panorama da pandemia no Brasil – sendo o Governo Federal um dos principais anunciantes da emissora no período analisado por esta pesquisa.

Gráfico 9 - Mapeamento das matérias que foram destaques no Jornal Nacional

A matéria foi anunciada como destaque da edição? - JN



Fonte: Autoria própria.

Já no caso do Jornal Nacional (Gráfico 9), das 197 matérias científicas exibidas no período analisado, 110 (55,8%) ganharam destaque na abertura do telejornal ou no final dos blocos. Se compararmos com o Jornal da Record, este número corresponde a, aproximadamente, três vezes mais destaque do que o obtido pelas matérias científicas no Jornal da Record.

Entretanto, apesar de ser um panorama positivo, quase metade das matérias científicas exibidas pelo Jornal Nacional não tiveram chamadas de destaque (44,2%), o que é um grande número, principalmente considerando que esse cenário é dentro de um contexto em que a ciência ocupava espaço majoritário na imprensa por conta da pandemia de covid-19.

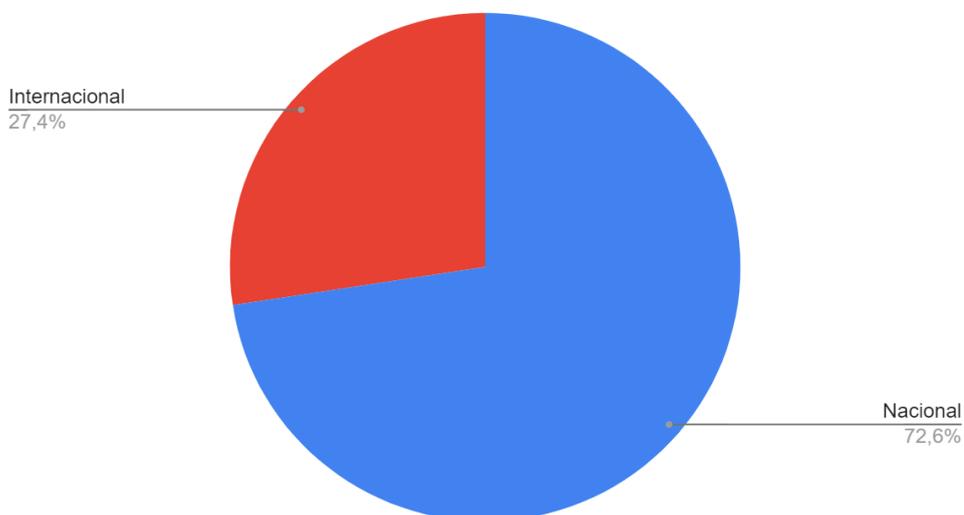
### 3.7 Notícias nacionais x internacionais

Outra percepção trazida por Fabíola de Oliveira (2002) em sua obra é que o jornalismo científico brasileiro tende a cobrir mais pautas internacionais do que as temáticas científicas do próprio país. Por este motivo, a pesquisa também tabulou se as matérias científicas produzidas no período da pandemia pelo Jornal Nacional e pelo Jornal da Record repetiram este comportamento.

Apesar do período da pandemia de covid-19 trazer dados ou informações sobre grandes instituições internacionais no cotidiano das coberturas jornalísticas do Brasil, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) ou empresas que viriam a desenvolver vacinas, como Pfizer e Astrazeneca, no período analisado, os fatos e acontecimentos do país tiveram mais do que o dobro do espaço que a repercussão internacional em ambos os telejornais.

Gráfico 10 - Comparativo entre matérias nacionais e internacionais no Jornal da Record

#### Notícias nacionais x internacionais - JR

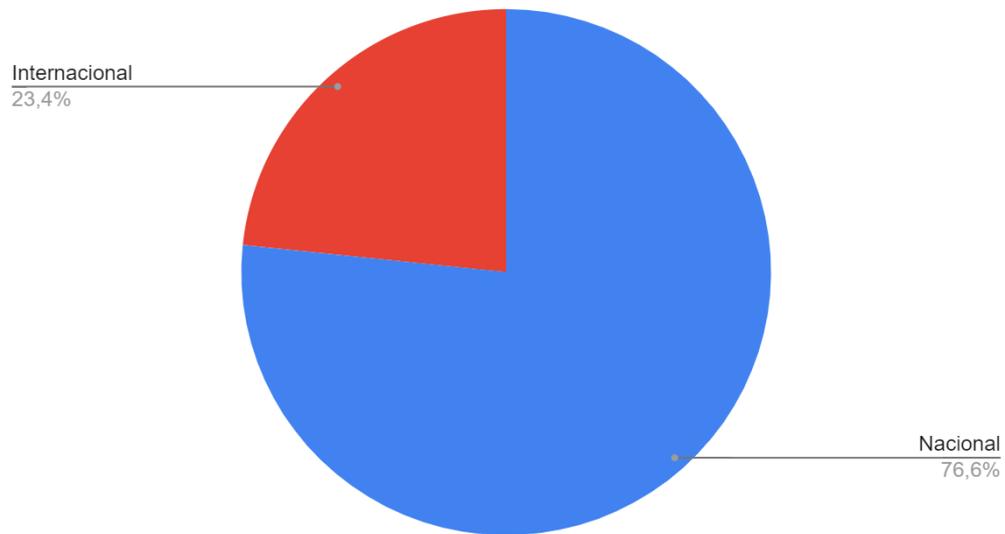


Fonte: Autoria própria.

No caso do Jornal Nacional, apesar da porcentagem ser próxima à apresentada no Jornal da Record (76,6% e 72,6%, respectivamente), se considerarmos a quantidade de matérias produzidas, a cobertura brasileira chegou a ser três vezes maior do que a cobertura global (151 matérias nacionais e 46 internacionais).

Gráfico 11 - Comparativo entre matérias nacionais e internacionais no Jornal Nacional

## Notícias nacionais x internacionais - JN



Fonte: Autoria própria.

Analisar o espaço ocupado pelas notícias nacionais e internacionais é importante porque uma cobertura mais local, além de atender as demandas específicas da pandemia no Brasil, também representou maior presença de fontes (entrevistados) e instituições brasileiras dentro do jornalismo científico, que, conforme aponta Oliveira (2002), em contextos gerais, tende a priorizar mais especialistas e dados internacionais do que os nacionais.

### 3.8 Dados utilizados pelos telejornais

Como explicado no item anterior, a obra de Fabíola de Oliveira (2002) defende que um dos principais problemas do jornalismo científico brasileiro é a apresentação de temas majoritariamente internacionais. Isso significa não só que as coberturas em si trazem mais fatos internacionais e muita divulgação de pesquisas e artigos produzidos internacionalmente, mas que esse jornalismo tende a priorizar bases de dados e entrevistados de fora do país.

Sabendo que a pandemia da covid-19 foi, ao mesmo tempo, um factuel global, mas com especificidades de cada região, a pesquisa buscou identificar se essa priorização de fontes internacionais se manteve presente no período analisado.

A teoria do jornalismo tende a agrupar diferentes tipos de fontes de informações em uma mesma terminologia, *fontes*. Na obra de Paternostro (1999), fontes de informação podem ser “pessoa, organismo, documento, instituição que transmite informações ao repórter para elaboração de uma notícia” (p. 143). Essa é uma definição similar à apresentada no Manual de Redação da Folha de S. Paulo (2021), que define fontes como tudo que fornece informações ao jornal, e complementa: “pode ser pessoa, documento, áudio, vídeo etc” (p. 104).

De modo a proporcionar uma análise mais detalhada das informações exibidas pelos telejornais, esta pesquisa optou em dividir as fontes utilizadas em duas definições. A primeira, *dados*, refere-se às informações retiradas de documentos, pesquisas ou análises de instituições. Já a segunda, *entrevistados*, refere-se às pessoas que participaram das matérias, fontes humanas diretas que embasaram as informações dos telejornais.

Ao fazer o recorte por fontes humanas e não-humanas, esta pesquisa consegue aprofundamentos diferenciados. Por exemplo, no caso das fontes humanas, saber quais cargos foram mais creditados, quais tipos de especialistas falaram mais, entre outros temas. Essa divisão de fontes é similar a realizada por Bueno (2022) em sua obra, que coloca as fontes humanas como fontes testemunhais, e as não-humanas, documentais. Conforme define o autor, sobre as fontes não-humanas:

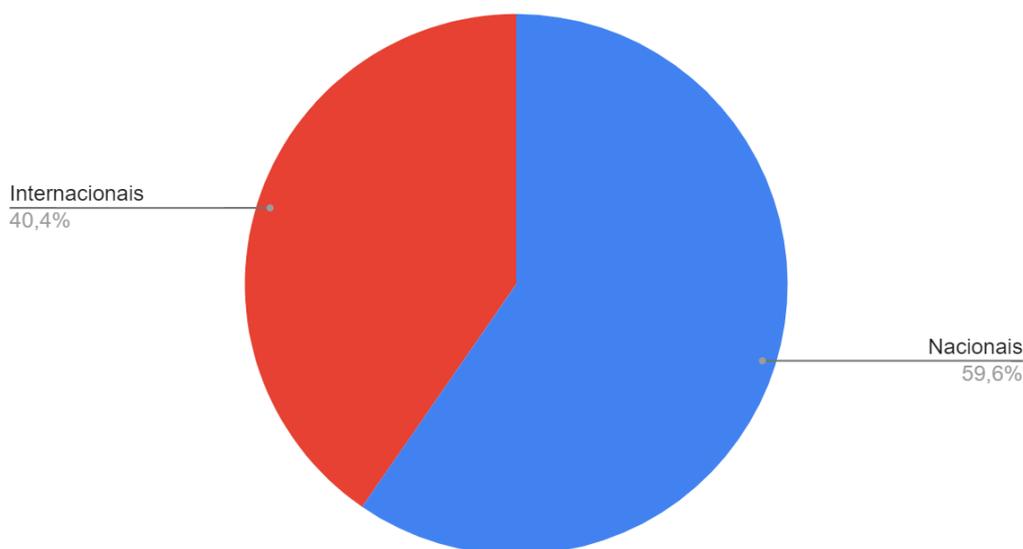
As fontes documentais, na classificação aqui empreendida,

incorporam uma série de possibilidades, como anais de congressos técnico-científicos, periódicos especializados, relatórios consubstanciados, dissertações e teses, relatórios de pesquisa, documentos oficiais de políticas públicas, textos, materiais e artigos inseridos em várias mídias ou ambientes (jornais e revistas especializados, portais e sites) (Bueno, 2022, p. 24).

Partindo para a análise de dados, ou seja, as fontes não-humanas, o Jornal da Record utilizou dados de 52 fontes diferentes, entre universidades, centros de pesquisa, órgãos governamentais, e outros. Dessa divisão, 31 dados vieram de fontes nacionais e 21 de fontes internacionais.

Gráfico 12 - Origem dos dados utilizados pelo Jornal da Record

#### Origem dos dados - JR



Fonte: Autoria própria.

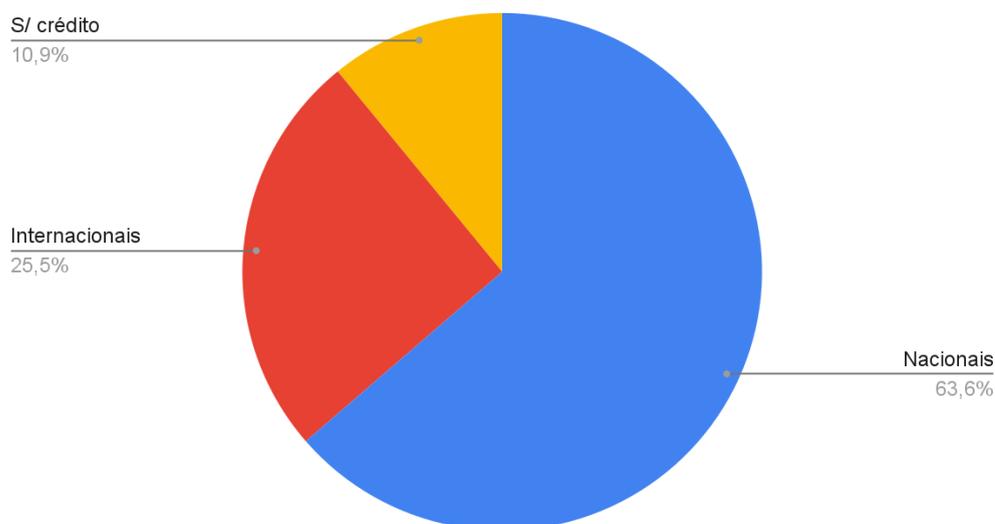
Como o levantamento já havia identificado que o Jornal da Record cobriu mais temas nacionais do que internacionais, esperava-se que isso influenciasse na escolha dos dados selecionados para embasar as reportagens, o que realmente ocorreu.

Outro ponto que cabe destacar é que uma mesma fonte de dados pode aparecer em mais de uma reportagem. Por exemplo, no caso do Jornal da Record, a instituição que mais pautou matérias do telejornal, o Ministério da Saúde, teve diferentes dados apresentados 32 vezes.

Nesse sentido, apesar do Jornal da Record ter recorrido a 52 fontes de dados diferentes, ao todo, suas matérias utilizaram 110 dados, muitos oriundos das mesmas instituições. Desse total de dados apresentados, 70 vieram de instituições nacionais e 28, de bases internacionais.

Gráfico 13 - Análise do total de dados utilizados nas reportagens do Jornal da Record, divididos por localização (nacionais ou internacionais)

#### Total de dados utilizados - JR



Fonte: Autoria própria.

Um agravante identificado nessa análise dos dados é que 10,9% dos que foram apresentados pelo Jornal da Record não foram creditados, ou seja, não houve qualquer explicação de onde saíram as informações. Nesse sentido, os telejornais podem creditar a origem das informações que utilizam de duas formas: por meio de recursos gráficos, colocando o nome da instituição em uma inserção visual, ou citando o nome da fonte na fala do jornalista. Um dado foi considerado como “sem fonte” se não houve alguma explicação sobre sua origem.

Nesse sentido, pode-se dizer que tanto o Jornal da Record quanto o Jornal Nacional, cujo número de fontes sem crédito será apresentado em breve, agiram contra princípios básicos do exercício do jornalismo, que é apresentar a origem das informações que veiculam. Esse aspecto é estritamente ligado à credibilidade dessas informações.

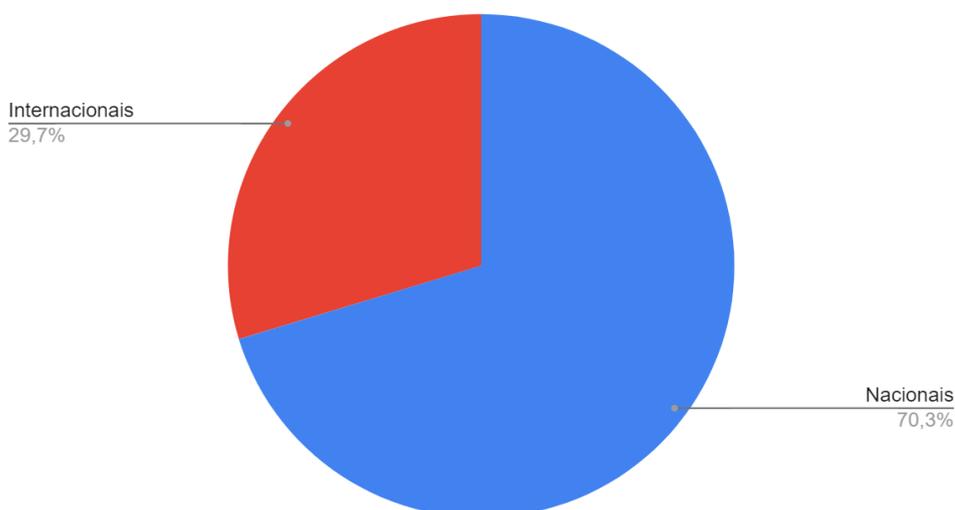
Apesar de se dedicar especificamente ao jornalismo impresso, o Manual da Redação da Folha de S. Paulo é uma referência ao exercício do jornalismo e traz a importância da clareza das informações. Como afirma a publicação: “toda fonte de informação deve ser tratada com polidez e transparência” (Folha de S. Paulo, 2021, p. 45).

Retornando à análise, o Jornal Nacional utilizou, em toda a sua cobertura, dados de 101 fontes diferentes, o que representa quase o dobro da quantidade de fontes de dados consultadas pelo telejornal da Record TV. Essa discrepância também aponta como o programa jornalístico da TV Globo buscou, sempre que possível, embasar as informações que veiculava, normalmente recorrendo a mais de uma fonte em cada matéria.

Sobre o recorte regional e global, das 101 fontes creditadas, 70 são de origens nacionais (o que corresponde a 70,3% do total) e 30 (29,7%), internacionais.

Gráfico 14 - Origem dos dados utilizados pelo Jornal Nacional

#### Origem dos dados - JN



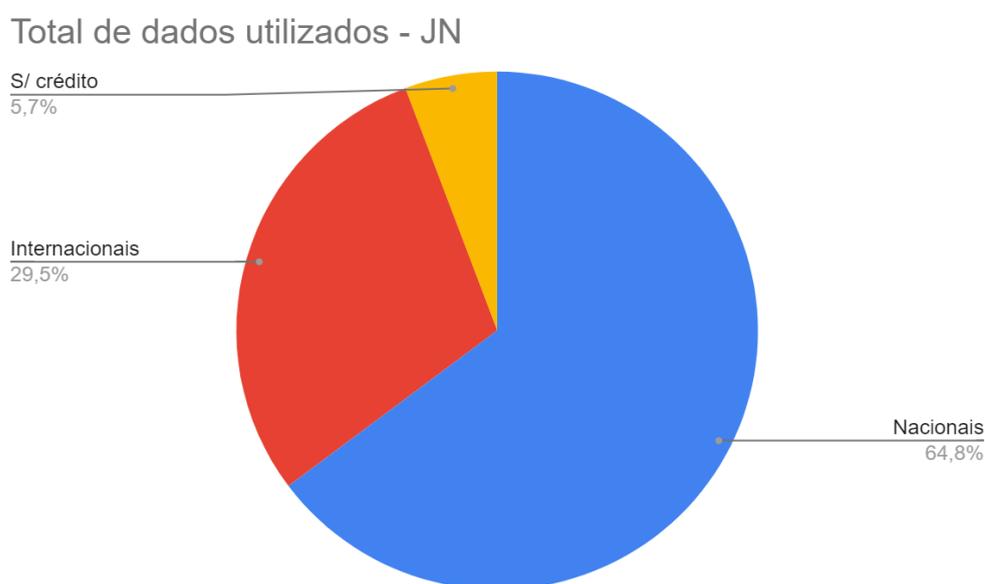
Fonte: Autoria própria.

Não só este dado mostra uma realidade diferente da mencionada na obra de Oliveira (2002) como, além de priorizar dados de produção brasileira, o Jornal Nacional destinou mais do que o dobro do espaço dado às informações internacionais para conhecimentos produzidos no Brasil.

Como explicado na análise dos dados utilizados pelo Jornal da Record, uma mesma fonte de informações pode embasar diversas matérias. No caso do Jornal Nacional, por exemplo, o Consórcio de Veículos de Imprensa foi quem forneceu mais dados, ilustrando 40 matérias.

Ao todo, o Jornal Nacional utilizou 244 dados, sendo 158 nacionais e 72 internacionais.

Gráfico 15 - Análise do total de dados utilizados nas reportagens do Jornal Nacional, divididos por localização (nacionais ou internacionais)



Fonte: Autoria própria.

Assim como no Jornal da Record, o Jornal Nacional também apresentou uma quantidade considerável de matérias em que os dados não foram creditados (5,7%). Como afirmado anteriormente, ao não creditar adequadamente as informações, o telejornal dá margem para que a veracidade da informação seja questionada.

### **3.8.1 Categorias mais consultadas**

Ainda sobre o diagnóstico do jornalismo científico brasileiro apresentado por Fabíola de Oliveira, a especialista alega que, além de ser majoritariamente internacional,

quando se dedica à cobertura nacional, esse jornalismo tende a priorizar fontes governamentais. Isso faz com que o jornalismo científico do país seja, majoritariamente, a reprodução de discursos de governos, sem trazer panoramas mais complexos e outras visões (Oliveira, 2002).

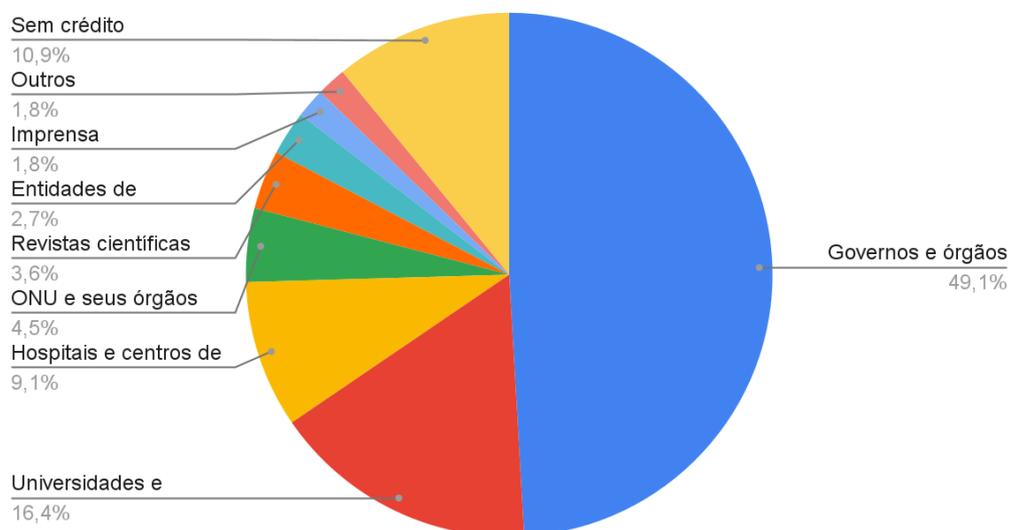
Para a autora, essa falta de profundidade do jornalismo científico brasileiro resulta em uma produção incipiente, um jornalismo científico que “mal saiu da fase romântica”, o que compromete a sua capacidade de análise e a apresentação de contrapontos, como praticado em outras áreas jornalísticas, como a cobertura de política e economia (Oliveira, 2002, p. 40).

De modo a averiguar se o jornalismo científico produzido na pandemia de covid-19 reproduziu esses comportamentos institucionais, este estudo também contabilizou a quantidade de dados utilizados pelos telejornais e, por meio das entidades responsáveis por cada dado, criou-se categorias que pudessem mensurar a origem das informações.

Para isso, a pesquisa dividiu os dados creditados nas matérias em 7 categorias: Universidades e instituições de ensino; Hospitais e centros de pesquisa; ONU e seus órgãos; Revistas científicas; Entidades de categorias sociais e trabalhistas; Governos e órgãos; Imprensa e Outros.

Gráfico 16 - Categorização das origens dos dados que aparecem no Jornal da Record

## Origem dos dados (por categorias) - JR



Fonte: Autoria própria.

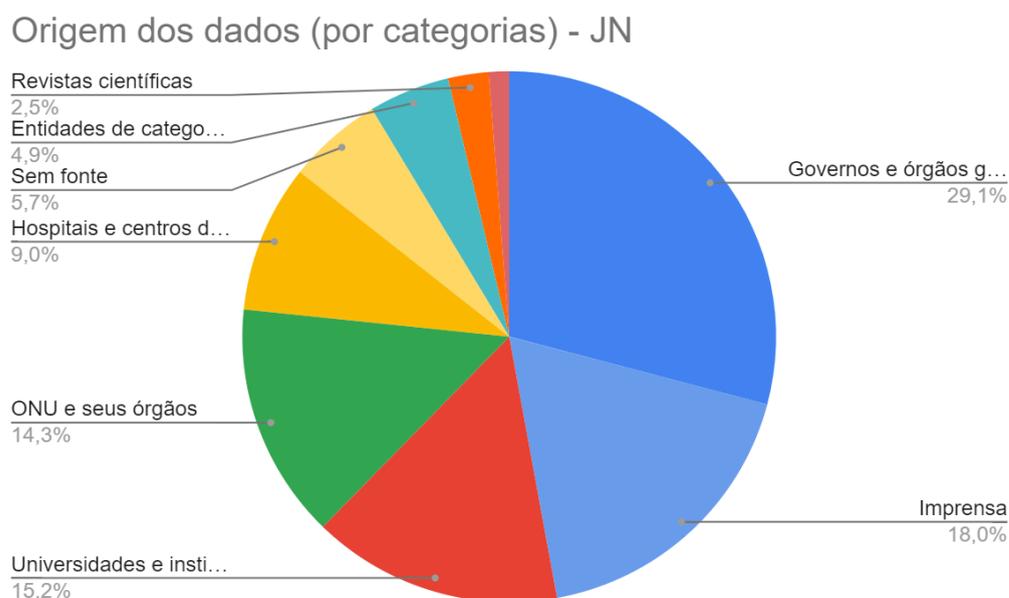
Na análise do Jornal da Record, foi possível perceber que o telejornal reproduziu exatamente o comportamento narrado por Fabíola de Oliveira em sua obra, já que os órgãos governamentais foram a maior referência consultada pela produção do programa – dos 110 dados utilizados pelo telejornal, 54 tiveram origem governamental.

Entende-se que, como o período analisado foi marcado por uma epidemia sanitária, e nessa circunstância era razoável que os veículos ouvissem mais os órgãos governamentais que estariam se dedicando ao controle, combate, soluções relacionadas à covid-19, era esperado que o Governo Federal aparecesse como uma das principais fontes de informações. Entretanto, considerando a discrepância de vezes em que os órgãos federais foram consultados no comparativo com outras fontes de informações, é possível atrelar este cenário ao fato de que, no período analisado (julho de 2020), a Record TV era a emissora que recebia mais verba do Governo Federal e mais reproduzia os seus discursos.

É ainda mais agravante se pensarmos que as informações governamentais

ocuparam metade dos espaços ocupados por dados do telejornal. Isso significa que de cada 2 fontes de informações que o Jornal da Record consultou durante a pandemia, aproximadamente 1 era governamental, o que compromete o teor crítico do jornalismo científico produzido e difundido.

Gráfico 17 - Categorização das origens dos dados que aparecem no Jornal Nacional



Fonte: Autoria própria.

Apesar dos dados governamentais serem os mais presentes nas reportagens do Jornal Nacional, já que o período de pandemia exigia a consulta a estes órgãos, o gráfico 17 consegue ilustrar como o telejornal teve uma preocupação em diversificar as origens dos dados que apresentava. As porcentagens das categorias são bem próximas, o que mostra a presença de diferentes fontes. Cabe destacar que a Imprensa aparece em 2º lugar por representar os dados do Consórcio de Veículos de Imprensa.

Inclusive, se nós considerarmos os dados governamentais diretos e indiretos – lembrando que o Consórcio de Veículos de Imprensa utiliza dados das secretarias estaduais de saúde, logo, dados governamentais – e somarmos, o Jornal Nacional recorreu a mais dados de fora de governos do que de dentro da estrutura política. Ao todo, dos 244 dados apresentados em suas matérias, 47,1% têm origem de governos (Governos + Consórcio) e 52,9% de outras fontes (soma das demais categorias).

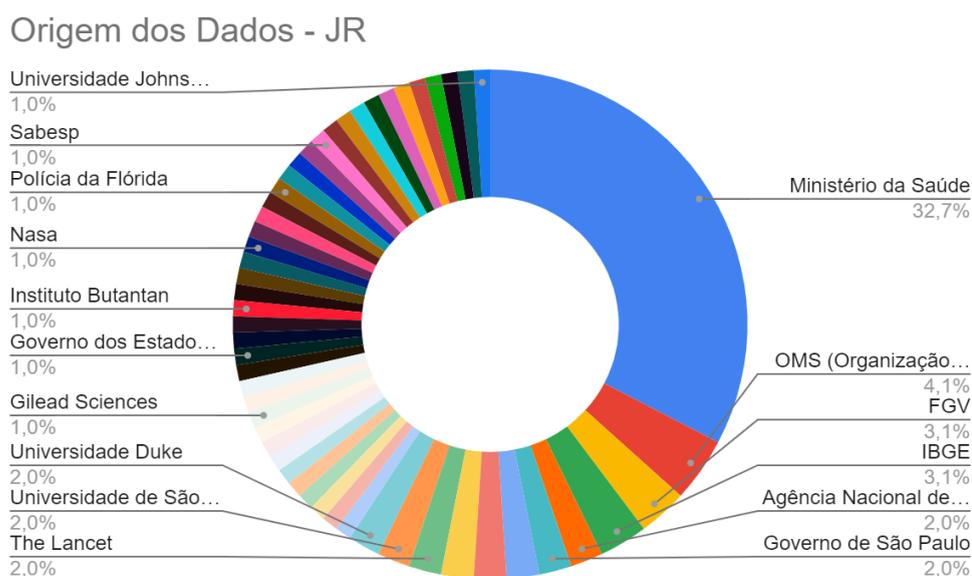
Isso significa uma quebra estrutural do diagnóstico apresentado por Fabíola de

Oliveira (2002), pois o jornalismo científico produzido pelo Jornal Nacional, além de ser mais direcionado às temáticas brasileiras do que à cobertura internacional, ele recorreu a mais fontes de fora dos governos. Na prática, representou um jornal mais crítico, mais embasado e menos reprodutor de discursos políticos.

### 3.8.2 Instituições que mais apareceram

Encerrando a análise das fontes de dados, conforme explicado em tópicos anteriores, uma mesma fonte pode aparecer em mais de uma matéria. Inclusive, como a análise dos boletins da covid-19 mostrou, algumas fontes de dados tiveram espaços diários nos telejornais, como o Ministério da Saúde, no Jornal da Record, e o Consórcio de Veículos de Imprensa, no Jornal Nacional.

Gráfico 18 - Origens dos dados que aparecem no Jornal da Record



Fonte: Autoria própria.

Apesar das limitações do gráfico não permitirem a visualização de todas as fontes de dados utilizadas, o gráfico 18 consegue trazer um panorama sobre o uso dos dados. Além de ilustrar a priorização das informações oriundas do Ministério da Saúde, o gráfico mostra também que o Ministério ocupou um espaço 8 vezes maior do que a segunda fonte de dados mais consultada, a OMS.

Ainda, é possível ver pelo gráfico que, com exceção da pasta ministerial já

citada, o Jornal da Record não possuía o comprometimento ou vínculo com qualquer outra fonte de informações, visto que a grande maioria aparece 1 ou 2 vezes em suas matérias. Da lista de instituições, o Ministério da Saúde aparece 34 vezes, seguido pela OMS, com 4 aparições de seus dados, e da FGV (Fundação Getúlio Vargas) e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com 3 aparições cada.

Um ponto que merece atenção é a tímida presença das universidades públicas brasileiras nas matérias, sendo que muitas estavam desenvolvendo pesquisas diretamente relacionadas à covid-19. Esse ponto traz alguns questionamentos: I. será que as faculdades privadas, como a FGV, por exemplo, possuem melhores equipes de comunicação, o que, conseqüentemente, as colocam com mais frequência na imprensa, facilitam o contato da imprensa com seus profissionais?, ou II. a imprensa tem preferido procurar entidades privadas do que as universidades públicas? III. Qual seria o motivo para esse movimento?

Voltando à análise do total de instituições, oito instituições tiveram seus dados usados duas vezes em reportagens. São elas: Agência Nacional de Petróleo, Governo de São Paulo, INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), King's College de Londres, as revistas científicas Nature e The Lancet, a USP (Universidade de São Paulo) e a Universidade Duke, dos Estados Unidos.

Já outras 40 instituições apareceram com seus dados uma única vez: Advocacy Resource Center, Agência Espacial Europeia, Agência Nacional de Aviação Civil, Arquivos Brasileiros de Cardiologia, Associação Paulista de Medicina, Centro de Estudos da Metrópole (uma entidade da USP), Cleveland Clinic, Confederação Nacional dos Agentes Comunitários, Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), Gilead Sciences, Governo da Espanha, Governo de Portugal, Governo de Tóquio, Governo dos Estados Unidos, Governo Federal, Hospital Universitário de Frankfurt, Instituto Butantan, Instituto Mar, Instituto Trata Brasil, Kyodo News e Tokyo MX Television, Nasa, ONU, Organização Outdoor Social, Petrobras, Polícia da Flórida, Prefeitura do Rio de Janeiro, Real Time Big Data, Record Rio Grande do Sul, Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), Secretaria de Educação de Manaus, Serasa Experian, Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, Sociedade Brasileira de Cardiologia, UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Universidade de Stony Brook, Universidade de

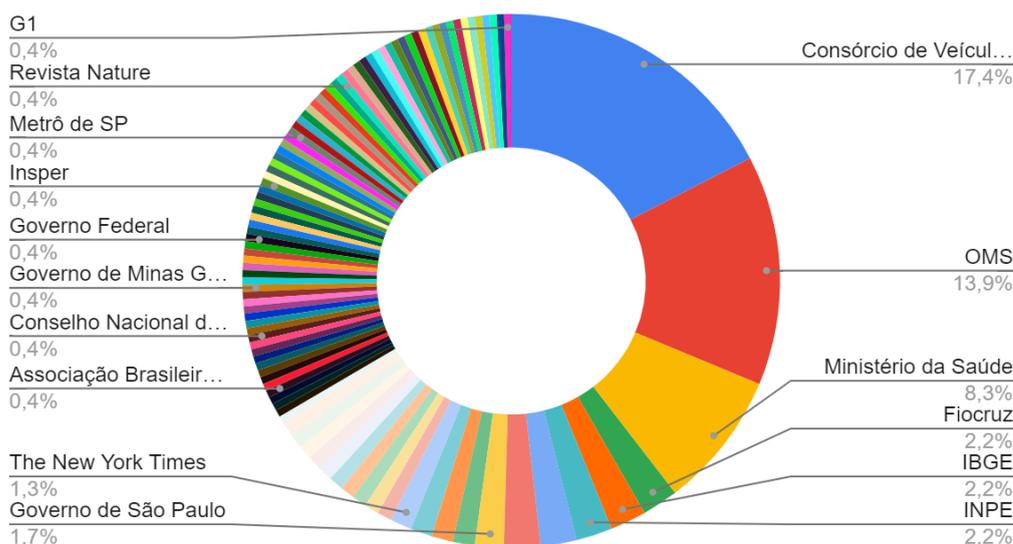
Tel Aviv, UFPel (Universidade Federal de Pelotas), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e Universidade Johns Hopkins.

É importante destacar que, para esta análise sobre as instituições que mais apareceram, as fontes sem crédito foram desconsideradas.

Já no caso do Jornal Nacional, algumas questões sobre a utilização dos dados se mostraram similares ao diagnóstico do Jornal da Record. O primeiro ponto é a presença majoritária da fonte que embasou os dados da covid-19 no país – no caso, o Consórcio de Veículos de Imprensa. E assim como o telejornal concorrente, a Organização Mundial da Saúde foi a 2ª entidade mais consultada.

Gráfico 19 - Origens dos dados que aparecem no Jornal Nacional

#### Origem dos dados - JN



Fonte: Autoria própria.

Entretanto, como o gráfico 19 consegue mostrar, o uso de diferentes fontes no Jornal Nacional é bem mais equilibrado do que no Jornal da Record. A própria OMS apareceu em números próximos do Consórcio de Veículos de Imprensa. Outro ponto é que, mesmo com as dificuldades que o Governo Federal na época colocou para que a imprensa não desse os dados da covid-19 no país, o Ministério da Saúde seguiu como uma grande fonte, aparecendo em 3º lugar.

Em números gerais, o Consórcio aparece 40 vezes, seguido pela OMS, 32 vezes,

e o Ministério da Saúde, 19 vezes. Cinco instituições aparecem cinco vezes: Fiocruz, IBGE, INPE, Universidade de Oxford e Universidade de São Paulo, seguidos pelo Governo de São Paulo, cujos dados embasaram matérias quatro vezes.

Quatro instituições foram creditadas 3 vezes: CDC (Centers for Disease Control and Prevention), Sociedade Brasileira de Infectologia, The New York Times e a Carta de 200 cientistas, uma carta aberta assinada por pesquisadores de diversos países, dirigida à OMS para que a entidade reconhecesse que o novo coronavírus é transmitido pelo ar (Monteiro, 2020).

Dez entidades tiveram seus dados utilizados duas vezes: Anvisa, APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), Governo de Mato Grosso, Governo do Pará, Greenpeace, Our World In Data, as revistas científicas Lancet e Science, Universidade de Pelotas e Universidade Federal de Santa Catarina.

Já outras 78 entidades apareceram uma única vez com seus dados: Agência Espacial Americana, Agência Espacial Britânica, Agência Espacial Europeia, ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais, Associação dos Povos Indígenas, Associação Goiana de Municípios, Associação Médica Brasileira, BiomeHub, Casa Fluminense, Coalizão Covid-19 Brasil, Conselho Federal de Química, Conselho Nacional de Secretários de Saúde, Datafolha, Embrapa Campina Grande, Federação Nacional de Saúde Suplementar, Fundação Getúlio Vargas, Fundação Roberto Marinho, Governo de Mato Grosso do Sul, Governo de Minas Gerais, Governo de Pernambuco, Governo de Santa Catarina, Governo de Sergipe, Governo do Amazonas, Governo do Ceará, Governo do Rio de Janeiro, Governo Federal, Grupo Mapeamento SARS-COV2, Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Ibovespa, Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia), Imperial College London, INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia), INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), Insper, Instituto Butantan, Instituto de Pesquisa do Governo da Alemanha, Instituto Internacional de Neurociências do Rio Grande do Norte, Instituto Locomotiva, Instituto Senai de Inovação em Química Verde, King's College London, Mapbiomas, Metrô de São Paulo, NASA (The National Aeronautics and Space Administration), ONU, Organização Meteorológica Mundial, Pfizer, Portal de Transparência do Registro Civil, Prefeitura de Belo Horizonte, Presidência da República, Proceedings of the

National Academy of Sciences, Public Health England, Revista Nature, Santa Casa de Belo Horizonte, Scripps Research, Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), Secretaria de Saúde de Santa Catarina, Secretaria de Saúde de São Paulo, Secretaria de Saúde do Mato Grosso do Sul, Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais, Sindicato das Escolas Particulares do Espírito Santo, Sindicato dos Professores do Espírito Santo, The New England Journal of Medicine, Todos pela Educação, Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), Universidad de Burgos, Universidade de Barcelona, Universidade de Cambridge, Universidade de Harvard, Universidade de Lund, Universidade de Nova York, UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), UFPB (Universidade Federal da Paraíba), UFG (Universidade Federal de Goiás), UFS (Universidade Federal de Sergipe), Universidade Johns Hopkins e o portal de notícias do Grupo Globo, G1.

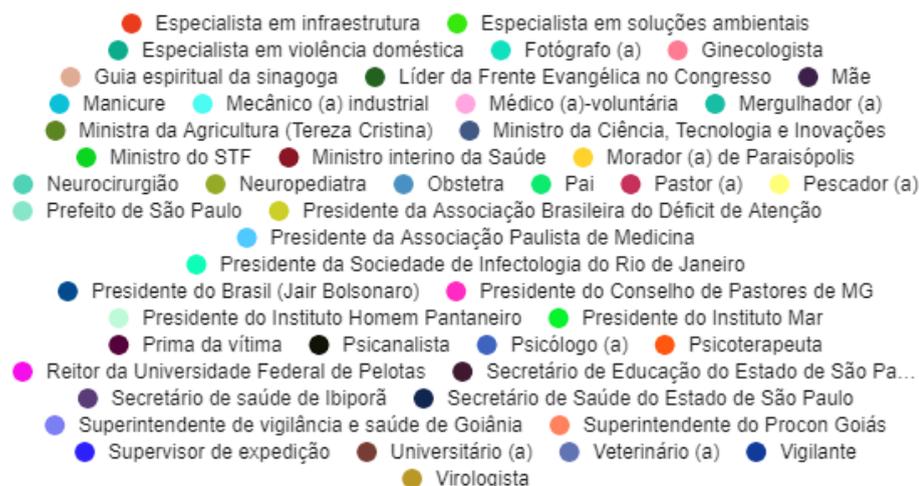
### **3.9 Análises dos entrevistados**

Retomando Oliveira (2002) em suas análises e reflexões sobre o jornalismo científico brasileiro, a autora afirma que esse jornalismo é majoritariamente internacional e, quando se pauta em acontecimentos nacionais, opta em priorizar dados e entrevistados governamentais. Assim como nos tópicos anteriores já foram destrinchados os aspectos de regionalismo e do uso dos dados, a última análise busca responder se esta percepção de Oliveira é mantida no recorte dos entrevistados, ou seja, as fontes humanas consultadas em cada matéria.

Cabe reforçar os conceitos de Bueno (2022), que naturalizam essa divisão entre fontes humanas e não-humanas. Como apresentado nos tópicos anteriores, as fontes não-humanas são as documentais, e as humanas, testemunhais:

As fontes testemunhais são representadas pelos entrevistados, protagonistas essenciais, indispensáveis, da cobertura jornalística de maneira geral. No caso específico do Jornalismo Científico, elas comumente são integradas por pessoas que detêm informação ou conhecimento especializado, como os pesquisadores, os cientistas, ou mesmo profissionais (médicos, engenheiros ou técnicos) (Bueno, 2022, p. 23).





Fonte: Autoria própria.

Ao todo, o Jornal da Record entrevistou 203 pessoas para suas matérias científicas. Alguns especialistas se repetiram em mais de uma reportagem, como é o caso das séries especiais que o telejornal exibiu na época, dedicadas ao fechamento de igrejas e à situação da Igreja Universal do Reino de Deus, em Angola. Nelas, uma mesma entrevista foi dividida entre 4 a 5 partes, conforme os assuntos decorriam durante a semana.

Vale destacar como um ponto positivo que nas matérias científicas, as fontes mais recorrentes foram profissionais relacionados com práticas de pesquisa científica como infectologistas, pesquisadores e professores universitários, e não médicos clínicos. Aliás, não à toa, dado à especificidade da pandemia de covid-19, causada por um vírus pouco conhecido, convinha que médicos pesquisadores especializados em doenças causadas por vírus fossem os mais procurados.

Entretanto, é importante documentar que há uma grande quantidade de entrevistados cuja especialidade não seja científica, mas que aparecem em matérias de jornalismo científico, como “Bispo”, “Padre” e “Rabino”. Isso é problemático pois são figuras colocadas como especialistas em matérias que, muitas vezes, usam a ciência para embasar sua narrativa.

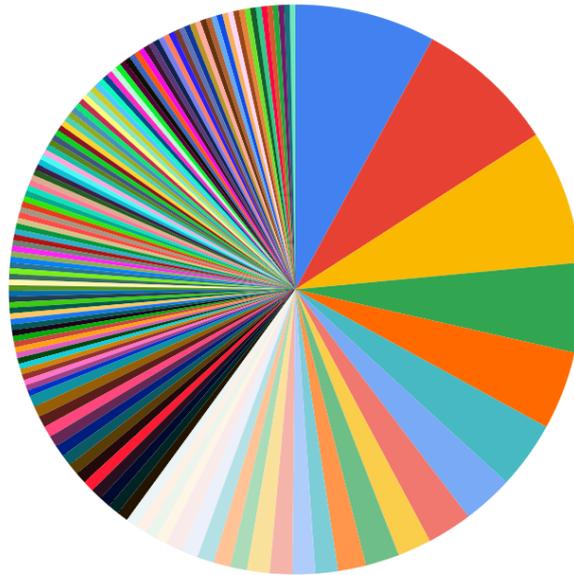
Por exemplo, na série de reportagens contra o fechamento de espaços religiosos na pandemia, usou-se dados que apontavam a importância da fé e, logo em seguida, aparecia uma figura religiosa corroborando com as informações científicas apresentadas. Essa narrativa utiliza da autoridade científica para embasar demais

autoridades que não permeiam o campo do conhecimento acadêmico, e foi uma prática recorrente do telejornal da Record, principalmente em matérias que defendiam os interesses da emissora, já que se trata de uma emissora religiosa.

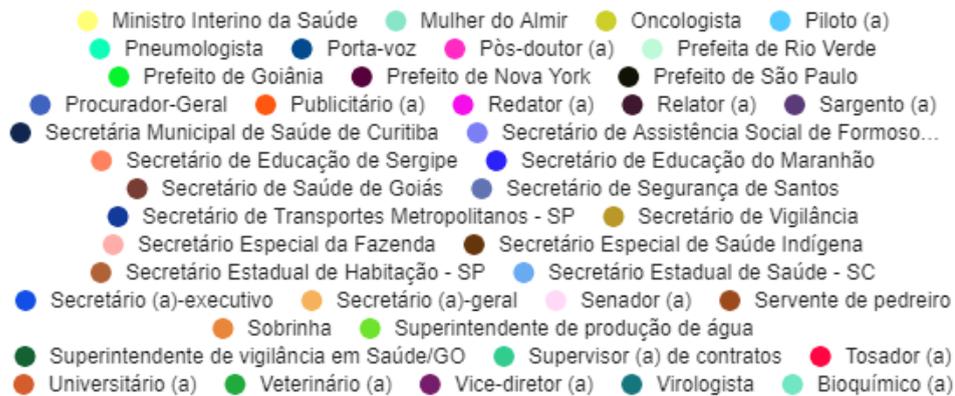
É claro que os entrevistados ocupam diferentes funções dentro de uma narrativa jornalística. Como a pesquisa tabulou todos os entrevistados que apareceram nas entrevistas, há aqueles que funcionam como personagens, vítimas ou impactados diretos da situação contada na matéria, como “Estudantes” ou “Aposentado(a)”, mas há aqueles que exercem funções de especialistas, creditados como as especialidades profissionais que possuem. Nesse sentido, colocar especialistas científicos e não-científicos em um mesmo panorama não é só aproveitar a visão de autoridade que a ciência possui, mas também induzir o espectador a interpretar que ambos os especialistas (científicos ou não) têm a mesma credibilidade.

Gráfico 21 - Créditos dos entrevistados que apareceram no Jornal Nacional

## Créditos dos entrevistados - JN



- Infectologista
- Epidemiologista
- Empresário (a)
- Vice-presidente da República
- Dono (a) de restaurante
- Aposentado (a)
- Coordenador (a) científica
- Diretor (a) presidente
- Secretário de Ciência e Tecnologia
- Voluntário (a)
- Cabeleireiro (a)
- Chefe de cozinha
- Cineasta
- Delegado (a)
- Diretor (a) -geral
- Diretor (a) de Saúde Mental
- Doutor (a) em Epidemiologia e Saúde Pública
- Engenheiro (a) químico (a)
- Estado-Maior do Comando
- Professor (a)
- Coordenador (a)
- Advogado (a)
- Doutorando (a)
- Avó
- Biólogo (a)
- Bolsista
- Coordenador (a) científica
- Diretor (a) presidente
- Técnico (a) em enfermagem
- Agricultor (a)
- Cabelleiro (a)
- Chefe de divisão
- Cineasta
- Diretor (a) clínico
- Diretor (a) de Saúde Mental
- Doutor (a) em Epidemiologia e Saúde Pública
- Engenheiro (a) químico (a)
- Estado-Maior do Comando
- Pesquisador (a)
- Diretor (a)
- Diretor (a)-executiva
- Comerciante
- Doutorando (a)
- Avô
- Biólogo (a)
- Bolsista
- Coordenador (a) científica
- Diretor (a) presidente
- Técnico (a) em enfermagem
- Agricultor (a)
- Cabelleiro (a)
- Chefe de divisão
- Cineasta
- Diretor (a) clínico
- Diretor (a) de Saúde Mental
- Doutor (a) em Epidemiologia e Saúde Pública
- Engenheiro (a) químico (a)
- Estado-Maior do Comando
- Presidente
- Deputado (a)
- Médico (a)
- Psicólogo (a)
- Coordenador (a) de pesquisas
- Analista ambiental
- Cientista
- Consultor (a)
- Diretor (a)-executivo
- Reitor (a)
- Vice-presidente
- Antropólogo (a)
- Avô
- Biotecnologista
- CEO
- Chefe do departamento de saúde pública
- Coordenador (a) adjunta
- Criança
- Diretor (a) interino
- Doutor (a) em Educação
- Engenheiro (a) civil
- Engenheiro (a) civil
- Esposa
- Farmacêutico (a)
- Filha
- Fiscal agropecuário
- Fonte anônima
- Fundador (a)
- Gerente de produtos
- Gerente-geral
- Gestor (a) hospitalar
- Governador de Goiás
- Governador de Minas Gerais
- Governador de São Paulo
- Guarda municipal
- Historiador (a)
- Indígena
- Líder da pesquisa
- Líder indígena
- Maestro (a)
- Microbiologista
- Ministra da Agricultura (Tereza Cristina)
- Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações (Marcos Pontes)
- Ministro da Economia (Paulo Guedes)
- Ministro da Secretaria de Governo



Fonte: Autoria própria.

Assim como no Jornal da Record, no Jornal Nacional as fontes científicas foram as que mais apareceram nas matérias, com os “Infectologistas” em primeiro lugar. O telejornal também teve os professores e pesquisadores nas posições seguintes, apenas invertendo a ordem entre o 2º e 3º lugar dos especialistas mais consultados, no comparativo com o jornalístico da Record TV.

É importante destacar que ambos os telejornais tiveram entrevistados que não foram creditados, mas enquanto no Jornal da Record foram encontrados apenas 3 casos, no Jornal Nacional foram 14. Esta é uma prática desrespeitosa tanto para o entrevistado que se dispõe a participar de matérias, e acabou não sendo creditado por isso, quanto para o telespectador, já que o telejornal peca em um dos princípios básicos do jornalismo que é a transparência das informações apresentadas. É importante dizer que este cenário é diferente dos casos de se ter fontes anônimas, em que o entrevistado pediu para não ser identificado. A pesquisa encontrou fontes anônimas no Jornal Nacional, mas neste caso refere-se a entrevistados que apareceram, tiveram sua imagem veiculada nos programas, mas não houve qualquer crédito sobre quem eram essas pessoas.

Como destaque positivo, é possível ver que, diferentemente do Jornal da Record, em que um grande número de religiosos ganharam destaque como especialistas nas matérias científicas, no Jornal Nacional há uma grande parcela de profissionais técnicos em suas reportagens, como epidemiologistas, médicos em geral, psicólogos, antropólogos, bioquímicos, entre outros.

Ao analisarem a cobertura de ciência na pandemia realizada pelos jornais Folha

de S. Paulo e The New York Times, Hafiz *et al.* (2023) apontaram um panorama parecido com o encontrado nesta pesquisa. É difícil identificar as diferenças entre pessoas creditadas como “Professor (a)” e “Pesquisador (a)”, pois, em muitos casos, professores são creditados como professores de universidades. No caso dos telejornais analisados, era comum que aparecesse o crédito de professor e a instituição de ensino em que a pessoa atuava abaixo. Isso significa que, apesar da terminologia de professor englobar uma série de profissionais, como os educadores em si e os que também atuam com pesquisa, no período analisado, o termo professor estava majoritariamente associado à produção científica.

Inclusive, se considerarmos a soma dessas categorias, os professores e pesquisadores acadêmicos foram os especialistas que mais apareceram nos telejornais, correspondendo a 7,8% do total de entrevistados no Jornal da Record e a 15,5% do total de entrevistados do Jornal Nacional.

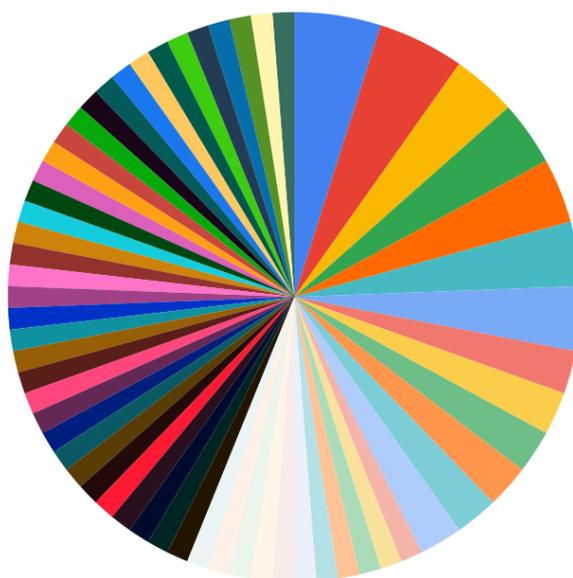
### **3.9.1 Instituições dos entrevistados**

Outro ponto analisado foram as instituições correspondentes aos entrevistados de cada matéria. É importante salientar que nem todos os entrevistados foram creditados com a identificação de instituições e, em alguns casos raros, um mesmo entrevistado foi creditado como representante de mais de uma entidade.

O objetivo ao mapear as instituições correspondentes a cada entrevistado é similar ao diagnóstico das fontes mais consultadas: entender quais organizações têm discursos predominantes nos telejornais analisados. Ainda, no comparativo com os diagnósticos de Oliveira (2002), compreender se o jornalismo científico brasileiro realmente prioriza discursos governamentais, algo identificado em sua obra.

Gráfico 22 - Entidades dos entrevistados que apareceram no Jornal da Record

## Entidades que os entrevistados representavam - JR



Fonte: Autoria própria.

No caso do Jornal da Record (Gráfico 22), apesar do Instituto Butantan,

laboratório paulista de pesquisas, ter sido uma das entidades com mais porta-vozes entrevistados nas matérias científicas, o instituto teve o mesmo espaço que uma entidade religiosa, a Unigrejas (União Nacional das Igrejas e Pastores Evangélicos). Mais do que isso: das 10 entidades que mais apareceram nas matérias científicas produzidas pelo telejornal, 7 são religiosas – outras 2 são instituições que falaram de seus estudos científicos (Instituto Butantan e Petrobras), além do Governo Federal.

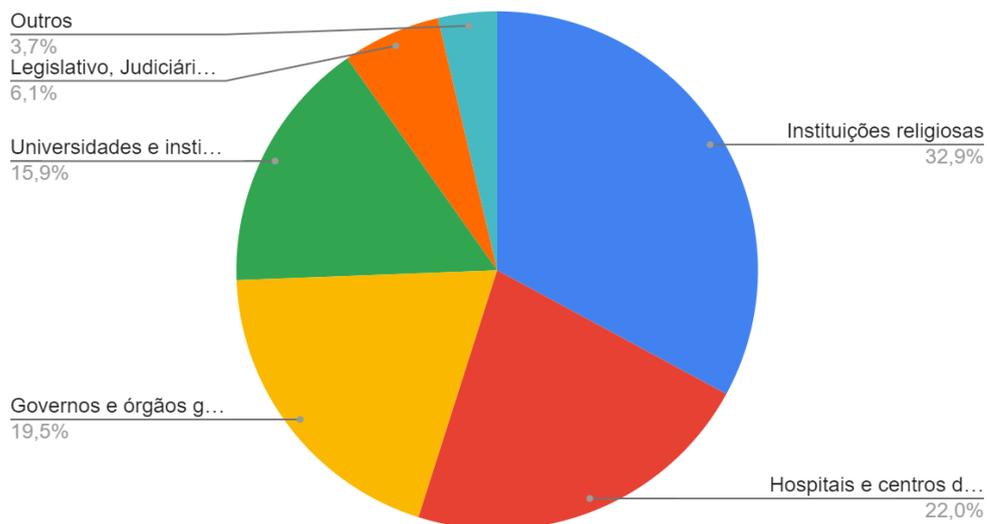
Essa situação é grave não só pela falta de espaço dado aos cientistas em matérias que deveriam tê-los como destaque, mas por mostrar que o discurso da emissora, abertamente evangélico, influencia o telejornalismo. A ciência, muitas vezes, apareceu no Jornal da Record apenas para dar credibilidade a matérias pró-religião que a emissora veiculou.

A principal pauta que mobilizou o protagonismo em massa de entidades religiosas foi o fechamento desses espaços na pandemia, um tema extensamente criticado pela emissora, que fez uma série com cinco reportagens para chamar atenção do seu público. A medida contrariou os interesses da Record TV e do Governo Federal na época, o principal anunciante da emissora, já que a decisão de fechar centros religiosos durante os períodos críticos da covid-19 veio de estados e municípios, e não da Presidência da República. Ao contrário, o então presidente do país, Jair Bolsonaro, criticou publicamente o fechamento desses espaços alegando que eram “o último refúgio das pessoas” na pandemia (Coletta (2), 2020).

Essa presença maciça das entidades religiosas no jornalismo científico da Record TV é visível em análises mais detalhadas sobre as entidades dos porta-vozes. Assim como na análise de dados, esta pesquisa dividiu as instituições em seis categorias, adaptadas aos seus segmentos: Instituições religiosas; Hospitais e centros de pesquisa; Governos e órgãos governamentais; Universidades e instituições de ensino; Legislativo, Judiciário e Direito; e Outros.

Gráfico 23 - Segmentos das instituições dos entrevistados que apareceram no Jornal da Record

## Segmentos das instituições dos entrevistados - JR



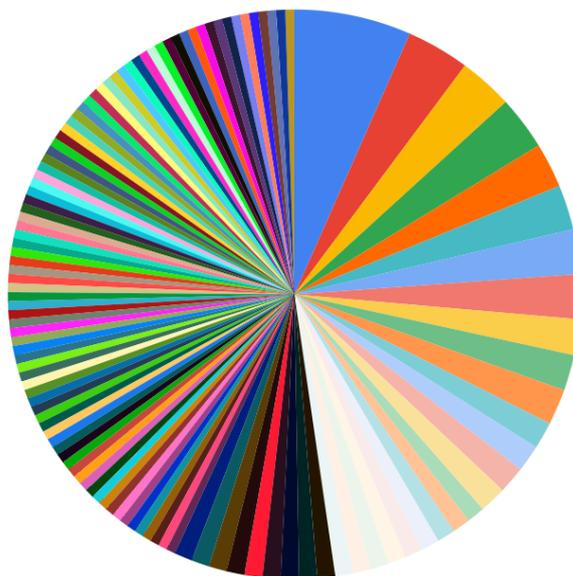
Fonte: Autoria própria.

Além das instituições religiosas serem o setor predominante do jornalismo científico do Jornal da Record, com 32,9% do espaço total, os governos e as entidades governamentais, com ênfase às federais, apareceram mais do que as universidades e instituições de ensino, espaços que produzem ciência. Este último fator já foi mencionado como diagnóstico e crítica recorrente de Oliveira (2002) sobre a produção do jornalismo científico brasileiro.

Já no Jornal Nacional há um cenário diferente. Das 10 instituições que mais apareceram por meio de entrevistados, 4 são universidades e demais instituições de ensino, com destaque à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Universidade de São Paulo ocupando as primeiras posições.

Gráfico 24 - Entidades dos entrevistados que apareceram no Jornal Nacional

## Entidades que os entrevistados representavam - JN





Fonte: Autoria própria

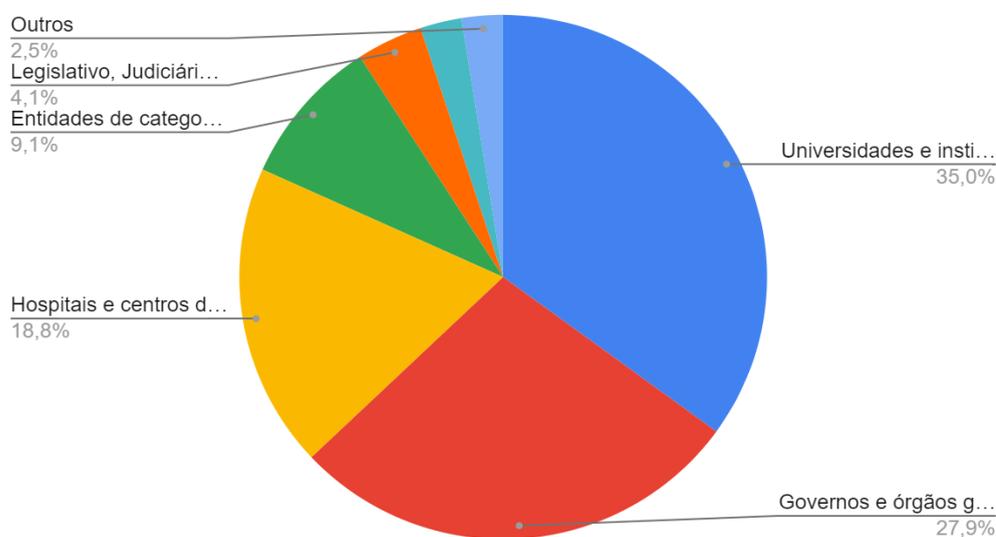
É importante destacar que, enquanto o Jornal da Record entrevistou especialistas de 60 instituições distintas, o Jornal Nacional procurou quase o dobro de entidades em suas matérias, 118. Além disso, se 4 das 10 instituições que mais forneceram porta-vozes ao telejornal da TV Globo foram universidades e instituições de ensino, outras 3 são entidades que não atuam com educação, mas atuam sim com ciência: a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Sociedade Brasileira de Infectologia e o Instituto Butantan.

Isso significa que, diferentemente do Jornal da Record, o jornalismo científico produzido pelo Jornal Nacional teve uma predominância da ciência tanto nos temas escolhidos, nos dados utilizados e, como mostra este tópico, nos entrevistados selecionados para as reportagens.

Na análise por segmentação das entidades, o Jornal Nacional também se mostrou um telejornal mais preocupado com a diversidade de setores consultados em suas matérias, tanto que as categorias utilizadas na tabulação do Jornal da Record não foram suficientes para enquadrar todas as instituições que participaram no jornalístico da TV Globo. Por isso, para a tabulação, foram acrescentadas mais categorias, similares às utilizadas na tabulação das fontes de dados. Ao todo, a classificação das entidades correspondentes aos entrevistados do Jornal Nacional seguiu sete categorias: Entidades de categorias sociais e trabalhistas; Governos e órgãos governamentais; Hospitais e centros de pesquisa; Legislativo, Judiciário e Direito; ONU e seus órgãos; Universidades e instituições de ensino e Outros.

Gráfico 25 - Segmentos das instituições dos entrevistados que apareceram no Jornal Nacional

## Segmentos das instituições dos entrevistados - JN



Fonte: Autoria própria.

Como o gráfico 24 mostra, as Universidades e demais instituições de ensino foram as instituições mais procuradas para entrevistas no Jornal Nacional, o que mostra que o programa televisivo priorizou um ambiente de produção científica na cobertura segmentada.

É importante destacar que, apesar das instituições governamentais aparecerem em segundo lugar entre os tipos de entidades mais presentes nas matérias, essas entidades referem-se a uma pluralidade de órgãos, incluindo muitos que, mesmo abaixo do Governo Federal, não compactuavam com os discursos do então presidente Jair Bolsonaro, como é o caso da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

Em linhas gerais, as análises dos dados e dos entrevistados do Jornal Nacional mostram que o jornalismo científico produzido pelo programa atendeu as recomendações de Oliveira (2002). Segundo a autora, o bom jornalismo científico deve fugir da reprodução discursiva do Governo Federal, trazendo mais elementos da realidade nacional do que a internacional e, ainda, priorizando a voz de cientistas e suas instituições.

### 3.10 Record TV e o conceito de junk news

Nos tópicos anteriores desta pesquisa, já se falou que, no período analisado (julho de 2020), a Record TV recebia a maior fatia da verba publicitária do Governo Federal. Como consequência, o jornalismo produzido pela emissora tentou, por diferentes meios, reduzir a gravidade do que era a pandemia de covid-19 na época, indo de acordo com o discurso do então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

Este movimento foi identificado com maior presença no Domingo Espetacular, programa dominical da emissora que mescla jornalismo e entretenimento, onde a cobertura da pandemia, em algumas edições, se limitou a um boletim de 40 segundos, apresentando os números de casos e óbitos, num programa que tem a duração média de três horas (Revadam, Francisco e Figueiredo, 2022).

No caso do Jornal da Record, além do boletim com duração menor do que um minuto, que trazia os dados sem qualquer interpretação, outro recurso utilizado para tentar minimizar o peso da pandemia foram as colunas opinativas do jornalista Augusto Nunes, exibidas semanalmente no telejornal.

Figura 11 – Imagem de vídeo da coluna opinativa do jornalista Augusto Nunes no Jornal da Record



Fonte: Reprodução/Record TV.

Apoiador assumido de Bolsonaro, o jornalista Augusto Nunes utilizou o espaço de sua coluna por diversas vezes para minimizar a gravidade da situação e trazer

discursos alinhados aos de Bolsonaro. Em sua coluna no dia 1º de julho, Nunes fala que a gravidade da pandemia inexistente, e culpa jornalistas e políticos por alarmar o país:

“Nesta quarta-feira, pela primeira vez desde meados de março, a covid-19 não ocupou a manchete dos maiores jornais e o espaço reservado à pandemia de coronavírus emagreceu subitamente. O fenômeno ocorreu não por falta de assunto, mas por sobra de boas notícias. E os praticantes do jornalismo funerário acham que só merece destaque o que alimenta a pandemia do medo. Em São Paulo, por exemplo, mais uma queda expressiva no número de casos confirmados e de óbitos informa que a curva da pandemia entrou na fase descendente. Em todas as regiões do estado, que há pouco tempo era o mais preocupante epicentro da pandemia, a ocupação de leitos de UTI está abaixo de 80%. Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, sem recorrer ao isolamento social, registrou uma única morte de covid-19 em todo o mês de junho. Multiplicam-se pelo país, enfim, sinais de que o pior já passou. Isso é preocupante apenas para políticos e jornalistas transformados em caçadores de más notícias, estão todos ameaçados agora pela síndrome de abstinência” (Jornal da Record, 2020).

É importante dizer que, diferentemente do que Nunes falou, a pandemia só se agravaria no Brasil e em 2021, o país teve mais do que o dobro de mortes em comparação a 2020 (424.133 em 2021 e 194.976 em 2020), segundo dados do Consórcio de Veículos de Imprensa (Jornal Nacional, 2021).

Já no dia 17 de julho, Nunes cita dados sem fonte para dizer que a taxa de óbitos em São Paulo havia caído, incentivando a abertura do comércio, em um período onde nem vacina contra a covid-19 existia:

“Nas últimas três semanas, o número de mortes por covid-19 na cidade de São Paulo sofreu uma queda de 18,7%. Em 23 de junho, a média dos sete dias anteriores foi de 109 óbitos. Nesta quinta-feira, 16 de julho, a contagem baixou para 89 óbitos. Toda morte, insista-se, é uma tragédia, sobretudo para os parentes e amigos da vítima, mas os brasileiros merecem saber que as dimensões do pesadelo vão se tornando bem menos angustiantes. Temia-se que a abertura gradual das atividades econômicas provocasse um recrudescimento dos casos confirmados e das mortes. Passadas três semanas, pode-se afirmar com segurança que ocorreu o contrário, tanto na capital quanto na maior parte do território paulista” (Jornal da Record, 2020).

Uma semana depois, no dia 24 de julho, Augusto Nunes utilizou o espaço da sua coluna para defender os interesses da emissora em que trabalha, a Record TV, e ainda citou a ciência como forma de dar credibilidade às suas falas. Novamente, trazendo informações sem qualquer crédito:

“A ciência reconhece que, em momentos especialmente angustiantes, como o imposto pela pandemia de coronavírus desde março, cresce a importância da fé no combate às doenças do corpo e da alma. Está comprovada, por exemplo, a relevância do trabalho das igrejas na redução do número de suicídios e casos de depressão. Em países como o nosso, os religiosos também são uma espécie de psicólogos dos carentes de recursos. A soma dessas evidências aumenta a estranheza provocada pelo descaso com que têm sido tratadas todas as igrejas existentes no país, vale para sinagogas, templos e terreiros. Estão em funcionamento, por exemplo, os shoppings centers, parques, feiras livres, restaurantes e bares, mas os templos continuam fechados, e segue proibida a realização de cultos. A separação entre igreja e Estado, prevista na Constituição, torna ainda mais urgente a adoção de medidas que ponham fim a essa discriminação injustificável” (Jornal da Record, 2020).

Já no dia 27 de julho, Nunes não retrata a pandemia, mas reproduz outro discurso de Bolsonaro, com ataques acalorados à China. Inclusive, aproveitando o espaço para também defender o monopólio comunicacional do Brasil, um interesse da própria Record TV:

“A crescente ousadia da China, das relações políticas e comerciais que mantém com o restante do mundo, confirma que o gigante asiático já não se satisfaz com parcerias que resultem em benefícios recíprocos. A ditadura comunista vem se mostrando decidida a conseguir, por meios legais ou métodos ilícitos, acordos que lhe assegurem vantagens acintosas em setores estratégicos como, por exemplo, segurança alimentar, novas tecnologias e controle de fontes de energia. Ter a China como principal parceira comercial será bom enquanto o Brasil não for compelido a fazer concessões intoleráveis. A Argentina, entre outros países, já caiu nessa armadilha. A produção de alimentos e o setor de comunicações, por exemplo, têm que continuar nas mãos de empresários brasileiros e deve (sic) continuar como está, ou eventualmente tornar-se até mais restritiva a legislação que preserve a soberania nacional. O Brasil precisa menos da China do que a China precisa, no momento, do segundo maior exportador de alimentos

do mundo” (Jornal da Record, 2020).

As colunas opinativas de Nunes podem ser enquadradas no conceito de *junk news* (que, no português, pode ser traduzido como notícias inúteis). Criado por Bradshaw *et al.* (2019), esse conceito foi idealizado por conta do crescente cenário de disseminação de desinformação em plataformas de mídia, principalmente durante as eleições presidenciais americanas em 2016, em que, segundo os autores, os indivíduos foram inundados com informações altamente polarizadas, comentários hiperpartidários e retóricas de provocações e/ou ódio.

Essas informações, muitas vezes, são revestidas de notícias, copiando estéticas do jornalismo e se posicionando como produtos de mídia, mas sem seguir os padrões profissionais característicos das normas jornalísticas. Para os autores, uma informação pode ser caracterizada como *junk news* se atender 3 de 5 critérios: 1) as fontes não empregam os padrões e as melhores práticas do jornalismo; 2) a linguagem é motivada pela emoção, com presença de ataques; 3) a credibilidade é passível de questionamento, já que as fontes tendem a confiar em informações falsas, teorias da conspiração e não publicam correções de algo passado erroneamente; 4) existe um viés, as fontes são altamente tendenciosas, ideologicamente distorcidas e emitem opinião como se fossem notícias e 5) as fontes imitam a reportagem tradicional, empregando estratégias de conteúdo características do jornalismo (Bradshaw *et al.*, 2019).

As colunas de Augusto Nunes são dentro de um telejornal, ou seja, ocupam um espaço de jornalismo e usam isso a seu favor, como um reforço de credibilidade e noticiabilidade; em muitos casos, como as transcrições acima mostraram, essas colunas de opinião citam dados e informações sem mencionar o crédito, ou seja, sem dizer de onde saiu o que está sendo afirmado, agindo contra uma prática ética do jornalismo que é a transparência da informação; além disso, o fato de citar fontes terceiras, como “a ciência reconhece”, é para se aproximar a uma característica do jornalismo, que não é opinativo e se pauta de informações embasadas; por fim, essas colunas também se apoiam em um viés, alinhado ao discurso de Jair Bolsonaro, que também é carregado de ataques, como os à China (“ditadura comunista”) e a demais profissionais da imprensa, chamados de “jornalismo funerário”.

Em sua obra *Sobre Ética e Imprensa*, Eugênio Bucci (2000) afirma que não há problema do jornalista em trazer consigo convicções e, até mesmo, preconceitos, pois os

jornalistas são seres humanos e todos nós temos estas questões. O problema, e colocado como pecado ético do jornalista pelo autor, é quando o jornalista omite a sua relação com os fatos, se aproveitando de uma “impostura da neutralidade” (Bucci, 2000). O especialista chama esse movimento de ocultação deliberada:

(...) ela consiste em mascarar convicções e preconceitos sob a aparência de informação objetiva, contrabandeando, assim, para o público, concepções pessoais como se fossem informações objetivas. A ocultação deliberada se beneficia da crença do público de que a neutralidade é possível e, além de não esclarecer ninguém sobre os fatos (pois, propositalmente, transmite uma versão montada dos fatos como se fossem os fatos falando por si mesmos), alimenta ainda mais o mito do jornalista neutro (Bucci, 2000, p. 98).

Bucci (2000) afirma que, ao contrário do que se vê no jornalismo impresso, os noticiários de TV não primam pela separação entre opinião e relato factual. E, apesar dos âncoras do Jornal da Record anunciarem a entrada de Augusto Nunes como opinião do interlocutor, não há qualquer vinheta ou recurso visual que reforce ao telespectador que se trata de um editorial, e não um conteúdo noticioso.

### **3.11 Análise dos jornalistas envolvidos nas coberturas**

Pesquisadores como Bueno (2004), Caldas (2003) e Oliveira (2002) defendem que, para o jornalismo científico ser produzido com cada vez mais qualidade e quantidade, é necessário um vínculo entre os jornalistas e as práticas científicas. Ou seja, o jornalista científico deve ser um profissional que cobre constantemente este universo, assim como existem jornalistas dedicados a outras editorias, como política ou economia.

Um profissional que se dedica à cobertura de ciência não só se desenvolve e encontra cada vez mais formas eficientes para levar a informação ao seu público, pois se familiariza com os temas, como também, por estar imerso neste universo, consegue enxergar noticiabilidade em descobertas acadêmicas, questões relacionadas à política científica e tecnológica, aos papéis desempenhados pelos profissionais ligados à

pesquisa e desenvolvimento, o que incentiva a produção de reportagens.

Por esse motivo, o último tópico de análise desta pesquisa é um mapeamento dos jornalistas envolvidos nas reportagens científicas encontradas no Jornal da Record e no Jornal Nacional. Oficialmente, nenhum dos telejornais analisados possui uma editoria de Ciência e Tecnologia - o Jornal Nacional chegou a criar essa editoria em 1989 com o objetivo de diversificar os temas de suas reportagens, centralizando nela as pautas de saúde, tecnologia (na época chamada de informática) e meio ambiente. Entretanto, essa editoria foi encerrada aproximadamente um ano depois, sem qualquer justificativa (Memória Globo, 2004).

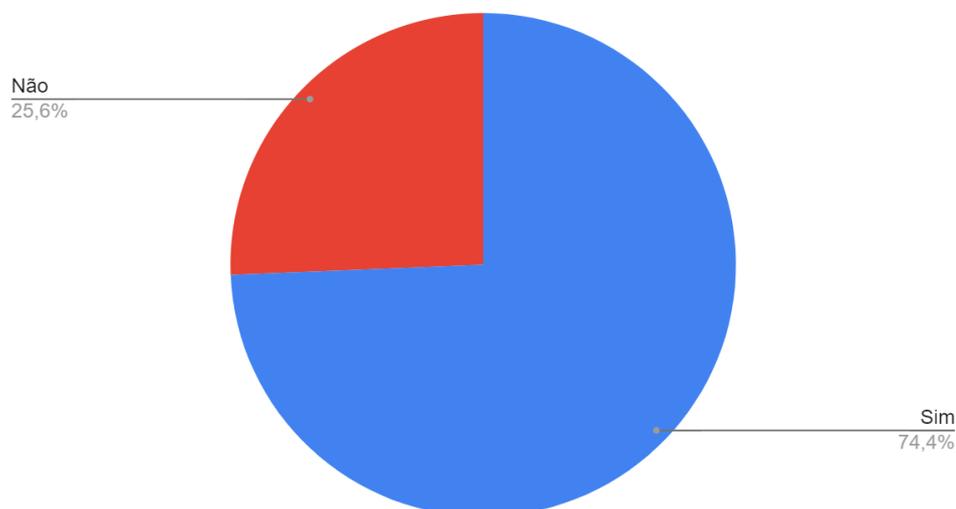
Por serem telejornais nacionais, ambos os programas contam com uma equipe fixa de repórteres, mas também recorrem aos repórteres das emissoras afiliadas de seus respectivos grupos de comunicação. Ainda, por conta da emergência na cobertura da pandemia de covid-19, não só os repórteres em campo participaram das coberturas, como repórteres especiais, apresentadores e correspondentes internacionais de ambas as emissoras.

Nesse caso, o estudo contabilizou os jornalistas presentes em cada reportagem. Por não haver uma editoria fixa de ciência nos telejornais, e sabendo que esses profissionais realizam coberturas científicas em paralelo a outros temas, o objetivo do mapeamento foi identificar se, após três anos de produção e exibição das matérias analisadas, os profissionais seguem nas redações dos programas ou ainda atuando no jornalismo.

Para isso, o nome de cada profissional encontrado foi pesquisado nas redes sociais Instagram, LinkedIn e X (ex-Twitter), normalmente os maiores canais onde cada profissional atualiza seu cargo de trabalho. Infelizmente, os anos de 2022 e 2023 foram marcados por cortes e demissões em massa nas duas emissoras analisadas, o que fez com que esse mapeamento também incluísse notícias sobre movimentações da imprensa e notas dos sindicatos que representam a categoria jornalística (Andrade, 2023; Folha de S. Paulo, 2023; Perline, 2023; Poder 360, 2023).

Gráfico 26 - Mapeamento dos jornalistas que seguem contratados pela Record TV

O jornalista segue na emissora (Record TV)?



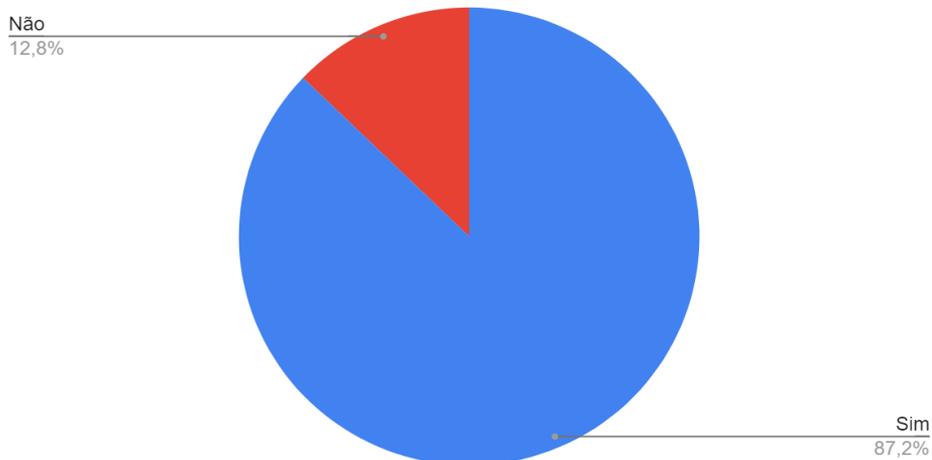
Fonte: autoria própria, com base nas plataformas Instagram, LinkedIn e X.

Ao todo, 39 jornalistas produziram reportagens científicas para o Jornal da Record no período analisado, sendo que 29 seguem na emissora e 10 foram desligados. Não foram encontradas notícias sobre promoção dos profissionais que trabalharam durante a pandemia da covid-19, um cenário que foi visto na mensuração dos profissionais do Jornal Nacional.

Entre os jornalistas que produziram mais reportagens científicas para o telejornal estão, em primeiro lugar, os repórteres Luiz Gustavo e Romeu Piccoli, com 6 reportagens cada, seguidos por Evelyn Bastos e Fábio Menegatti, responsáveis por 5 reportagens cada, e Vanessa Libório, que fez 4 coberturas. Dos cinco nomes, apenas Libório não faz mais parte da emissora, o que, segundo as análises do jornalismo científico, é um agravante, já que o telejornal perdeu uma das profissionais que mais atuaram na cobertura de ciência, o que compromete a continuidade na cobertura das pautas científicas.

Gráfico 27 - Mapeamento dos jornalistas que atuaram no Jornal da Record e seguiram na profissão

O profissional identificado no Jornal da Record segue atuando com jornalismo?



Fonte: autoria própria, com base nas plataformas Instagram, LinkedIn e X.

Já o segundo gráfico buscou identificar se os profissionais que trabalharam na cobertura do Jornal da Record seguiram trabalhando na área, independentemente de estarem na emissora ou não. Dos profissionais que saíram da Record TV, apenas três estão em outros grupos de comunicação, atuando na Revista Fórum, na CNN Brasil e na BBC Brasil. Um quarto profissional, apesar de não estar mais em redação, segue atuando no jornalismo, agora como assessor de imprensa.

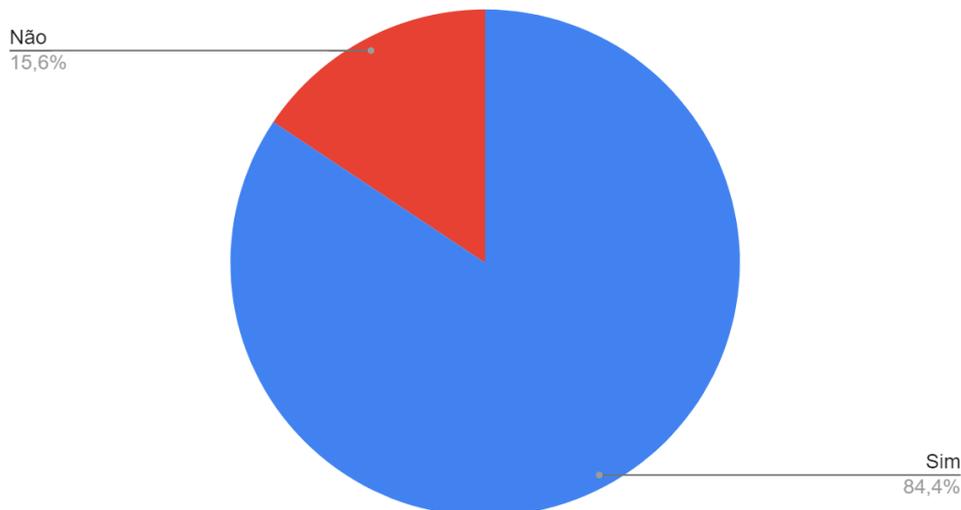
Entretanto, quatro profissionais dispensados pela emissora deixaram o mercado. Um, oficialmente, migrou para a área de cerimonialista, já sobre outros três não foram encontradas informações que identifiquem a atuação no momento. Como o fechamento desta pesquisa foi próximo do período de demissões destes profissionais – junho e junho de 2023 – também entende-se que não houve tempo suficiente para recolocação dos jornalistas no mercado de trabalho. Porém, é importante reforçar que a perda de profissionais familiarizados com a cobertura científica numa redação pode sim contribuir com uma redução da cobertura científica pelo jornal.

Em relação ao Jornal Nacional, foram identificados 64 jornalistas envolvidos nas reportagens científicas analisadas, e a quantidade de pessoas que saíram do telejornal e da emissora respectivamente foi a mesma da Record TV, 10 pessoas, com a diferença

que, neste caso, foi encontrada uma situação em que partiu do jornalista a decisão de sair da emissora.

Gráfico 28 - Mapeamento dos jornalistas que seguem contratados pela TV Globo

O jornalista segue na emissora (TV Globo)?



Fonte: autoria própria, com base nas plataformas Instagram, LinkedIn, X e informações divulgadas em veículos.

Durante o mapeamento foram encontrados casos de três profissionais que, por conta de sua atuação na cobertura da pandemia da covid-19, receberam outras oportunidades dentro da TV Globo. O principal caso é do jornalista Alan Severiano, que era substituto oficial do repórter que apresentava o boletim de dados da covid-19, Márcio Gomes. É Severiano, inclusive, quem produz e apresenta a reportagem científica que explicou a metodologia de média móvel, destacada nesta pesquisa. Em agosto de 2021, o profissional foi promovido a âncora do telejornal regional SP1, exibido no estado de São Paulo (Pacheco, 2021).

Os outros dois casos não foram tão visíveis ao público telespectador, impactando mais a estrutura da emissora: Fabiano Villela foi promovido a repórter especial e Bruno Tavares começou a ser testado como âncora, entrando na lista de nomes que substituem o apresentador William Bonner em suas folgas do Jornal Nacional (Benício, 2023; Cardoso, 2023).

Entretanto, se considerarmos os diagnósticos utilizados como arcabouço teórico

do jornalismo científico nesta pesquisa, a TV Globo teve uma das piores atitudes contra a continuidade de uma cobertura científica na emissora, que foi a perda do profissional que mais atuou no período analisado. Trata-se do jornalista Márcio Gomes que, nos primeiros meses da pandemia, foi o apresentador do programa *Combate ao Coronavírus* e, posteriormente, apresentou o boletim detalhado sobre a covid-19 no Brasil, com dados do Consórcio de Veículos de Imprensa.

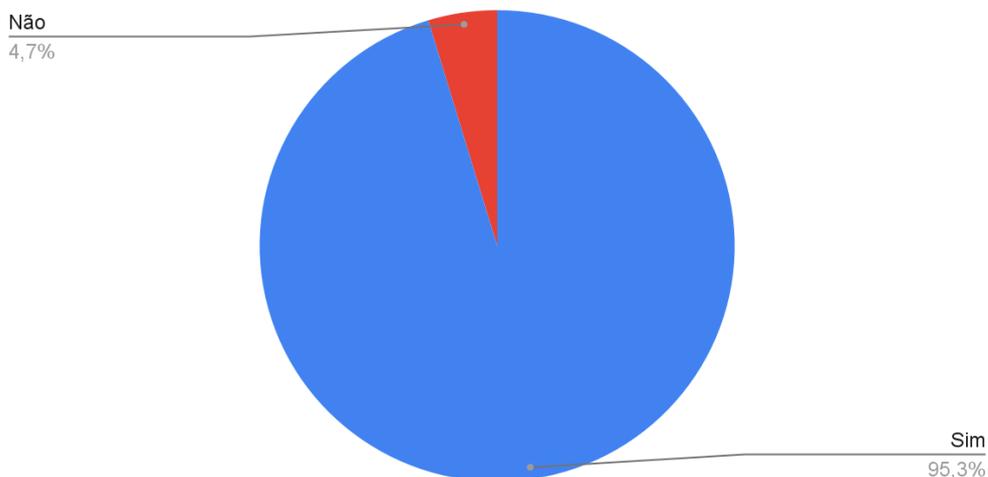
Por conta de sua atuação, o jornalista recebeu uma proposta da CNN Brasil, que foi aceita em outubro de 2020. Um mês depois de sua saída, o profissional deu declaração justificando sua escolha: “Com a pandemia, tive uma nova chance. Mas, passado o Combate, senti que não teria muito crescimento. Assim, para seguir evoluindo (...) optei pela mudança” (Correio Braziliense, 2020; Guaraldo, 2020, s/p).

Essa declaração de Gomes se encaixa a um dos diagnósticos apresentados por Oliveira (2002) e Bueno (2022) quando afirmam que os veículos e/ou canais de comunicação tendem a não aproveitar o desenvolvimento dos seus profissionais envolvidos em coberturas científicas.

Também houve um último caso de saída de um profissional da TV Globo, o jornalista Igor Duarte, mas que segue na cobertura televisiva, no canal Bandeirantes.

Gráfico 29 - Mapeamento dos jornalistas que atuaram no Jornal Nacional e seguiram na profissão

O profissional identificado no Jornal Nacional segue atuando com jornalismo?



Fonte: Autoria própria.

O gráfico 29 detalha o panorama dos profissionais que seguiram no mercado de comunicação, independentemente de estarem na TV Globo ou não. Dos 64 profissionais que atuaram na cobertura científica do Jornal Nacional, apenas 3 não atuam mais com o jornalismo, o que corresponde a 4,7%.

Entre os principais casos, há a repórter Tatiana Machado, que pediu demissão da emissora em junho de 2021 e se mudou para o exterior, e a jornalista Elaine Bast que, apesar de ainda estar numa emissora de televisão, a CNN Brasil, não atua mais diretamente com o jornalismo, e sim como analista econômica do canal, função que exerce desde abril de 2023 (IG, 2021; CNN Brasil, 2023).

A baixa quantidade de jornalistas do Jornal Nacional fora do mercado de comunicação pode ser considerada como um fator positivo, já que se trata de profissionais com experiência na cobertura de ciência, e que seguem tendo espaço midiático para, eventualmente, exercerem mais coberturas sobre esse universo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo começa com censura. Não, ironicamente, esta é a melhor frase para definir o que foi o jornalismo científico apresentado pelos programas Jornal da Record e Jornal Nacional durante o período analisado. Ambos os telejornais, e cada um com suas especificidades, tiveram coberturas não só afetadas pela emergência em saúde causada pela chegada da covid-19, mas também pelo autoritarismo político imposto na época pelo então presidente do país, Jair Messias Bolsonaro.

No caso do Jornal da Record, e de sua emissora responsável, a Record TV, a censura tentou ser implícita aos olhos do telespectador. A ciência se fez tão presente no telejornal quanto estava presente na gestão bolsonarista. E a pandemia, que impunha um alcance científico maior junto à imprensa, foi, em diferentes formas, minimizada. Considerando o espaço fixo no Jornal da Record, a pandemia era notícia de 40 segundos, presente na narração dos números disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Entretanto, a análise da situação em que o país vivia, e que deveria vir com os dados de óbitos e novos casos do coronavírus, veio, na maioria das vezes, nas palavras do jornalista Augusto Nunes: sem fontes, sem referências e sem refletir a realidade da época no país. E o jornalismo científico do telejornal que, em termos quantitativos, teve uma quantidade razoável de coberturas, e, pode-se dizer que consultou fontes de informação bastante diversas, entre humanas e não humanas, priorizou a voz de religiosos no lugar de ouvir mais cientistas – o que seria mais lógico em se tratando de uma emergência de saúde, decorrente da disseminação de um novo e desconhecido vírus.

Se compararmos com os diagnósticos de Fabíola de Oliveira (2002) postos em seu livro *Jornalismo Científico*, o Jornal da Record rompeu alguns dos elementos criticados pela autora ao jornalismo científico que era produzido pelo Brasil na época, de abordar mais temas internacionais e usando fontes estrangeiras. O que se observou no presente trabalho foi que o jornalismo científico feito pela Record TV focou mais nos acontecimentos nacionais, utilizando fontes nacionais e também mais diversas. Entretanto, o Jornal da Record seguiu com uma das principais preocupações da pesquisadora sobre essa vertente do jornalismo, e não conseguiu se livrar das amarras governamentais. No caso da Record, não apenas dando preferência aos informes do

Ministério da Saúde, que minimizou a gravidade da pandemia, mas também destinando menos tempo à cobertura da covid-19, deixando de ouvir autoridades científicas, o que atendia a estratégia negacionista aplicada no Governo Bolsonaro. Ou seja, a emissora agiu em benefício do Governo Federal que, não por acaso, foi um grande anunciante no canal no período.

Eugênio Bucci, em uma publicação de 2011, afirma que o Brasil passou tantos anos censurando a imprensa, seja com o controle que a família real portuguesa exercia sobre as publicações ou com a ditadura militar anos mais tarde, que as instituições nacionais lidam com a censura com a maior naturalidade. “No Brasil, a censura precede a imprensa”, pondera o especialista (Bucci, 2011, p. 269).

Bucci (2011) também analisa que, a partir do momento em que o Estado se tornou um dos maiores anunciantes publicitários do país, a nossa sociedade criou e naturalizou a figura do Estado-anunciante, que cresce cada vez mais conforme o aumento de seu poder econômico. É possível colocar a Record TV nesta situação. Emissora que recebia a maior fatia da verba publicitária governamental em 2020, a Record TV rompeu, em muitos momentos, com valores éticos do jornalismo, por conta de valores econômicos.

E se as práticas de minimização da pandemia e da ciência foram vistas na análise que pegou o mês de julho de 2020, dois anos depois a censura seria mais explícita: em agosto de 2022, o Jornal da Record passou a ser gravado, e não mais exibido ao vivo, uma ordem da presidência da emissora. Internamente, se defendeu este movimento para controlar falhas técnicas nas exibições de reportagens e erros nas falas dos âncoras do telejornal, mas produtores e repórteres viram a decisão como uma possível censura a temas críticos à gestão governamental de Bolsonaro (Safner, 2022; Vaquer, 2022).

Ao fazer um balanço da atuação da imprensa durante a cobertura da pandemia de covid-19, o jornalista Merval Pereira é categórico: “a ajuda governamental é sempre perigosa para a independência jornalística” (2021, p. 361). Um diagnóstico que pode ser dado à Record TV a partir da análise feita aqui.

Já para a TV Globo e seu Jornal Nacional, a censura foi explícita, uma proibição aberta à população, uma violação ao direito à informação. Os constantes obstáculos colocados propositalmente pelo Governo Federal para dificultar o acesso da imprensa às

informações do Ministério da Saúde sobre os números de casos e óbitos da covid-19 fizeram com que grupos de comunicação concorrentes se unissem na criação do Consórcio de Veículos de Imprensa, que se tornou a principal base de informações na cobertura da pandemia pela emissora.

Com o Consórcio, os grupos de comunicação não ficaram apenas próximos da ciência por conta do factual de uma emergência em saúde, mas passaram a consultar especialistas para ajudarem nas formas de cobrir a pandemia. Um exemplo disso foi a criação da média móvel de casos do novo coronavírus, uma metodologia científica implementada pelos jornalistas, e que também foi passada e ensinada aos telespectadores em diversas reportagens.

Opondo-se aos diagnósticos de Oliveira (2002), o jornalismo científico produzido pelo Jornal Nacional foi destaque de edições e era majoritariamente nacional em todas as frentes: fossem as temáticas escolhidas, as fontes de informações consultadas ou os especialistas chamados para dar entrevistas. Entretanto, três anos depois, parte das mudanças positivas trazidas pela pandemia para a cobertura de ciência já se perdeu.

A mesma Fabíola de Oliveira, no 1º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico, realizado em 1982, já falava que a grande imprensa não costumava manter em seus quadros os jornalistas especializados em ciência, um comportamento diferenciado da gestão de outras editorias, como economia e política, e que isso comprometia a qualidade da informação científica passada ao espectador (Oliveira, 1982). Um comportamento repetido 40 anos depois, quando a TV Globo abre mão de um dos profissionais que mais atuou na cobertura científica da pandemia, o jornalista Márcio Gomes, e quando o mesmo profissional, ao sair, justificou sua decisão ao não ver mais oportunidades de crescimento na emissora.

Para o jornalista Ricardo Feith, os efeitos da covid-19 no jornalismo foram transitórios. Eles trouxeram um aumento de público às notícias, o que mostrou o valor da informação baseada em evidências, mas não resolveram os problemas em que se encontram o jornalismo nacional e global, como a perda crescente de publicidade e a migração de público para plataformas digitais (Feith, 2021). Não à toa, as duas emissoras analisadas nesta pesquisa, além de virem de históricos de demissões, realizaram demissões em massa nos anos em que esta pesquisa foi idealizada, de 2021 a

2023.

Muitos são os estudiosos que afirmam que é necessário olhar com atenção a crise do jornalismo, como Bucci (2000) e Bueno (2022), já que ela tem consequência direta na produção do jornalismo científico. Essa crise não é reflexo apenas de uma situação econômica, como um setor mercadológico em queda, ela envolve, diretamente, o acesso à informação e como essa informação é passada (ou não) para a sociedade, que se articula conforme os conhecimentos que obtém.

Dada a importância do jornalismo neste processo de conscientização e engajamento societário, há a defesa pela criação de políticas públicas que ajudem a subsidiar a estrutura comunicacional do país. Mas o envolvimento governamental deve existir na construção de políticas, e não no controle de conteúdos.

Este é um dos pontos levantados pelo historiador Yuval Noah Harari: “Se queremos usufruir da informação científica confiável em um momento de emergência, devemos investir nela em tempos normais” (Harari, 2020, p. 90). Harari (2020) defende que a informação científica precisa de instituições fortes, como universidades e a imprensa, e que essas instituições não só devem se comprometer na busca pela verdade, mas precisam ser livres para difundir suas descobertas. Na fala do especialista, ciência e jornalismo são colocados num mesmo patamar, como instrumentos importantes da sociedade que só funcionam com independência.

Bueno (2022) também reforça os apontamentos sobre políticas públicas dedicadas ao jornalismo, mas não só ao jornalismo em geral, e sim para difusão do jornalismo científico também. Para o autor, o jornalismo científico é uma ferramenta importante que pode despertar a vocação científica na sociedade, por isso, ele precisa integrar uma política ampla de divulgação científica, construída sob as várias esferas governamentais (federal, estaduais e municipais).

A covid-19 trouxe mudanças significativas ao jornalismo científico brasileiro e muitos de seus impactos seguem até hoje. Porta-vozes que se consolidaram no período, hoje são referências nacionais e têm espaços contínuos na imprensa, como é o caso dos biólogos Atila Iamarino e Natália Pasternak, ambos contratados pela TV Cultura. Há também os relatos dos profissionais da imprensa que ganharam visibilidade falando do coronavírus e foram promovidos ou receberam melhores propostas de trabalho, como os

já citados casos de Alan Severiano e Márcio Gomes.

Por meio desta pesquisa, foi possível apresentar um retrato segmentado de um momento muito relevante para a ciência – não só brasileira, mas mundial. Este retrato possibilitou comparar elementos ou características na cobertura de ciência que foram constatadas por Fabíola de Oliveira cerca de 20 anos atrás. As duas emissoras e seus telejornais analisados procederam de formas diferentes do que foi detectado por Oliveira ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000. Além disso, ambas as emissoras e seus telejornais se diferenciaram no modo de tratar o tema da pandemia.

Olhar para cenários do jornalismo científico no período de pandemia e compará-lo com conceitos, diagnósticos ou características da cobertura de ciência, sejam eles do início dos anos 2000, ou agora, em 2023, é essencial para identificar algumas mudanças que ocorreram e erros que se repetiram em duas das maiores empresas de comunicação da imprensa nacional

O que os dois telejornais fizeram logo após a pandemia e como estão procedendo agora, já é tema para futuras pesquisas. Espera-se que esta dissertação ajude a fornecer pistas sobre a cobertura de telejornais frente a uma emergência global de saúde.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A CONTA DOS PASSARALHOS.** Disponível em:

<<https://passaralhos.voltdata.info/index.html>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

ABC (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS). **O desmonte da Ciência**

**Brasileira.** Disponível em:

<<https://www.abc.org.br/2019/04/08/o-desmonte-da-ciencia-brasileira/>>. Acesso em: 28 set. 2022.

ABREU, Diego. **STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista.** G1. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1198310-5598,00-STF+DERRUBA+EXIGENCIA+DE+DIPLOMA+PARA+EXERCICIO+DA+PROFISSAO+DE+JORNALISTA.html>>. Acesso em: 14 out. 2022

ALBERGUINI, Audre Cristina. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros:** (o papel educativo e a compreensão pública das matérias de ct&i). 2007. 300 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

ALMEIDA, Gastão Thomaz de. **O campo de atuação do Jornalismo Científico.** In: Congresso Ibero-Americano de Jornalismo Científico (comp.). Anais do 4º Congresso Ibero-Americano de Jornalismo Científico e 1º Brasileiro de Jornalismo Científico. São Paulo: Associação Brasileira de Jornalismo Científico, 1982. p. 143-158.

ALVES, Gabriel. **Pioneiro na divulgação científica, José Reis incentivou presença de pesquisadores na mídia.** Folha de S. Paulo. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/pioneiro-na-divulgacao-cientifica-jose-reis-incentivou-presenca-de-pesquisadores-na-midia.shtml>>. Acesso em: 04 abr. 2023.

ANA DO RH. **Comunicação de alta performance – com Vanessa Libório.**

Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=\\_J-K-SkGvEM&ab\\_channel=AnadoRH](https://www.youtube.com/watch?v=_J-K-SkGvEM&ab_channel=AnadoRH)>. Acesso em: 15 out. 2023.

ANDRADE, Lacy Varella Barca de. **Iguarias na Hora do Jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário**. 2004. 266 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Gestão e Difusão em Ciências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ANDRADE, Vinícius. **Em 2021, audiência do streaming 'matou' TV paga e deixou Record e SBT a ver navios**. Notícias da TV. Disponível em:

<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/em-2021-audiencia-do-streaming-matou-tv-paga-e-deixou-record-e-sbt-ver-navios-719488>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ANDRADE, Vinícius. **Jornal Nacional da pandemia perde ibope e se aproxima de recorde negativo histórico**. Notícias da TV. Disponível em:

<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/jornal-nacional-da-pandemia-perde-ibope-e-se-aproxima-de-recorde-negativo-historico-60136>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ANDRADE, Vinícius. **Mais de 50 demitidos: Sindicatos organizam protesto na porta da Globo**. Notícias da TV. Disponível em:

<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/mais-de-50-demitidos-sindicatos-organizam-protesto-na-porta-da-globo-100426>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ANDRADE, Vinícius. **Streaming cresce 50% em um ano e só perde para a Globo no Ibope; veja**. Notícias da TV. Disponível em:

<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/streaming-cresce-50-em-um-ano-e-so-perde-para-globo-no-ibope-veja-64762>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

AZEVEDO, Evelin. **Cloroquina: estudo definitivo comprova que remédio não é eficaz na prevenção de hospitalização por Covid**. O Globo. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/saude/medicina/cloroquina-estudo-definitivo-comprova-que-remedio-nao-eficaz-na-prevencao-de-hospitalizacao-por-covid-25458680>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

BAGUETE. **Magalu compra site Canaltech e plataforma da Inloco**. Disponível em:

<<https://www.baguete.com.br/noticias/06/08/2020/magalu-compra-site-canaltech-e-plataforma-da-inloco>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BASTOS, Erlan. **Globo suspende Mais Você e altera grade nacional**. Observatório da TV. Disponível em:

<<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/globo-suspende-mais-voce-e-altera-grade-nacional>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: GASKELL e BAUER (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, p. 189-217, 2004.

BENÍCIO, Jeff. **Quem é o repórter testado como âncora e agora na fila para suceder Bonner**. Terra. Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/diversao/tv/quem-e-o-reporter-testado-como-ancora-e-agora-na-fila-para-suceder-bonner,cdd42a5f8631b5b337bc0d81c4785bb2i5udr0tb.html>>.

Acesso em: 28 ago. 2023.

BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa; BERNARDO, Roberto; PESSÔA, Jéssica Dayane Nunes. **O jornalismo na história das epidemias: um instrumento contra a desinformação diante da infodemia global**. In: GOBBI, Maria Cristina; VENTURA, Mauro Souza (org.). Cidadania comunicativa na era da desinformação. Bauru: Canal 6, 2023. p. 153-193.

BERTHOLINI, Frederico. **Brasil - “We Are All Going To Die One Day”**. In: RINGE, Nils; RENNÓ, Lucio (ed.). Populists and the Pandemic: how populists around the world responded to covid-19. London and New York: Routledge, 2023. p. 44-56.

BRADSHAW, Samantha et al. **Sourcing and Automation of Political News and Information over Social Media in the United States, 2016-2018**. Political Communication, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 173-193, 26 out. 2019.

BRASILIANA. **Nossa Ciência**. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/brasiliansa/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=549&sid=25>>.

Acesso em: 04 abr. 2023.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa brasileira: seu tempo, seu lugar e sua liberdade - e a ideia que (mal) fazemos dela**. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Agenda Brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 266-277.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 249 p.

BUENO, Flávia Thedim Costa; SOUTO, Ester Paiva; MATTA, Gustavo Corrêa. **Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil**. In: MATTA, Gustavo Corrêa et al (org.). Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021. p. 36-51. (Informação para ação na covid-19).

BUENO, Wilson da Costa. **A imprensa brasileira e a síndrome da erva daninha**. In: SOUSA, Cidoval Morais de; FERREIRA, Jose Roberto; BORTOLIERO, Simone (org.). *Jornalismo Científico e Educação para as Ciências*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006. p. 527-546.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico, ciência e cidadania**. In: SOUSA, Cidoval Morais de (org.). *Comunicação, Ciência e Sociedade: diálogos de fronteira*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004. p. 35-64.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico, lobby e poder**. In: *Parcerias Estratégicas*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001, p. 168-200.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória**. In: PORTO, C (org.). *Difusão e cultura científica: alguns recortes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 113-125. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2022.

BURGIERMAN, Denis Russo. **15 anos de Super**. Superinteressante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/15-anos-de-super>>. Acesso em: 15 out. 2023.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. 229 p.

CALDAS, Graça. **Comunicação, educação e cidadania: o papel do jornalismo científico**. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento: política, ciência, divulgação*. Campinas: Pontes Editores, 2003, vol. 2. p. 73-80.

CARDOSO, Jorge. **Finalista de prêmio internacional, repórter é promovido pela Globo**. TV Pop. Disponível em: <<https://www.tvpop.com.br/129968/finalista-de-premio-internacional-reporter-e-promo>>

vido-pela-globo/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CASTRO, Daniel. **Carolina Ferraz é contratada pela Record para apresentar Domingo Espetacular**. Notícias da TV. Disponível em:  
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/daniel-castro/carolina-ferraz-e-contratada-pela-record-para-apresentar-domingo-espetacular-38159>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

CASTRO, Daniel. **Sob nova direção, Record afasta apresentadora do Domingo Espetacular**. Notícias da TV. Disponível em:  
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/sob-nova-direcao-record-afasta-apresentadora-do-domingo-espetacular-26688>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

CAVALCANTE, Isabella. **Marca do governo, live de Bolsonaro às quintas está abandonada há 3 semanas**. Estado de Minas. Disponível em:  
<[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/17/interna\\_politica,1422466/marca-do-governo-live-do-bolsonaro-as-quintas-esta-abandonada-ha-3-semanas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/17/interna_politica,1422466/marca-do-governo-live-do-bolsonaro-as-quintas-esta-abandonada-ha-3-semanas.shtml)>. Acesso em: 09 abr. 2023.

CGEE. **PERCEPÇÃO pública da C&T no Brasil – 2019**: Resumo executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2019, 24 p. Disponível em:  
<[https://www.cgee.org.br/documents/10195/4686075/CGEE\\_resumoexecutivo\\_Percepcao\\_pub\\_CT.pdf](https://www.cgee.org.br/documents/10195/4686075/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_pub_CT.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CHAUI, Marilena. **Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. 102 p.

CNN BRASIL. **Elaine Bast é a nova analista de economia da CNN Brasil**. Disponível em:  
<<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/elaine-bast-e-a-nova-analista-de-economia-da-cnn-brasil/>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

COLETTA, Ricardo Della; SALDAÑA, Paulo. **'Acabou matéria no Jornal Nacional', diz Bolsonaro sobre atraso em divulgação de boletim da Covid-19**. Folha de S. Paulo. Disponível em:  
<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/acabou-materia-no-jornal-nacional-diz-bolsonaro-sobre-atraso-em-divulgacao-de-boletim-da-covid-19.shtml>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

COLETTA (2), Ricardo Della. **Bolsonaro critica ações para fechar igrejas durante pandemia**. Folha de S. Paulo. Disponível em:  
<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/bolsonaro-critica-acoes-para-fechar-igrejas-durante-pandemia.shtml>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. **Márcio Gomes deixa a Globo e vai para a CNN Brasil**. Disponível em:  
<<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/10/4883138-marcio-gomes-deixa-a-globo-e-vai-para-a-cnn-brasil.html>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

COSTA, Tatiane Cruz Leal. **Jornalismo Científico X Divulgação Científica: uma análise da cobertura da COP-15**. Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 56f.

CUNHA, Renato D. **Divulgação científica, jornalismo científico ou comunicação científica? (V.2, N.1, P.4, 2019)**. Guia dos Entusiastas da Ciência (Proec-UFABC). Disponível em:  
<<https://gec.proec.ufabc.edu.br/o-que-que-a-ciencia-tem/divulgacao-cientifica-jornalismo-cientifico-ou-comunicacao-cientifica/>>. Acesso em: 14 out. 2022.

DI GIULIO, Gabriela Marques et al. **Risk governance in the response to global health emergencies: understanding the governance of chaos in Brazil's handling of the covid-19 pandemic**. Health Policy And Planning, London, v. 38, p. 593-608, 7 mar. 2023.

DRACZ, Juliana. **Jornal da Record encerra 2021 com a maior média de audiência em 10 anos**. Observatório da TV. Disponível em:  
<<https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/jornal-da-record-encerra-2021-com-a-maior-media-de-audiencia-em-10-anos>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2016, 26ª edição. 207p.

EDELMAN. **Relatório de notícias digitais 2020 do Instituto Reuters**. Disponível em:  
<<https://www.edelman.com.br/estudos/relatorio-de-noticias-digitais-2020-do-instituto-reuters>>. Acesso em: 04 out. 2022.

EGITO.COM. **Dinastias do Egito**. Disponível em:

<[https://www.egito.com/dinastias#:~:text=O%20Per%C3%ADodo%20Antigo%20do%20Egito,trabalhavam%20para%20satisfazer%20ao%20fara%C3%B3.>. Acesso em: 09 abr. 2023.](https://www.egito.com/dinastias#:~:text=O%20Per%C3%ADodo%20Antigo%20do%20Egito,trabalhavam%20para%20satisfazer%20ao%20fara%C3%B3.)

EMBRAPA. **Influenza Aviária**. Disponível em:

<<https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/ia>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

FABRINI, Fábio. **Globo perde participação em verba oficial de publicidade sob Bolsonaro**. Folha de S. Paulo. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/globo-perde-participacao-em-verba-oficial-de-publicidade-sob-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

FANTÁSTICO. **Exclusivo: 'brasileiro não sabe se escuta o ministro ou o presidente', diz Mandetta**. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/04/12/maio-e-junho-serao-os-meses-mais-duros-afirma-mandetta-em-entrevista-exclusiva-ao-fantastico.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FEITH, Roberto. **Apresentação do editor**. In: FEITH, Roberto (ed.). *Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional*. Rio de Janeiro: História Real, 2021. p. 7-29.

FELTRIN, Ricardo. **Veja o ranking de ibope da TV aberta; RedeTV já ronda o "traço"**. Splash UOL. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/splash/noticias/oops/2022/02/04/veja-o-ranking-de-ibope-da-tv-aberta-redetv-ja-ronda-o-traco.htm>>. Acesso em 05 out. 2022.

FERNANDES, Ana Maria. **A construção da ciência no Brasil e a SBPC**. 2. ed.

Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 292 p.

FERNANDES, Thaís. **Apenas um nome e uma história**. *Ciência Hoje*. Disponível em:

<<https://cienciahoje.org.br/acervo/apenas-um-nome-e-uma-historia/>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

FERRARI, Carlos Kusano Bucalen. **Resposta brasileira à pandemia de covid-19: o Ministério da Saúde acertou, a Presidência da República errou**. *Boletim de Conjuntura, Boa Vista*, v. 3, n. 7, p. 1-8, 22 jun. 2020.



FOLHA DE S. PAULO. **Relembre os jornalistas demitidos pela TV Record.**

Disponível em:

<<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1773246596399852-relembre-os-jornalistas-demitidos-pela-tv-record>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

FOLHA DE S. PAULO. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19.** Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FUCUTA, Brenda. **O enterro sem fim da Editora Abril e o fim da era dos editores.**

Universa. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/universa/colunas/brenda-fucuta/2021/05/22/o-enterro-sem-fim-da-editora-abril-e-o-fim-da-era-dos-editores.htm>>. Acesso em: 04 out. 2022.

G1. **Abril demite 150 e fecha quatro publicações.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2013/08/abril-demite-150-e-fecha-quatro-publicacoes.html>>. Acesso em: 04 out. 2022.

G1. **BTG Pactual compra revista Exame.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2019/12/05/btg-pactual-compra-revista-exame.ghtml>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

G1. **Casos e mortes por coronavírus no Brasil em 15 de agosto, segundo consórcio de veículos de imprensa (atualização das 13h).** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/15/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-15-de-agosto-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

G1. **Estudos mostram que cloroquina não tem eficácia no tratamento do coronavírus; entenda as pesquisas.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/12/estudos-mostram-que-cloroquina-nao-tem-eficacia-no-tratamento-do-coronavirus-entenda-as-pesquisas.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GLOBOPLAY. **Fantástico.** Disponível em:

<<https://globoplay.globo.com/fantastico/t/S15HBdHBdn/cenas/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

GLOBOPLAY. **Jornal Nacional – PROGRAMA de 24/03/2020**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8428682/>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

GSHOW. **Globo altera programação para aumentar espaço de informações sobre o coronavírus**. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/mais-voce/noticia/globo-altera-programacao-para-aumentar-espaco-de-informacoes-sobre-o-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

GIUDICE, Cláudia. **Um depoimento de quem viveu a Abril no auge da editora à crise que Roberto Civita anteviu**. Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.sjpmg.org.br/2020/01/um-depoimento-de-quem-viveu-a-abril-do-auge-da-editora-a-crise-que-roberto-civita-anteviu/>>. Acesso em: 04 out. 2022.

GONÇALVES, Adilson Roberto; FIGUEIREDO, Simone Pallone de. **Percepção do público em relação à CT&I pela avaliação das cartas de leitores**. Revista do Edicc, Campinas, v. 6, n. 0, p. 278-288, jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/6502>. Acesso em: 15 out. 2023.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **Scientific American Brasil: esquemas ilustrativos e divulgação da ciência**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 145-155, 1º sem. 2009.

GUARALDO, Luciano. **Há um mês na CNN Brasil, Márcio Gomes revela por que saiu da Globo**. Notícias da TV. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/ha-um-mes-na-cnn-brasil-marcio-gomes-revela-por-que-saiu-da-globo-47363>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GUERE, Héctor Navarro. **Cómo es la información que recibimos sobre la covid-19**. Estudio de percepción y consumo. In: Chasqui, Revista Latinoamericana de Comunicación, nº 145, 2020, p. 67-91.

HAFIZ, Mariana et al. **Ciência na mídia: uma proposta de classificação de**

**informação a partir de estudo de caso sobre a "Folha" e o "NYT" no primeiro ano da pandemia.** Journal of Science Communication - América Latina, [S.L.], v. 6, n. 01, p. 1-21, maio 2023. Disponível em:

<[https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL\\_0601\\_2023\\_A03/](https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0601_2023_A03/)>. Acesso em: 26 jun. 2023.

HAMON, Gabriel. **Após atrasos do governo, Globo faz 'Plantão' para divulgar dados da Covid-19 e gera repercussão.** O Popular. Disponível em:

<<https://opopular.com.br/magazine/apos-atrasos-do-governo-globo-faz-plant-o-para-divulgar-dados-da-covid-19-e-gera-repercuss-o-1.2064953>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia:** e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 97 p.

HENN, Ronaldo. **Os fluxos da notícia.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. 123 p.

HISTÓRIA GRUPO GLOBO. **2018 – Lançamento do programa Uma Só Globo.**

História Grupo Globo. Disponível em:

<<https://historia.globo.com/historia-grupo-globo/2015-2024/noticia/2018-lancamento-d-e-uma-so-globo.ghtml>>. Acesso em: 04 out. 2022.

IG. **Jornalista da Globo pede demissão após 26 anos na emissora.** Disponível em:

<<https://gente.ig.com.br/tvenovela/2021-06-03/jornalista-globo-tatiana-nascimento.html>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

JASANOFF, Sheila. **Science and Democracy.** In Felt, Fouché, Miller and Smith-Doerr (eds). The Handbook of Science and Technology Studies, 4th Ed. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2017, pp. 259-288.

JORNAL DA CIÊNCIA. **Partidos acionam STF contra bloqueio de R\$ 14 bi no orçamento da Ciência.** Disponível em:

<<http://www.jornaldaciencia.org.br/partidos-acionam-stf-contra-bloqueio-de-r-14-bi-no-orcamento-da-ciencia/>>. Acesso em: 28 set. 2022

JORNAL NACIONAL. **Balanco indica que 2021 foi o ano mais letal da pandemia no país.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/31/balanco-indica-que-2021-foi-o-ano-mais-letal-da-pandemia-no-pais.ghtml>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

JUNQUEIRA, Caio. **Onyx e Osmar Terra discutem saída de Mandetta**. CNN Brasil.

Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/onyx-e-osmar-terra-discutem-saida-de-mandetta>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

LETTIERI, Carla. **Doenças que foram consequências diretas do consumo de carne e produtos de origem animal**. Animal Equality Brasil. Disponível em:

<[MACHADO, Dayane Fumiyo Tokojima; SIQUEIRA, Alexandre Fioravante de;](https://animalequality.org.br/blog/doencas-que-foram-consequencias-diretas-do-consumo-de-carne-e-produtos-de-origem-animal/#:~:text=Come%C3%A7ou%20h%C3%A1%20trinta%20anos%2C%20em,%E2%80%9Cdoen%C3%A7a%20da%20vaca%20louca%E2%80%9D.></a>. Acesso em: 09 abr. 2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

GITAHY, Leda. **Natural stings: selling distrust about vaccines on Brazilian**

**YouTube**. *Frontiers in communication*: 2020, 9 p.

MAIA, Kênia Beatriz Ferreira; GOMES, Ana Cecília Aragão. **Para pensar o fazer e a**

**pesquisa em divulgação científica e jornalismo científico**. In: XXIX CONGRESSO

BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 25., 2006,

Brasília. Anais [...]. Brasília: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação, 2006. p. 1-14. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/140740066232613719751173427209646947265.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2022.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta**  
contra o coronavírus. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. 239 p.

MASSARANI, Luisa; BAUER, Martin W.; AMORIM, Luís. **Um raio X dos**

**jornalistas de ciência: há uma nova "onda" no jornalismo científico no Brasil?**

*Comunicação & Sociedade (C&S)*, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 1, p. 111-129, jul.

2013. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3612/370>>  
. Acesso em: 05 abr. 2023.

MELO, José Marques de. **Hipólito da Costa, Repórter Precoce**. In: XXIV

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo

Grande. Anais [...]. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 1-32. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/49024628982995064054380085026357230910.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MELO, José Marques de. **História do Jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012. 447 p.

MELO, José Marques de. **O Jornalismo Científico na universidade brasileira**: Anotações de um observador participante. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE JORNALISMO CIENTÍFICO (comp.). Anais do 4º Congresso Ibero-Americano de Jornalismo Científico e 1º Brasileiro de Jornalismo Científico. São Paulo: Associação Brasileira de Jornalismo Científico, 1982. p. 369-379.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo Ciência**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/globo-ciencia/noticia/globo-ciencia.ghtml>>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 407 p.

MONTEIRO, Danielle. **O que você precisa saber sobre a transmissão do novo coronavírus pelo ar?** Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/49471>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MORAES, Thiago. **Escalada: as manchetes de um telejornal**. Casa das Focas. Disponível em: <<https://www.casadosfocas.com.br/escalada-as-manchetes-de-um-telejornal/>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MORAES, Thiago. **Mini-Glossário de telejornalismo**. Casa das Focas. Disponível em: <<https://www.casadosfocas.com.br/mini-glossario-do-telejornalismo/>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. **Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil**. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (org.). *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002. p. 43-64.

MOURA (1), Maria Aparecida. **Construção social da cidadania científica: desafios**.

In: MOURA, Maria Aparecida (org.). Educação científica e cidadania: abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p. 19-29.

MOURA (2), Mariluce. **Histórias para contar**. Pesquisa Fapesp. São Paulo, p. 40-46. out. 2012. Disponível em:  
<[https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/10/040-046\\_jornalismocientifico\\_200.pdf](https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/10/040-046_jornalismocientifico_200.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2022.

NELKIN, Dorothy. **The Political Impact of Technical Expertise**. Social Studies of Science 5(1):35-54, 1975.

NOTÍCIAS DA TV. **Cenário 'Matrix' do Domingo Espetacular ofusca estreia de Carolina Ferraz**. Disponível em:  
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/cenario-matrix-do-domingo-espetacular-ofusca-estreia-de-carolina-ferraz-39236>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

NOTÍCIAS DA TV. **Par de Carolina Ferraz na Record testa positivo para Covid-19; conheça o substituto**. Disponível em:  
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/par-de-carolina-ferraz-na-record-testa-positivo-para-covid-19-conheca-o-substituto-40813>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

NOTÍCIAS DA TV. **Record define estreia de Carolina Ferraz no Domingo Espetacular; saiba quando**. Disponível em:  
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/record-define-estreia-de-carolina-ferraz-no-domingo-espetacular-saiba-quando-38915>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

NOTÍCIAS DA TV. **Saiba quanto um ponto no Ibope vai valer a partir de 1º de janeiro de 2021**. Disponível em:  
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/saiba-quanto-um-ponto-no-ibope-vai-valer-partir-de-1-de-janeiro-de-2021-48706>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

O POVO. **Veja quais os canais de televisão mais vistos no Brasil em 2019**. Disponível em:  
<<https://www.opovo.com.br/divirtase/2019/04/23/veja-quais-os-canais-de-televisao-mais-vistos-no-brasil-em-2019.html>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

O TEMPO. **Globo cancela transmissão do programa 'Combate ao Coronavírus'**.

Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/diversao/globo-cancela-transmissao-do-programa-combat-e-ao-coronavirus-1.2340682>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002. 3ª edição, 1ª reimpressão. 92 p.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Pontos para um maior acesso à informação científica e tecnológica**. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE JORNALISMO CIENTÍFICO (comp.). Anais do 4º Congresso Ibero-Americano de Jornalismo Científico e 1º Brasileiro de Jornalismo Científico. São Paulo: Associação Brasileira de Jornalismo Científico, 1982. p. 109-111.

OLIVEIRA, Marília Santini de; MATOS, Aline da Rocha; SIQUEIRA, Marilda Mendonça. **Conhecendo o Sars-CoV-2 e a Covid-19**. In: BUSS, Paulo Marchiori; FONSECA, Luiz Eduardo (org.). Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020. p. 93-111. (Informação para ação na covid-19).

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus**. Disponível em:

<<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-nove-l-coronavirus>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

PACETE, Luiz Gustavo. **Brasil perdeu oito jornais em 6 anos**. Meio & Mensagem.

Disponível em:

<<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2015/07/15/brasil-perdeu-oito-jornais-em-6-anos.html>>. Acesso em: 04 out. 2022.

PACHECO, Paulo. **Alan Severiano é promovido na Globo e estreia como apresentador do Jornal Hoje**. Observatório da TV. Disponível em:

<<https://observatoriodatv.uol.com.br/colunas/paulo-pacheco/alan-severiano-e-promovido-na-globo-e-estrela-como-apresentador-do-jornal-hoje>>. Acesso em 28 ago. 2023.

PADIGLIONE, Cristina. **Brasileiro passou 7h09 por dia diante da TV em 2020, com recordes de audiência**. Telepadi. Disponível em:

<<https://telepadi.folha.uol.com.br/brasileiro-passou-em-media-7h09-por-dia-diante-da-tv-em-2020-com-records-de-audiencia/>>. Acesso em: 05 out. 2021.

PADIGLIONE, Cristina. **Cada um na sua tela: consumo individual motiva nova ferramenta para medir audiência.** Telepadi. Disponível em:

<<https://telepadi.folha.uol.com.br/cada-um-na-sua-tela-consumo-individual-motiva-nova-ferramenta-para-medir-audiencia/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PADIGLIONE, Cristina. **Globo e SBT perderam audiência em 2021; Record manteve saldo de 2020.** Folha de S. Paulo. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2022/01/globo-e-sbt-perderam-audiencia-em-2021-record-manteve-saldo-de-2020.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PADIGLIONE (2), Cristina. **Record ultrapassa SBT na média da audiência nacional de 2020.** Folha de S. Paulo. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2021/01/record-ultrapassa-sbt-na-media-da-audiencia-nacional-de-2020.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV.** Rio de Janeiro: Campus, 1999. 158 p.

PAVINI, Angelo. **XP Investimentos compra InfoMoney e reforça braço on-line.**

Valor Econômico. Disponível em:

<<https://valor.globo.com/financas/noticia/2011/09/08/xp-investimentos-compra-infomoney-e-reforca-braco-on-line.ghtml>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PEREIRA, Merval. **Jornalismo: Ética e Responsabilidade.** In: FEITH, Roberto (ed.).

Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional. Rio de Janeiro:

História Real, 2021. p. 349-367.

PERLINE, Gabriel. **Record se inspira na Globo e inicia onda de demissões no**

**Jornalismo.** IG. Disponível em:

<<https://gente.ig.com.br/colunas/gabriel-perline/2023-06-24/record-se-inspira-na-globo-e-inicia-onda-de-demissoes-no-jornalismo.html>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PESQUISA FAPESP. **O nascimento de uma revista.** Disponível em:

<<https://revistapesquisa.fapesp.br/o-nascimento-de-uma-revista/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

PRAZERES, Leandro. **Gasto do governo federal com publicidade cresce, e Record supera Globo**. Folha de S. Paulo. Disponível em:  
 <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/gasto-do-governo-federal-com-publicidade-cresce-e-record-supera-globo.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

PODER 360. **Com dívida de R\$ 1,6 bi, Editora Abril entra em recuperação judicial**. Disponível em:  
 <<https://www.poder360.com.br/economia/com-divida-de-r-16-bi-editora-abril-entra-em-recuperacao-judicial/>>. Acesso em: 04 out. 2022.

PODER 360. **Record TV demite 200 profissionais para “reorganização”**. Disponível em:  
 <<https://www.poder360.com.br/midia/record-tv-demite-200-profissionais-para-reorganizacao/>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

RECORD TV. **Domingo Espetacular**. Record TV. Disponível em:  
 <<https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

RECORD TV. **Programação**. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/programacao>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

REIS, José. **Mensagem do Prof. José Reis**. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE JORNALISMO CIENTÍFICO (comp.). Anais do 4º Congresso Ibero-Americano de Jornalismo Científico e 1º Brasileiro de Jornalismo Científico. São Paulo: Associação Brasileira de Jornalismo Científico, 1982. p. 27-30.

REVADAM, Rafael Martins; FRANCISCO, Karina Juliana; FIGUEIREDO, Simone Pallone de. **O factual científico é o mesmo factual do jornalismo?: uma análise da cobertura sobre a covid-19 no domingo espetacular e no fantástico**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. Anais [...] . João Pessoa: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022. p. 1-15. Disponível em:  
 <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0805202217514862ed82e48ff68>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

RIGHETTI, Sabine. **Inovação, formação de competências e diversificação no setor de comunicação**: a exploração da internet em dois grupos brasileiros de mídia

impressa. 2008. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RIGHETTI, Sabine. **Jornalismo pé na lama e outros quase jornalismo**s. Observatório da Imprensa: 26 de julho de 2022. Disponível em:

<<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo/jornalismo-pe-na-lama-e-outros-quase-jornalisms/>>. Acesso em: 14 out. 2022.

ROMANO, Silvia. **Las noticias televisivas como fuentes de la historia**. Historia y Grafía, Córdoba, n. 18, p. 99-120, jun. 2001.

SAFNER, Cadu. **Presidência ordena e Jornal da Record passa a ser gravado após erros**. Metrópoles (Coluna Leo Dias). Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/presidencia-ordena-e-jornal-da-record-passa-a-ser-gravado-apos-erros>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SALDAÑA, Paulo. **Após confirmar coronavírus, Ministério da Saúde diz que há 20 casos sob suspeita**. Folha de S. Paulo. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/apos-confirmar-1o-caso-de-coronavirus-ministerio-da-saude-diz-que-ha-20-casos-suspeitos.shtml>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

SCHELLER, Fernando. **Editora Abril entra com pedido de recuperação judicial**.

Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2018/08/15/editora-abril-entra-com-pedido-de-recuperacao-judicial.htm>>. Acesso em: 04 out. 2022.

SCHNEIDER, Cristina; OLIVEIRA, Marília Santini de. **Saúde Única e a Pandemia de Covid-19**. In: BUSS, Paulo Marchiori; FONSECA, Luiz Eduardo (org.). Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020. p. 112-128. (Informação para ação na covid-19).

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1991. 17ª edição. 252 p.

SILVA, Marina Ramalho e. **A ciência no Jornal Nacional e na percepção do público**. Tese (Doutorado em Química Biológica) – Instituto de Bioquímica Médica,

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SPAGNUOLO, Sérgio. **Metodologia**. A Conta dos Passaralhos. Disponível em: <<https://passaralhos.voltdata.info/metodologia.html>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

STYCER, Mauricio. **Em uma semana, cobertura da pandemia no JN encolhe de 30 para 10 minutos**. Splash UOL. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/mauricio-stycer/2020/08/04/em-uma-semana-cobertura-da-pandemia-no-jn-encolhe-de-30-para-10-minutos.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

THE ROYAL SOCIETY. **Henry Oldenberg**. Disponível em: <<https://makingscience.royalsociety.org/s/rs/people/fst00142719>>. Acesso em: 14 out. 2022.

TRINDADE, Naira e GULLINO, Daniel. **Governo prepara campanha com slogan 'O Brasil Não Pode Parar'**. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/governo-prepara-campanha-com-slogan-brasil-nao-pode-parar-1-24332284>>. Acesso em: 30 set. 2023.

TURNHOUT, Esther; GIERYN, Thomas. **Science, Politics, and the Public in Knowledge Controversies**. In E. Turnhout, W. Tuinstra, & W. Halffman (eds.), *Environmental Expertise: Connecting Science, Policy and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 68-81, 2019.

TV GRANDE RIO. **'Combate ao coronavírus' estreia para ajudar na luta contra o vírus e tirar dúvidas da população**. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/pe/tvgranderio/noticia/combate-ao-coronavirus-estreia-para-ajudar-na-luta-contra-o-virus-e-tirar-duvidas-da-populacao.ghtml>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VAQUER, Gabriel. **Bispos ordenam que Jornal da Record seja gravado; jornalistas temem censura**. Notícias da TV. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/bispos-ordenam-que-jornal-da-record-seja-gravado-jornalistas-temem-censura-86747>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

VITAL, Danilo. **Em liminar, ministro Barroso proíbe campanha "O Brasil não pode parar"**. Conjur. Disponível em:

<<https://www.conjur.com.br/2020-mar-31/liminar-barroso-proibe-campanha-brasil-nao-parar>>. Acesso em: 30 set. 2023.

VOGT, Carlos. **Jornalismo científico: o curso de pós-graduação do Labjor**. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento: (política, cidadania, divulgação)*. Campinas: Pontes Editores, 2003. p. 83-95.

VOGT, Carlos et al. **Building a Science News Media Barometer - SAPO**. In: BAUER, Martin W.; SHUKLA, Rajesh; ALLUM, Nick (ed.). *The Culture of Science: how the public relates to science across the globe*. New York: Routledge, 2012. p. 400-417.

VOGT, Carlos et al. **SAPO (Science Authomatic Press Observer): construindo um barômetro da ciência e tecnologia na mídia**. In: VOGT, Carlos (org.). *Cultura Científica: desafios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 84-130.

VOLPATO, Leonardo. **Combate ao Coronavírus é cancelado na Globo: 'Foi um privilégio', diz Marcio Gomes**. F5. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/05/combate-ao-coronavirus-e-cancelado-na-globo-foi-um-privilegio-diz-marcio-gomes.shtml#>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

VOLPATO, Leonardo. **Fátima Bernardes terá lives e clima leve no Encontro: 'Hora de conversar sobre a vida'**. F5. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/04/fatima-bernardes-tera-lives-e-clima-leve-no-encontro-hora-de-conversar-sobre-a-vida.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

WHO (World Health Organization). **Emergencies: International health regulations and emergency committees**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/emergencies-international-health-regulations-and-emergency-committees>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

YAHOO! NOTÍCIAS. **Jovem Pan é notificada pelo TSE por mentira sobre Lula e propaganda pró-Bolsonaro**. Disponível em: <[https://br.noticias.yahoo.com/jovem-pan-e-notificada-pelo-tse-por-mentira-sobre-lula-e-propaganda-pro-bolsonaro-214814515.html?guccounter=1&guce\\_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce\\_referrer\\_sig=AQAAAEExLgmeABqrMMNbSF8zvsqcoPeWtEeHnFQImxI1JvBBcwfqgzJzCvCh1sxhaFsuR5I9K8NH9iybEqG\\_9CYOUtJzM\\_QxPc3kwcaolvBJRj58EYbzpyuKUYIAC5ehW-iV7OeKwfVK95UdV5f3-R0B6e-](https://br.noticias.yahoo.com/jovem-pan-e-notificada-pelo-tse-por-mentira-sobre-lula-e-propaganda-pro-bolsonaro-214814515.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAEExLgmeABqrMMNbSF8zvsqcoPeWtEeHnFQImxI1JvBBcwfqgzJzCvCh1sxhaFsuR5I9K8NH9iybEqG_9CYOUtJzM_QxPc3kwcaolvBJRj58EYbzpyuKUYIAC5ehW-iV7OeKwfVK95UdV5f3-R0B6e-)>

15xxtJt8gouz1W-8dRmROe>. Acesso em: 14 out. 2022.

YAHYA, Hanna. **Negócios de mídia: 2018 foi o ano de fechamento de jornais e revistas**. Poder 360. Disponível em:  
<<https://www.poder360.com.br/midia/negocios-de-midia-2018-foi-o-ano-de-fechamento-de-jornais-e-revistas/>>. Acesso em: 04 out. 2022.

YOUTUBE. **Jornal da Record**. YouTube. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/c/jornaldarecord>>. Acesso em: 07 jul. 2023.